

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES**

**Programa de Pós-graduação em Administração Mestrado**

**MADISON PEREIRA DA SILVA**

**ESCOLA E COMUNIDADE: A GESTÃO PARTICIPATIVA E O DIREITO À  
CIDADE**

**Belo Horizonte**

**2024**

**MADISON PEREIRA DA SILVA**

**ESCOLA E COMUNIDADE: A GESTÃO PARTICIPATIVA E O DIREITO À  
CIDADE**

**Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.**

**Orientadora: Dra. Daniela Viegas da Costa**

**Área de concentração: Organização e Estratégia**

**Linha de pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações**

**Belo Horizonte**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário  
Bruno Tamiatt de Almeida CRB6 3082

Silva, Madison Pereira da.

S586e

Escola e comunidade: a gestão participativa e o direito à cidade.  
Belo Horizonte: Centro Universitário Unihorizontes, 2024.  
131 p.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Daniela Viegas da Costa Nascimento  
Dissertação (mestrado). Centro Universitário Unihorizontes.  
Programa de Pós-graduação em Administração.

1. Gestão participativa - Escola pública - Integração comunitária  
- Educação crítica - Cidadania - Direito à cidade - Projeto  
pedagógico colaborativo - Mobilização social  
I. Madison Pereira da Silva II. Centro Universitário Unihorizontes –  
Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: 658.71

## DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS

### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Declaro ter procedido à revisão da dissertação de mestrado intitulada ESCOLA E COMUNIDADE: A GESTÃO PARTICIPATIVA E O DIREITO À CIDADE apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico Centro Unihorizontes, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO de autoria de MADISON PEREIRA DA SILVA sob orientação de Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> DANIELA VIEGAS, contendo 130 páginas.

#### ITENS DA REVISÃO:

- *Correção gramatical*
- *Inteligibilidade do texto*
- *Adequação do vocabulário*

Belo Horizonte, 26 de dezembro de 2024



Documento assinado digitalmente  
SANDRA DE ALMADA MOTA  
Data: 26/12/2024 15:12:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Sandra de Almada Mota Doutora em Letras pela PUC –MINAS

CV: <http://lattes.cnpq.br/5235854541215701>

**REVISORA CREDENCIADA: Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Ciências Econômicas - Centro de Pós-graduação e Pesquisas em**  
**Administração Escola de Enfermagem - Col. de Pós-graduação em Gestão de Serviços**  
**de Saúde**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES - Programa de Pós-graduação em**  
**Administração Mestrado**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG**

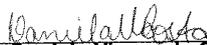
Instituto Novos Horizontes de Ensino Superior e Pesquisa Ltda.  
Centro Universitário Unihorizontes  
Mestrado Acadêmico em Administração

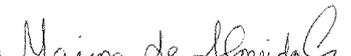
---

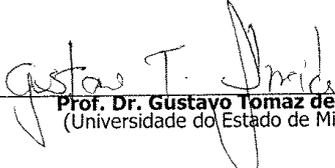
**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado Acadêmico em Administração** do(a) Senhor(a) **MADISON PEREIRA DA SILVA** REGISTRO Nº. **813** No dia **22/11/2024** às **15:00** horas, reuniu-se no Centro Universitário Unihorizontes, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, para julgar o trabalho final intitulado "**ESCOLA E COMUNIDADE: A GESTÃO PARTICIPATIVA E O DIREITO À CIDADE**". Abrindo a sessão, o(a) Senhor(a) Presidente da Comissão, **Daniela Viegas da Costa Nascimento**, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares da apresentação do Trabalho Final, passou a palavra ao(à) candidato(a) para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do(a) candidato(a). Logo após a Comissão se reuniu sem a presença do(a) candidato(a) e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final: **APROVADO**.

O resultado final foi comunicado publicamente ao(à) candidato(a) pelo(a) Senhor(a) Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o(a) Senhor(a) Presidente encerrou a reunião e lavrou o(a) presente ATA, que foi assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

22/11/2024

  
**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Viegas da Costa Nascimento**  
Centro Universitário Unihorizontes

  
**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina de Almeida Cruz**  
Centro Universitário Unihorizontes

  
**Prof. Dr. Gustavo Tomaz de Almeida**  
(Universidade do Estado de Minas Gerais)

## PRÓLOGO

Sou professor de Geografia no ensino básico, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, no ano de 2001. Nasci no bairro padre Eustáquio em Belo Horizonte, em 1966. Meus avós paternos se mudaram de Ouro Preto para Belo Horizonte, na década de 1940, porque meu avô veio trabalhar na terraplanagem do que viria a ser o aeroporto Carlos Prates. Minha família fixou residência no bairro Jardim Montanhês, nas proximidades do aeroporto Carlos Prates.

Devido ao fato de ter vivido toda a minha infância e a adolescência nas proximidades do aeroporto Carlos Prates, desenvolvi minha identidade e adquiri um sentimento de pertencimento à região. Atualmente, trabalho em uma escola nas proximidades do aeroporto, escola esta, objeto de estudo desta dissertação. Um ano antes de iniciar esta dissertação, fui convidado por uma amiga a fazer parte de um coletivo de moradores da região chamado Atingidos Pelo Prates. A pedido da liderança do coletivo fiz contato com a direção da escola questionando a possibilidade de desenvolver um projeto envolvendo a escola e o coletivo de moradores, o que foi aceito.

Como geógrafo e licenciado em geografia, penso o espaço e o território como instrumentos com potencialidade para formação humana e cidadã. E a presente dissertação é um exemplo de como a luta por direito ao espaço urbano pode se prestar a atividades que despertem o potencial de desenvolvimento de consciência crítica e cidadã nos estudantes.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha esposa, Maria Regina, pela paciência, cooperação, apoio e pelo amor que dedicou a mim nestes dois anos de dúvidas, estresse, trabalho, dedicação, superação e conquistas. Gostaria também de agradecer a todos os profissionais da Unihorizontes, desde a portaria, passando pela secretaria, biblioteca, direção e todo o corpo docente da Faculdade que me apoiaram e me deram condições para eu ter o melhor aproveitamento possível de todas as atividades realizadas e chegar ao ponto em que hoje me encontro.

Faço também um agradecimento muito especial a uma pessoa que me tranquilizou, acreditando em meu projeto de pesquisa, ela foi um misto de terapeuta e guia neste caminho que percorro há dois anos, minha orientadora Daniela Viegas, com quem me identifiquei desde quando a conheci, devido a sua linha de pesquisa e a sua forma de pensar o mundo e a Administração.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas de turma que, em sua heterogeneidade, possibilitaram um equilíbrio de diferenças que se complementaram e nos momentos mais difíceis, sempre pude contar com uma palavra de apoio e incentivo. Meu grupo de trabalho, formado por Luciana, Geficeni, Felipe, Milton e eu, foi o mais eficiente e colaborativo que já fiz parte. Todas as crises, vontade de desistir e tristezas de qualquer um da sala eram resolvidos por meio de uma intervenção do grupo.

Agradeço `s Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais que, mediante seu Programa de Pós-graduação para seus professores, “Trilhas de Futuro”, possibilitou que eu e muitos outros colegas pudéssemos ingressar em um curso de Mestrado, contribuindo para o nosso crescimento profissional e, a meu ver, principalmente para nosso crescimento pessoal.

## RESUMO

**Aderência a Linha de Pesquisa:** A presente dissertação apresenta como linha de pesquisa a gestão, educação e políticas públicas e busca entender como a gestão participativa escolar, mediada pela integração comunitária e o direito à cidade, pode transformar a prática educativa e promover uma educação crítica e cidadã. O estudo analisa um Projeto Pedagógico Colaborativo em uma escola pública que utiliza a luta de um Coletivo de Moradores pela desativação do Aeroporto Carlos Prates em Belo Horizonte e destinação social de seu terreno.

**Objetivo:** Este estudo tem por objetivo analisar como uma gestão participativa escolar, junto à integração comunidade/escola e o direito à cidade, pode transformar a educação, promovendo uma educação crítica e cidadã.

**Referencial Teórico:** A fundamentação desta pesquisa se apoia em nomes como Paulo Freire, Maria da Glória Gohn, Henri Lefebvre, David Harvey, Maurício Tragtemberg, Moacir Gadotti e Márcio Simeone Henriques que, em suas obras, estudam temas como educação libertadora, movimentos sociais, gestão democrática e participativa, direito à cidade e participação social.

**Método:** A abordagem desta pesquisa é qualitativa e o tipo de análise de dados coletados nas entrevistas é temática. Os sujeitos de pesquisa são professores, alunos, mães de alunos e membros de um Coletivo de Moradores locais.

**Resultados:** O Projeto Pedagógico Colaborativo implementado na escola apresentou potencial de converter a prática educativa tradicional em uma prática libertadora, trazendo para os estudantes certa responsabilidade social e senso de pertencimento à comunidade, auxiliando a formação crítica e cidadã deles. Este estudo também descreveu a complexidade na luta pela desativação e futura destinação do terreno do Aeroporto Carlos Prates, destacando a importância da mobilização social e da participação da comunidade na construção de uma cidade mais justa e humanizada.

**Contribuições teóricas/metodológicas:** Esta pesquisa auxilia na compreensão do conceito de gestão participativa escolar e sua relação com a comunidade e o direito à cidade, ampliando a discussão a respeito de Projetos Pedagógicos Colaborativos. Igualmente, levanta a necessidade de um trabalho interdisciplinar para se entender com mais profundidade a relação entre comunidade e escola.

**Contribuições gerenciais/sociais:** O estudo oferece aos gestores das escolas várias ferramentas que podem possibilitar uma maior integração entre escola e comunidade interna/externa e também Projetos Pedagógicos Colaborativos que envolvam todos os participantes do processo educacional, favorecendo uma educação que leve seus participantes a desenvolverem o senso de cidadania. O estudo sinaliza caminhos que levam ao desenvolvimento de uma gestão participativa que transforme o espaço da escola em um ambiente propício para a formação de cidadãos críticos. Por meio dos resultados obtidos, políticas públicas que motivem Projetos Pedagógicos Colaborativos e a mobilização social poderão ser incentivados.

**Palavras-chave:** gestão participativa, escola pública, integração comunitária, educação crítica, cidadania, direito à cidade, projeto pedagógico colaborativo, mobilização social.

## ABSTRACT

**Adherence to the Research Line:** This dissertation presents management, education and public policies as its research line and seeks to understand how participatory school management, mediated by community integration and the right to the city, can transform educational practice and promote critical and civic education. The study analyzes a Collaborative Pedagogical Project in a public school that uses the struggle of a Residents' Collective for the deactivation of Carlos Prates Airport in Belo Horizonte and the social allocation of its land.

**Objective:** This study aims to analyze how participatory school management, together with community/school integration and the right to the city, can transform education, promoting critical and civic education.

**Theoretical Framework:** The foundation of this research is based on names such as Paulo Freire, Maria da Glória Gohn, Henri Lefebvre, David Harvey, Maurício Tragtemberg, Moacir Gadotti and Márcio Simeone Henriques who, in their works, study themes such as liberating education, social movements, democratic and participatory management, the right to the city and social participation.

**Method:** The approach of this research is qualitative and the type of analysis of data collected in the interviews is thematic. The research subjects are teachers, students, mothers of students and members of a local Residents' Collective.

**Results:** The Collaborative Pedagogical Project implemented at the school showed the potential to convert traditional educational practice into a liberating practice, bringing students a certain social responsibility and a sense of belonging to the community, helping their critical and civic formation. This study also described the complexity of the fight for the deactivation and future destination of the Carlos Prates Airport land, highlighting the importance of social mobilization and community participation in the construction of a more just and humanized city.

**Theoretical/methodological contributions:** This research helps to understand the concept of participatory school management and its relationship with the community and the right to the city, expanding the discussion on Collaborative Pedagogical Projects. It also raises the need for interdisciplinary work to understand in greater depth the relationship between community and school.

**Managerial/social contributions:** The study offers school managers several tools that can enable greater integration between school and internal/external community and also Collaborative Pedagogical Projects that involve all participants in the educational process, favoring an education that leads its participants to develop a sense of citizenship. The study indicates paths that lead to the development of participatory management that transforms the school space into an environment conducive to the formation of critical citizens. Through the results obtained, public policies that encourage Collaborative Pedagogical Projects and social mobilization can be encouraged.

**Keywords:** participatory management, public school, community integration, critical education, citizenship, right to the city, collaborative pedagogical project, social mobilization.

## RESUMEN

**Adhesión a la Línea de Investigación:** Esta disertación presenta la gestión, la educación y las políticas públicas como una línea de investigación y busca comprender cómo la gestión escolar participativa, mediada por la integración comunitaria y el derecho a la ciudad, puede transformar la práctica educativa y promover la educación crítica y ciudadano. El estudio analiza un Proyecto Pedagógico Colaborativo en una escuela pública que utiliza la lucha de un Colectivo de Vecinos por la desactivación del Aeropuerto Carlos Prates en Belo Horizonte y la asignación social de su terreno.

**Objetivo:** Este estudio pretende analizar cómo la gestión escolar participativa, junto con la integración comunidad/escuela y el derecho a la ciudad, pueden transformar la educación, promoviendo una educación crítica y cívica.

**Marco Teórico:** El fundamento de esta investigación se basa en nombres como Paulo Freire, Maria da Glória Gohn, Henri Lefebvre, David Harvey, Maurício Tragtemberg, Moacir Gadotti y Márcio Simeone Henriques quienes, en sus obras, estudian temas como la educación liberadora, movimientos sociales, gestión democrática y participativa, derecho a la ciudad y participación social.

**Método:** El enfoque de esta investigación es cualitativo y el tipo de análisis de los datos recolectados en las entrevistas es temático. Los sujetos de la investigación son docentes, estudiantes, madres de estudiantes y miembros de un Colectivo de Vecinos local.

**Resultados:** El Proyecto Pedagógico Colaborativo implementado en la escuela tuvo el potencial de convertir la práctica educativa tradicional en una práctica liberadora, trayendo a los estudiantes una cierta responsabilidad social y sentido de pertenencia a la comunidad, ayudando en su formación crítica y cívica. Este estudio también describió la complejidad en la lucha por la desactivación y futura asignación de los terrenos del Aeropuerto Carlos Prates, destacando la importancia de la movilización social y la participación comunitaria en la construcción de una ciudad más justa y humanizada.

**Aportes teóricos/metodológicos:** Esta investigación ayuda a comprender el concepto de gestión escolar participativa y su relación con la comunidad y el derecho a la ciudad, ampliando la discusión en torno a Proyectos Pedagógicos Colaborativos. Asimismo, plantea la necesidad de un trabajo interdisciplinario para comprender con mayor profundidad la relación entre comunidad y escuela.

**Contribuciones gerenciales/sociales:** El estudio ofrece a los directivos escolares varias herramientas que pueden posibilitar una mayor integración entre la escuela y la comunidad interna/externa y también Proyectos Pedagógicos Colaborativos que involucran a todos los participantes en el proceso educativo, favoreciendo una educación que lleve a sus participantes a desarrollar la sentido de ciudadanía. El estudio señala caminos que conducen al desarrollo de una gestión participativa que transforme el espacio escolar en un ambiente propicio para la formación de ciudadanos críticos. A través de los resultados obtenidos se podrán incentivar políticas públicas que fomenten Proyectos Pedagógicos Colaborativos y la movilización social.

**Palabras clave:** gestión participativa, escuela pública, integración comunitaria, educación crítica, ciudadanía, derecho a la ciudad, proyecto pedagógico colaborativo, movilización **social**.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 Escola Estadual Alfa.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 2 Área do Aeroporto Carlos Prates, em Desativação.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 3 Área do Aeroporto e seu Entorno com Grande Adensamento Urbano.....</b>	<b>26</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 Relação do Número de Vezes do Aparecimento das Palavras-chave da Dissertação em Portais de Busca de Trabalhos Acadêmicos.....</b>	<b>23</b>
<b>Tabela 2 Sujeitos de Pesquisa na Escola Estadual Alfa .....</b>	<b>52</b>
<b>Tabela 3 Dados Pessoais Entrevistados relacionados à Escola estadual Alfa.....</b>	<b>53</b>
<b>Tabela 4 Sujeitos de Pesquisa no Coletivo Atingidos Pelo Prates.....</b>	<b>54</b>
<b>Tabela 5 Dados pessoais Entrevistados relacionados ao coletivo Atingidos pelo Prates....</b>	<b>54</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>BNCC</b>	<b>Base Nacional Curricular Comum</b>
<b>CF/88</b>	<b>Constituição Federal de 1988</b>
<b>EEA</b>	<b>Escola Estadual Alfa</b>
<b>INFRAERO</b>	<b>Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária</b>
<b>LDBEN</b>	<b>Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional</b>
<b>ONGs</b>	<b>Organizações Não Governamentais</b>
<b>PDE</b>	<b>Plano Diretor Estratégico</b>
<b>PPC</b>	<b>Projeto Pedagógico Colaborativo</b>
<b>PPP</b>	<b>Projeto Político Pedagógico</b>
<b>PUC/MG</b>	<b>Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais</b>
<b>TICP</b>	<b>Territórios de Interesse da Cultura e da Paisagem</b>
<b>ULC</b>	<b>Universidade Livre Colaborativa</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Apresentação do Tema.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.1 Contextualização do Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1.2 Integração do Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates no contexto escolar.....</b>	<b>20</b>
<b>1.2 Problema de Pesquisa.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>21</b>
<b>1.3.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>21</b>
<b>1.3.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4 Justificativa.....</b>	<b>21</b>
<b>1.5 Ambiência de Pesquisa.....</b>	<b>24</b>
<b>1.5.1 Localização geográfica dos fenômenos pertinentes ao estudo.....</b>	<b>24</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Gestão Social.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1.1 Gestão Participativa Escolar.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Educação Cidadã.....</b>	<b>32</b>
<b>2.3 Mobilização Social.....</b>	<b>34</b>
<b>2.4 Ativismo Social e Cidadania.....</b>	<b>40</b>
<b>2.5 Gestão Territorial e Cartografia Social: territórios afetivos.....</b>	<b>42</b>
<b>2.6 Direito à Cidade.....</b>	<b>46</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>50</b>
<b>3.1 Classificação e Delineamento da Pesquisa.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 Objeto de Estudo.....</b>	<b>51</b>
<b>3.3 Sujeitos de Pesquisa.....</b>	<b>52</b>
<b>3.4 Plano de Coleta de Dados.....</b>	<b>54</b>
<b>3.5 Plano de Análise e Interpretação de Dados.....</b>	<b>56</b>
<b>4 RESULTADO DA PESQUISA .....</b>	<b>57</b>
<b>4.1 Perfil dos Entrevistados.....</b>	<b>57</b>
<b>4.2 Análise Temática.....</b>	<b>58</b>
<b>4.2.1 Gestão Participativa.....</b>	<b>58</b>
<b>4.2.2 Formação Crítica e Cidadã.....</b>	<b>62</b>
<b>4.2.3 O Projeto Pedagógico Colaborativo.....</b>	<b>65</b>
<b>4.2.4 A Comunidade e o Direito à Cidade.....</b>	<b>69</b>

<i>4.2.5 Mobilização Social</i> .....	73
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81
<b>APÊNDICE A</b> .....	90
<b>APÊNDICE B</b> .....	98
<b>APÊNDICE C - RESPOSTAS DE ENTREVISTADOS POR TEMÁTICAS</b> .....	99

## 1 INTRODUÇÃO

As argumentações, a seguir, trazem as bases que sustentam esta dissertação. A temática é apresentada, seguida pelas justificativas, objetivo geral e específicos, ambiência de pesquisa e referencial teórico, de modo a apresentar as etapas necessárias para a boa execução da pesquisa.

### 1.1 Apresentação do tema

As novidades trazidas pela globalização e pela transição industrial para a era do conhecimento levaram as organizações, incluindo as escolas, a migrar de um modelo de administração clássica para um conceito moderno de gestão. Por ter foco na transformação social, a escola se inter-relaciona com a sociedade. Nesse sentido, a gestão participativa escolar ganha nova importância (Brito & Carnieli, 2011; Broetto e Rúdio, 2019)

O envolvimento da comunidade escolar no cotidiano de uma escola como forma de possibilitar a criação de um ambiente mais aberto ao diálogo, a cooperação em busca de melhorar a comunicação entre seus membros promovendo a melhoria de seus processos pedagógicos, necessita de um tipo de gestão que priorize essa integração. A gestão escolar participativa traz essa característica, pois busca promover um ambiente escolar democrático onde todos os seus membros tenham voz e se sintam integrantes. Com essa perspectiva, a formação de pessoas mais críticas passa a ser uma meta (Luck, 2017).

A gestão participativa visa gerar um ambiente escolar onde a integração entre profissionais, alunos e pais possibilite que todos participem dos destinos da escola. Dessa forma, surgem condições para a criação de uma escola mais inclusiva e democrática em que cada participante nesse processo se reconheça como parte fundamental (Libânio, 2001). Assim, a escola tem o potencial de se transformar em um ambiente para mudanças na sociedade, de forma a envolver tanto o conjunto da comunidade escolar como a comunidade externa em suas proximidades, incentivando o surgimento de um ambiente mais justo e democrático (Soligo et al., 2020; Paro, 2022).

Por ser o processo educativo uma atividade que diz respeito tanto a pais e responsáveis como ao ambiente escolar, é fundamental que os gestores escolares tentem trazer os pais para participarem dos rumos da escola, de forma a construir um ambiente propício para educar (Roncolato & Bandeira, 2022). Dessa forma, pode-se afirmar que a gestão participativa

ultrapassa o aspecto puramente institucional se tornando um instrumento que fomenta a colaboração entre todos os integrantes do processo educativo (Paro, 2022).

Segundo Zago & Souza (2022), as ‘pedagogias participativas’ dizem respeito à importância de uma gestão participativa e democrática que se complementam com a participação popular em prol da melhoria do processo de aprendizagem. Esse processo que, inicialmente, se concentra no ambiente escolar vai além desse aspecto interno à instituição educacional, acompanhando o aluno em sua vida fora da escola contribuindo para sua formação como cidadão responsável socialmente (Gadotti, 2014). Dessa forma, pode-se perceber que a implementação da gestão participativa em uma escola colabora na emancipação de todos os integrantes da comunidade escolar como da comunidade externa à escola (Zago & Souza, 2022).

A gestão participativa, quando conectada às atividades pedagógicas, possibilita que os alunos trilhem o caminho em busca de uma formação cidadã de forma a participar ativamente nas diversas questões sociais. Visando ao envolvimento de toda a comunidade escolar nas decisões e no planejamento interno da escola, é necessário que o gestor escolar conjuntamente aos professores encontre formas de integrar funcionários da escola, pais e alunos em uma participação sem receios (Brito & Carnieli, 2011).

Para Tragtemberg (1985), a atividade educacional não se restringe somente ao interior do ambiente escolar onde se desenrola o processo educacional formal, ela vai além do simples repasse de informações. Para ele, a educação carrega em sua natureza um potencial transformador do ser humano e, posto isso, o presente estudo tem como interesse principal verificar como o processo educativo pode despertar os questionamentos e uma consciência crítica e cidadã nos alunos.

Continuando a discussão de uma educação destinada à formação cidadã de alunos, tornar-se claro que esse processo é amplo, pois engloba além das atividades regulares da escola, um processo dialógico de professores e alunos que desperte o interesse por questões relativas às demandas e problemas comunitários, uma vez que a educação tem o poder para contribuir na construção de uma sociedade mais justa (Carvalho et al., 2019; Pereira et al., 2023).

Ao se reconhecer que a sociedade possui grande disparidade social e econômica entre seus integrantes e que as condições culturais e financeiras se diferem entre as classes econômicas e as famílias, a instituição escolar pode exercer um papel de formadora de cidadãos ou, ao contrário, manter o *status* de injustiça social prestando um desserviço à construção de uma sociedade mais equitativa. Todavia a escola ainda guarda grande potencial para a formação de cidadãos plenamente esclarecidos de seus direitos (Pereira et al., 2023).

Segundo Freire (1996), para que ocorra o processo educativo, é necessário que o aluno esteja curioso possibilitando, dessa forma, uma abertura para aquisição de conhecimentos, o que demonstra ser a educação um instrumento de transformação da realidade social. Nessa perspectiva, pode-se pensar que Projeto Político Pedagógico (PPP) deve priorizar as experiências, as demandas das camadas populares. A discussão sobre os temas estudados é fator de melhoria no processo educativo.

É por meio da educação que o indivíduo acumula conhecimentos e desenvolve habilidades essenciais na sua formação como ser humano, é por meio dela que sua socialização se completa, e sua visão crítica, a respeito das muitas questões que afetam a sociedade em que vive, é desenvolvida. Com essa visão crítica desenvolvida, o jovem estará apto a se envolver em questões sociais e ambientais de forma a se tornar cidadão (Gonçalves et al., 2019).

O direito à cidade é uma das temáticas importantes para que este estudo atinja seus objetivos. O direito à cidade se relaciona ao direito de a coletividade utilizar e modificar o espaço urbano e deve ser tratado pelo Estado como uma política pública. Deve-se entender que esse conceito diz respeito aos direitos coletivos e não individuais ao espaço das cidades (David Harvey, 2012).

Sendo um dos conceitos centrais deste estudo, o direito à cidade se relaciona a diversos movimentos urbanos em sua luta por acesso a serviços e espaços urbanos. Movimentos como os Sem Teto de São Paulo representam esse conceito quando lutam pelo direito das pessoas à moradia. Pode-se dizer que o direito à cidade em suas diversas lutas se trata de um movimento de emancipação da vida urbana (Silva, Calgaro & Hernany, 2020).

Ao se formularem os planejamentos urbanos, as necessidades das classes trabalhadoras não são levadas em consideração como deveriam ser, tais como observados na Lei de Uso e Ocupação do Solo. Características hierárquicas no planejamento urbano e o tratamento do espaço urbano como mercadoria, exclui grande parte da população do direito a esse espaço (Lefebvre, 2001).

O constante conflito entre os movimentos sociais urbanos, Estado e mercado imobiliário, denota a luta e os pontos de vista conflitantes entre cada uma dessas instâncias, enquanto os movimentos buscam a socialização do espaço público, o mercado busca a privatização e o lucro. A complexidade relativa ao direito à cidade fica evidente quando se observam os muitos interesses presentes pela destinação do espaço público (Tonucci & Moura, 2020).

Participar das decisões sobre os destinos do espaço urbano e poder ocupá-lo é direito de qualquer cidadão, independentemente de sua posição social ou econômica. Assim, fica clara a

necessidade de se pensar sobre o direito à cidade. tanto na academia quanto nas ruas, e se estabelecer uma democratização do uso do espaço nas cidades (Harvey, 2012).

Os novos movimentos sociais urbanos representados pelos diversos coletivos que atuam no espaço urbano se desenvolveram de maneira acelerada, nas últimas décadas, aproveitando-se das grandes novidades tecnológicas ocorridas nas comunicações virtuais e suas redes sociais (Thibes et al., 2020). Os diversos tipos de movimentos sociais precisam se adequar às condições sociais e políticas da sociedade em que está inserido e aos interesses de seus participantes (Silva, 2018).

A compreensão da essência dos movimentos sociais se torna premente, uma vez que a educação para cidadania ganha importância no contexto atual. Tal como defendido por Freire (1996), a educação para a cidadania tem como função possibilitar que pessoas à margem de um protagonismo na sociedade possam ter a possibilidade de se tornarem cidadãos participantes do destino dessa sociedade, de modo que possam levar esse protagonismo para seus locais de origem (Costa, 2021).

De acordo com Costa (2021), é indispensável que ocorram mudanças profundas de uma maneira que se possibilite a implantação de uma educação dita inclusiva e que esteja ao alcance de todos, favorecendo o surgimento de cidadãos que atuem em suas comunidades no sentido de promover o bem de sua coletividade. À vista disso, pode-se perceber a necessidade de uma integração entre escola e comunidade para o sucesso de uma educação capaz de fazer de seus alunos cidadãos críticos e conscientes (Bezerra et al., 2010).

Tendo Freire (1996) como referência, percebe-se que uma importante temática desta dissertação se apresenta na relação entre as demandas de coletivos urbanos como objeto para o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos, com o intuito de fornecer aos estudantes uma visão crítica sobre disputas territoriais urbanas que levem ao desenvolvimento da consciência cidadã, isso porque a educação é uma ferramenta poderosa para a transformação da sociedade, por permitir que os alunos façam uma leitura crítica do mundo que os cerca. O problema de pesquisa está focado na análise da implementação de um Projeto Pedagógico que tem como referência a luta de um Coletivo de Moradores locais, em prol da destinação social de um terreno, como um instrumento catalisador para a promoção da consciência crítica e cidadã entre os estudantes. Na cidade de Belo Horizonte, um coletivo de moradores se mobilizou visando à desativação do Aeroporto Carlos Prates, situado em área urbana e que possui um histórico de inúmeros problemas e acidentes. Tal processo de mobilização está relacionado não só a aspectos políticos e de direito ao espaço urbano, mas à educação.

O fundamento da dissertação se baseia na interação entre escola e comunidade que fomenta em alunos e demais envolvidos um potencial de desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã, que pode ser o fundamento de uma comunidade empenhada na superação dos problemas que a afetam (Queiroz et al., 2011). Diante do exposto, esta pesquisa se concentra na conexão entre a escola e a comunidade escolar, representada pelo grupo de moradores denominado Coletivo Atingidos pelo Prates, que visa conscientizar os moradores sobre os perigos do Aeroporto Carlos Prates em Belo Horizonte, além de mobilizar os residentes para pressionarem as autoridades responsáveis para sua desativação com a destinação social do terreno.

O enfoque dado ao processo educativo presente neste trabalho reconhece a multiplicidade de ambientes educativos e a diversidade de sujeitos envolvidos nesse processo. Dessa forma, diante de tal complexidade, vários desafios se apresentam para a realização de uma educação que seja contextualizada e inclusiva (Donato et al., 2021). Tem-se uma mobilização social quando um grupo de pessoas com uma demanda comum decide lutar por ela. A mobilização de moradores relatada nesta dissertação foi provocada pelo direito comunitário ao espaço urbano. Outros podem ser os motivos para tal fenômeno, dentre eles, a melhoria das condições de vida, a luta por habitação digna, a proteção do meio ambiente, a defesa dos direitos humanos, e outras. Essas são ações de intervenção social e com caráter político e fazem parte de uma vivência democrática (Toro & Werneck, 1966).

A luta travada pela desativação do Aeroporto Carlos Prates e a futura destinação social de seu terreno tornaram-se um campo de disputas pelo espaço urbano que coloca em lados opostos o mercado imobiliário e o grupo de moradores da comunidade. Nesse contexto, uma escola que preze por uma educação crítica, cidadã e contextualizada se torna indispensável, portanto, que esta não se limite à preparação de seus alunos para o mundo do trabalho, mas também para seu engajamento em questões sociais (Tragtenberg, 1982).

De acordo com Rosa & Mackendanz (2021), as Ciências Humanas no Brasil se direcionam em investigar processos que geram dados qualitativos que exigem análises subjetivas, como a interpretação de discursos ou textos escritos. Com base nisso, a presente pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa para entender processos sociais com a participação dos sujeitos como seres históricos e culturais, tornando-se uma pesquisa tanto descritiva quanto exploratória, visando compreender fenômenos e identificar lacunas para futuras pesquisas.

### ***1.1.1 Contextualização do Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates***

O Coletivo Atingidos pelo Prates é um movimento local formado por indivíduos da comunidade escolar da Escola Estadual Alfa (vizinha ao Aeroporto Carlos Prates, em Belo Horizonte), que tem por missão a luta por um propósito comum, ou seja, a desativação desse espaço aeroportuário e a destinação de seu terreno para atividades de interesse social. O Coletivo tem sua razão de existir nos problemas trazidos pelo funcionamento do Aeroporto, e sua ação é por intermédio da denúncia sobre a situação vivida pela comunidade e a de soluções como inspirado por (Sherer-Warren, 2006).

Luzia, fundadora do Coletivo de Moradores, teve a ideia de formar este grupo por morar a 500 metros da cabeceira da pista, na direção da decolagem das aeronaves e por ter presenciado inúmeros acidentes aeronáuticos e conviver diariamente com alto nível de ruído advindo do trânsito de aviões e helicópteros. Inicialmente, entrou em contato com os vizinhos a fim de construir uma rede de contato (por meio da rede *WhatsApp*) para discutir as questões do Aeroporto e se mobilizar em atividades variadas relacionados ao tema.

Segundo Rebellato & Lisboa (2023), identificar-se com o território no qual se está inserido pode motivar um grupo a tomar uma ação coletiva que se reverta em benefícios para a comunidade e, no caso do Coletivo Atingidos pelo Prates, muitas mobilizações foram feitas com o intuito de informar aos demais atingidos pela presença do Aeroporto sobre os perigos e os incômodos por este. Atividades tais como plantio de árvores, limpeza de um pequeno parque contíguo ao Aeroporto, manifestações em frente à Prefeitura e Câmara de Vereadores, bem como o comparecimento a audiências públicas já foram realizadas pelos membros do Coletivo Atingidos pelo Prates.

A desativação do aeroporto aconteceu no dia primeiro de abril de 2023. O Governo Federal cedeu a utilização do terreno à Prefeitura de Belo Horizonte, anteriormente, o Governo Federal controlava o aeroporto, pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero). Como condição para ceder o terreno à Prefeitura de Belo Horizonte, o Governo Federal impôs a condição de que ali fossem construídas moradias populares, posto de saúde, escola e um parque ecológico.

Dentre os principais conflitos urbanos, está a destinação e o uso de seus espaços, o que confirma sua importância política e acadêmica, relacionadas à produção ambiental e social da cidade. Essa região e as áreas vizinhas são designadas como bairros periféricos populares e se caracterizam por serem distintos em comparação com as áreas centrais ou elitizadas. As

cartografias sociais, nesse sentido, são ferramentas importantes a serviço das mobilizações sociais para compreender como os espaços da cidade se organizam (Almeida & Silva, 2023).

### ***1.1.2 Integração do Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates no contexto escolar***

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996 valoriza o modelo de gestão democrática escolar e defende a integração entre família e escola mediante a participação na vida escolar do aluno e em visitas regulares à escola. Assim, o envolvimento entre o Coletivo de Moradores e a escola revelou-se uma ação que mobilizou os alunos, oferecendo uma gama de atividades, como palestras, debates e projetos colaborativos, e tais experiências não apenas possibilitaram aos alunos compreender sua realidade, mas também os incentivaram a participar das iniciativas do Coletivo, contribuindo para melhoria a comunidade.

Para se alcançar uma gestão democrática escolar, de fato, somente a participação formal de pais, alunos e comunidade em órgãos colegiados não é suficiente. Por ser um processo de transformação social mais amplo, a integração entre a escola e sua comunidade deve ser mais profunda, na qual os participantes se sintam parte das questões que afetam a escola (Paro, 2017). A escola se abriu para a comunidade, reconhecendo seus saberes e necessidades, envolveu-se na resolução dos problemas comuns e, ciente dos impactos do Aeroporto sobre a comunidade escolar, a direção escolar integrou tal realidade no currículo educacional, e, em parceria com o Coletivo, criou um Projeto Pedagógico incluindo as demandas deste, como a desativação do Aeroporto e a transformação do terreno em um parque ecológico e outros serviços comunitários.

Um dos argumentos do Coletivo de Moradores frente ao poder público pela criação de um parque ecológico é que, no topo do morro, onde fica o Aeroporto, existem duas nascentes e ainda é um divisor de águas da bacia do Ribeirão do Onça e do Rio Arrudas, além de a Região Noroeste de Belo Horizonte (localização do Aeroporto) ser a região com menor percentual de áreas verdes da cidade. O Projeto Pedagógico se apresenta como um valioso instrumento capaz de despertar um olhar crítico dos alunos a respeito da luta e das demandas do Coletivo de moradores, fazendo-os refletir sobre sua própria realidade.

## **1.1 Problema de Pesquisa**

Apresenta-se como problema de pesquisa: como a gestão participativa escolar na Escola Estadual Alfa, mediada pela integração comunitária e direito à cidade, pode transformar a prática educativa promovendo uma educação crítica e cidadã.

## **1.3 Objetivos**

### ***1.3.1 Objetivo Geral***

Analisar como a gestão participativa escolar na Escola Estadual Alfa, mediada pela integração comunitária e direito à cidade, pode transformar a prática educativa promovendo uma educação crítica e cidadã.

#### ***1.3.1.1 Objetivos Específicos***

- A) Investigar os mecanismos de gestão participativa na Escola Estadual Alfa para integrar moradores da comunidade escolar em projetos pedagógicos colaborativos, destacando as práticas que facilitam ou dificultam essa integração.
- B) Investigar a participação da comunidade escolar da Escola Estadual Alfa em sua dinâmica interna e o desenvolvimento integral dos alunos, verificando como essa abordagem contribui para a formação crítica e cidadã dos estudantes.
- C) Entender como se dá a interação escola e comunidade, decorrente do Projeto Pedagógico Colaborativo do Aeroporto, na relação com o direito à cidade, percebendo a conscientização dos alunos para a participação comunitária.

## **1.4 Justificativa**

Tragtenberg (1985) declara que a pedagogia para ser considerada inclusiva necessita ter a solidariedade como característica de modo a valorizar a autonomia e a liberdade dos alunos, possibilitando uma autogestão do processo. Para que a pedagogia seja um instrumento de formação humana é crucial que ela resgate seu caráter coletivo e social e que as classes trabalhadoras se reapropriem do conhecimento, e isso só será possível com uma profunda transformação na escola que deverá se tornar espaço para construção de conhecimento coletivo e não de reprodução do saber formal (Silva, 2005).

Espaços educativos são moldados a partir de uma interação dinâmica com a comunidade local e a sociedade, transcendendo os limites físicos da escola e, nesse sentido, a escola deve facilitar uma educação contextualizada, que permita a participação ativa de todos os envolvidos, contribuindo, dessa maneira, para a construção coletiva do Projeto Pedagógico (Júnior & Castro, 2021).

A gestão educacional tem a responsabilidade de engajar toda a comunidade escolar e a sociedade circundante, destacando a importância da participação de todos nas decisões e projetos escolares, na busca de formação de cidadãos críticos e reflexivos. Percebe-se, na educação, o potencial de se tornar uma ferramenta de transformação social. A democratização da escola é o primeiro passo para a emancipação educacional e, por meio de práticas democráticas, torna-se possível alcançar resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, na sociedade (Melo et al., 2021).

O trabalho com projetos pedagógicos colaborativos entre escola e comunidade tem como foco o estudo da realidade em que se encontra a comunidade estudada. Ao adotar tal trabalho, espera-se o diálogo entre os participantes e questionamentos sobre por que acontecem as demandas da comunidade e como essas demandas poderão ser atendidas (Federal, 1988). Nesse sentido, o presente estudo se mostra importante ao investigar esse processo de uma provável integração entre escola e comunidade.

Objetivando o desenvolvimento de uma gestão educacional que seja participativa, a prática de projetos pedagógicos contextualizados e que lidem com questões reais que digam respeito a problemas que afetem a comunidade local como a realidade vivida pelo país são fundamentais por terem potencial para provocar mais reflexão de forma a despertar uma visão crítica a partir das situações vivenciadas. Esse processo educacional vai além do caráter burocrático de grande parte dos trabalhos propostos aos alunos (Freire, 1974).

Para a compreensão de como a gestão participativa escolar é implementada e como a maior ou menor presença desse tipo de gestão escolar afeta as dinâmicas pedagógicas, essa pesquisa foi desenvolvida. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de que ocorra uma conexão entre a escola e a comunidade, nesse caso, por meio de projetos pedagógicos em colaboração para a construção de uma educação que conte com a participação dos vários atores envolvidos no processo educacional (Rodrigues e Silva, 2021).

Este estudo se dedica a entender como a relação entre comunidade, gestão escolar participativa e um grupo de moradores locais demandando direito ao espaço urbano pode fomentar uma educação que leve a uma mudança na sociedade. Adotar um modelo de gestão que leve em consideração a participação de todos os envolvidos no processo educacional está previsto na legislação, mas também é essencial para que se desenvolva uma educação crítica, contextualizada e democrática (Lopes, 2010).

Pode-se dizer que o projeto pedagógico é um instrumento que traz a oportunidade de levar para as políticas educacionais centralizadoras um pouco de democracia na medida em que ele possibilita que as escolas ofereçam uma prática pedagógica contextualizada que promova

uma educação que leve seus alunos a se tornarem cidadãos críticos que influenciem, positivamente, sua comunidade e a sociedade de forma geral (Pereira, 2008).

Ao tentar entender como práticas colaborativas entre comunidade escolar e comunidade externa à escola se desenrolam na busca por seus objetivos, os gestores públicos poderão investir em políticas públicas voltadas para práticas educacionais que busquem o envolvimento entre escola e comunidade externa como forma de incentivar que as escolas públicas busquem a transformação de suas gestões por meio da disseminação da eficiência das gestões participativas escolares nas redes públicas na oferta de uma educação de qualidade.

Os gestores sociais, ao compreenderem como uma escola pode integrar os esforços de um movimento de moradores em um Projeto Pedagógico, promovem o desenvolvimento de estratégias que fortalecem parcerias entre instituições educacionais e movimentos sociais, viabilizando uma educação mais contextualizada e engajada. Outra contribuição é o entendimento dos impactos sociais e econômicos de iniciativas tais como a desativação de um aeroporto e a destinação social de um terreno. Nesse contexto, o planejamento urbano deveria levar em conta também subjetividades e demandas de uma comunidade localizada na periferia da cidade.

A investigação realizada nesta pesquisa, conduzida nos portais SPELL, SciELO e Google Acadêmico, focalizou os termos "Escola Pública", "Gestão Participativa Escolar", "Comunidade Escolar" e "Educação Cidadã", empregados individualmente ou em combinação como palavras-chave. Na análise dos resultados, notou-se uma grande diferença na frequência do aparecimento dos termos em cada portal utilizado. O Google Acadêmico é o portal com os resultados mais significativos, seguido de forma menos expressiva pelo SciELO e com uma presença notavelmente menor no SPELL, conforme detalhado na Tabela 1.

**Tabela 1**

***Relação do número de vezes do aparecimento das palavras-chave da dissertação em portais de busca de trabalhos acadêmicos***

	<b>SPELL</b>	<b>SciELO</b>	<b>Google Acadêmico</b>
Escola Pública	8	2.143	3450000
Gestão Participativa Escolar	0	2	141000
Comunidade Escolar	0	222	1790000
Educação Cidadã	0	66	348000

Escola Pública, Gestão Participativa Escolar, Comunidade Escolar, Educação Cidadã	0	0	48800
-----------------------------------------------------------------------------------	---	---	-------

Destaca-se, neste tópico, que, ao se pesquisar com todas as palavras-chave nos portais SPELL e SciELO, não foram encontradas confirmações de trabalho algum publicado abordando esse tema específico. Logo, tal lacuna na literatura destaca a relevância e ineditismo da presente pesquisa na área de gestão escolar e gestão pública, bem como a ausência de estudos abrangentes nesse campo ressalta a necessidade premente de explorar e compreender as interseções entre escola, educação cidadã, movimentos sociais e planejamento urbano.

## 1.5 AMBIÊNCIA DE PESQUISA

Este tópico tem como objetivo apresentar uma análise detalhada e contextualizada do ambiente no qual a pesquisa é realizada, explorando os elementos e influências que moldam a trajetória e os desdobramentos do estudo em questão.

### *1.5.1 Localização geográfica dos fenômenos pertinentes ao estudo*

A Escola Estadual Alfa (EEA) está localizada a 300 metros da entrada principal do Aeroporto Carlos Prates. O Grupo Alfa foi fundado, em 11/12/1945, por meio do decreto 1.514. Atualmente, a EEA atende, exclusivamente, ao Ensino Médio nas modalidades Regular em seus três turnos, e Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite, e está localizada no bairro Padre Eustáquio, Belo Horizonte/MG.

**Figura 1*****Escola estadual Alfa***

*Fonte: Google Street View*

O local onde se localizava o Aeroporto Carlos Prates está entre os bairros Padre Eustáquio, Jardim Montanhês, São José e Dom Bosco (todos na Região Noroeste de Belo Horizonte). Sua área é de aproximadamente 500 mil metros quadrados, fazendo divisa com Hospital Municipal de Belo Horizonte Alberto Cavalcanti (Henks & Andrade, 2021).

**Figura 2*****Área do aeroporto Carlos Prates, em desativação***

*Fonte: Jornal Hoje em Dia (2021).*

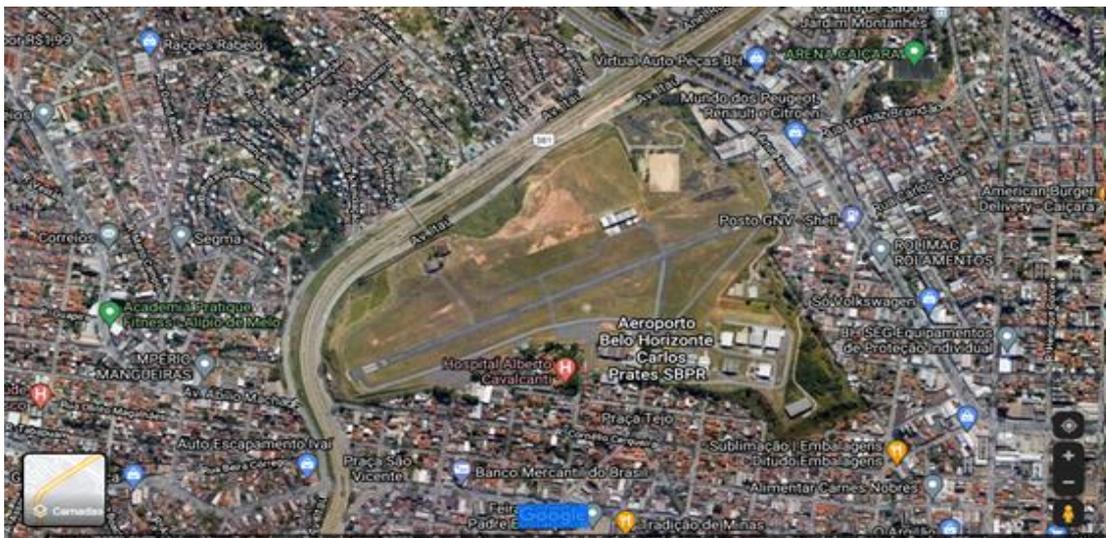
Até 2022, o Aeroporto Carlos Prates funcionava com voos de aeroclube na formação de pilotos e também recebia pousos e decolagens não regulares, com pista asfaltada de 868m, tendo seu funcionamento apenas no horário diurno. O Aeroporto foi construído em área de 223 hectares, era administrado pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária

(INFRAERO) e tem como limites a Rua Pará de Minas, Avenida Dom Pedro II e Anel Rodoviário (Heck, 2022).

A Região Noroeste de Belo Horizonte tem como característica a alta taxa de densidade populacional e o baixo índice de áreas verdes, como pode ser percebido na Figura 2. A carência de aparelhos públicos de lazer, de atividades físicas e o pequeno percentual de áreas verdes, contribuiu para a criação de um coletivo de moradores da região, denominado Coletivo Atingidos Pelo Prates. O coletivo luta pela desativação de um aeroporto local de nome Aeroporto Carlos Prates, localizado na região e a destinação de seu terreno para sediar a construção de um parque ecológico, moradias populares, centro de saúde e escola.

**Figura 2**

***Área do Aeroporto e seu Entorno com Grande Adensamento Urbano***



*Fonte: Google Earth (2021)*

O Coletivo Atingidos pelo Prates apresentou um projeto para a ocupação do terreno do antigo aeroporto, onde estão presentes a pista de caminhada, ciclovia, espaço para educação ambiental, parque ecológico, moradias populares, restaurante popular, posto de saúde e escolas. Todas as propostas presentes no projeto são direcionadas ao atendimento das comunidades dos arredores (Almeida & Silva, 2023).

O Coletivo Atingidos pelo Prates é uma organização que desenvolve uma mobilização social com objetivo de pressionar o poder legislativo e executivo de Belo Horizonte, com o objetivo de desativar o aeroporto Carlos Prates e a disponibilizar seu terreno para destinação social. Esse processo, em que se envolve o Coletivo, representa a busca por um futuro mais

verde e socialmente justo para a Região Noroeste de Belo Horizonte como apontado em (Almeida & Silva, 2023).

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta revisão bibliográfica busca uma apresentação dos principais estudos realizados a respeito do tema desta dissertação, com objetivo de fundamentá-la. Nos subcapítulos que se seguem são apresentadas citações que embasam e enriquecem a análise proposta.

### 2.1 Gestão Social

Entende-se a gestão social como aquela desenvolvida por grupos sociais para grupos sociais. Ela acontece por meio de estratégias para a constituição de políticas públicas, buscando uma sociedade mais justa. A gestão social se liga a práticas associativas da sociedade civil com foco no bem comunitário. Essa prática necessita da participação da sociedade civil em conjunto ou pressionando o Estado (Tenório, 1998). A gestão social ainda é vista com desconfiança quanto à sua capacidade de lidar com assuntos complexos (Cançado et al., 2011).

A redemocratização ocorrida no Brasil a partir de 1985 deu voz a grupos que, antes, eram excluídos, ou seja, que anteriormente estavam excluídos do debate nacional. Movimentos reivindicatórios por reforma agrária, direito ao espaço urbano e outras demandas por políticas sociais foram trazidos para a pauta. Com a promulgação da Constituição de 1988, os direitos sociais e as políticas sociais ganham maior destaque (Raichelis, 2006).

Para que se tenha uma gestão democrática e participativa, é necessário que sua meta seja a envolvimento de todos os participantes do processo e que, se necessário, eles possam se mobilizar de forma coletiva, visando ao bom funcionamento da instituição (Dowbor, 2001). O ato de se comunicar faz parte da vida humana, pois é por meio dela que a cultura, o conhecimento e as interações são construídos. A socialização possibilita a formação da individualidade (Salgado et al., 2019).

A gestão social aparece no contexto de redemocratização brasileira como uma alternativa de gestão dialógica, em movimentos sociais, partidos políticos de esquerda e Organizações Não Governamentais (ONGs) e se tornou objeto de estudo em cursos de graduação e pós-graduação nos cursos de Administração, fato que decorreu de uma diversidade de aplicações e definições em torno do tema e provocou uma dispersão conceitual (Oliveira & Souza, 2019).

Na abordagem do ciclo de gestão social, a gestão territorial valoriza a participação das comunidades e da sociedade organizada para facilitar o diálogo com o Estado, e modelos como os Territórios de Identidade e Territórios da Cidadania combinam diagnósticos consensuais

com foco no consenso sobre problemas territoriais e condições de desenvolvimento. Os processos de planejamento e implementação, além da formulação de projetos, são estruturados e apoiados pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Essa abordagem complementa elementos técnicos com aspectos políticos, visando a resultados eficazes na gestão social, destacando-se o conceito de projetos estratégicos territoriais, que têm implicações conceituais profundas dentro desse ciclo de gestão (Bacelar, 2009).

Por sua natureza, o conceito de gestão social se distancia do conhecimento acadêmico tradicional, ligando-se à prática dos grupos sociais. Apesar disso, no ensino da gestão social, ainda ocorrem práticas ligadas às expectativas do mercado ou se adequando à burocracia estatal. O caráter organizacional que, por vezes, se apresenta nas mobilizações da sociedade, pode comprometer a finalidade desse tipo de organização (Tenório, 1998).

A ineficácia das instituições estatais no Brasil e o descaso com o bem-estar da sociedade acarreta uma desorganização na gestão de políticas sociais, e desorganizou a gestão nas três esferas do Estado de forma a centralizar na esfera Federal. As políticas sociais são regulamentadas e normatizadas, muitas vezes, de forma confusa, não zelando pelo bom uso de recursos públicos e necessitando de uma reforma ampla no sistema para obter uma produção de políticas públicas mais eficazes (Dowbor, 2001).

A centralização estatal e a baixa qualidade do setor privado provocam um funcionamento caótico na geração de políticas sociais brasileiras tendo em vista o grande desperdício de recursos públicos que deveriam ser destinados a ações visando ao bem-estar social. Com a centralização da produção de políticas públicas no Governo Federal, ocorre um desequilíbrio no sistema, necessitando, portanto, de uma reformulação para ampliar a construção e execução dessas políticas para as outras esferas governamentais. (Raichelis, 2006).

### ***2.1.1 Gestão Participativa Escolar***

A educação deve ter como meta a formação de cidadãos plenos, com capacidade de participar do futuro de uma nação democrática e, por esse motivo, ela é considerada um direito universal do ser humano. O dever de oferecer uma educação de qualidade que permita aos alunos se desenvolverem de forma a se tornarem cidadãos ativos na sociedade cabe ao Estado. Para tanto, é necessário que a essa prática educativa esteja baseada em projetos que tenham referência na realidade dos alunos (Paro, 2023).

Uma gestão escolar que se pretenda ser participativa deverá ter como uma de suas metas a valorização de todos os envolvidos em seu cotidiano como forma de propiciar um ambiente

de confiança e diálogo que permita que todos se sintam importantes no funcionamento da escola. Com a interação e o comprometimento de gestores escolares, professores, pais e alunos no processo educativo, a possibilidade de êxito pedagógico aumenta (Mello & Caetano, 2021).

A inclusão de pais, alunos e profissionais em todo o processo decisório é uma prática que deve ser adotada pela gestão, em uma escola que deseje ser reconhecida como aberta à participação e que tenha características democráticas (Beraldo & Pelozo, 2007). Paro (2022) defende que para se conseguir criar valores democráticos em uma sociedade é necessário que esse processo comece no ambiente escolar. Convidar os participantes da comunidade escolar a se envolverem nas decisões relativas ao cotidiano escolar é importante para esse fim (Paro, 2022).

Uma gestão escolar que resulte em uma educação contextualizada e crítica requer dos gestores a consciência da complexidade do tema. O gestor deve visar a um ambiente democrático que possibilite a participação de toda a comunidade escolar, assim como a comunidade externa mais próxima. Para tanto, é importante que o diálogo entre todos seja estimulado, de forma a produzir uma troca de informações e perspectivas (Souza, Garcia & Nunes, 2023).

No propósito de desenvolver uma educação geradora de autonomia e reflexão em seus alunos, os gestores devem estar conscientes que, só por meio do envolvimento de todos no processo educacional e o respeito a suas opiniões e saberes gerando um ambiente que privilegie o aspecto coletivo, que se obtém sucesso nessa tarefa (Luck, 2017).

A escola no intuito de atingir seu objetivo maior que é trabalhar para tornar seus alunos cidadãos atuantes de forma positiva na sociedade deve sempre prezar pelo uso racional de recursos e, para esse fim, deverá sempre se planejar de maneira a controlar esse processo (Brito & Carnieli, 2011). O entendimento de que a gestão de uma escola é uma atividade destinada para uma única pessoa ainda encontra eco entre os participantes das comunidades escolares. Essa visão não poderia estar mais errada, visto que para a escola conseguir obter êxito na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, é necessário que a coletividade decida sobre as ações adotadas pela escola (Freire, 2001).

A resolução dos problemas que atrapalham o desenvolvimento de uma prática educativa de qualidade depende de um gestor escolar que tenha bom trânsito na comunidade escolar e na comunidade externa nas proximidades da escola para facilitar o diálogo entre todos os participantes do processo educativo. Dessa forma, esse gestor realizará uma gestão participativa que respeite as opiniões dos interessados e que possa ultrapassar os muros da escola recebendo o reconhecimento da comunidade externa (Zago & Souza, 2022).

A participação dentro da gestão democrática amplia a forma de administrar a escola, promovendo a gestão participativa, consolidada principalmente pelos conselhos de controle social e por meio de inserções no campo pedagógico, essenciais para a ação escolar (Rodrigues e da Hora, 2023).

A criação de um ambiente escolar que acolha todos que ali convivam é fundamental para se construir uma escola com perfil inclusivo e que valorize a experiência dos integrantes da comunidade escolar produzindo um sentimento de pertencimento em todos eles. O clima escolar presente em uma escola com tais características será propício à formação de cidadãos com capacidade de opinar criticamente para mudar a comunidade em que vive (Libânio, 2001).

A questão da gestão participativa escolar ainda enfrenta na academia uma resistência por parte daqueles que não identificam em sua implantação uma real democratização das práticas que ocorrem no cotidiano das escolas. Autores como Soligo, Soligo & Estrada (2020) alertam para o risco de a gestão participativa ser cooptada por agendas neoliberais, que visam desresponsabilizar o Estado e transferir para a comunidade a responsabilidade pela gestão escolar.

A democratização da gestão escolar é exigência prévia para que ocorra a participação de todos os membros de uma comunidade escolar nos assuntos importantes para a geração de uma educação que leve seus alunos a desenvolverem um olhar crítico sobre a vida, que possibilite que se tornem cidadãos atuantes em sua comunidade (Paro, 2022). Assim, a administração participativa é reconhecida por ampliar os espaços para integrar a criatividade e solidariedade das comunidades escolares e locais, e tal abordagem incentiva a criação de iniciativas e programas por meio do diálogo (Beraldo & Pelozo, 2007).

Pode-se afirmar que a autonomia pedagógica, financeira e administrativa em escola de ensino fundamental propicia uma maior possibilidade de êxito na construção de uma gestão escolar verdadeiramente participativa que possibilite uma maior identificação da comunidade interna e externa com a escola e seu projeto (Paro, 2022).

O Brasil vem atravessando um período de reconhecimento acadêmico das gestões participativas e democráticas como forma de atrair a comunidade interna e externa das escolas a participarem, discutirem e ajudarem a resolver questões pedagógicas envolvendo o cotidiano escolar. Esse processo só será possível com uma verdadeira interação entre interior e exterior da escola, na produção de um ambiente dialógico que acolha a todos e que facilite a promoção de um ensino crítico e contextualizado (Roncolato & Bandeira, 2022).

Paro (2017) vê o conceito de gestão participativa escolar intrinsecamente ligado a uma ampla integração entre o intramuros escolar e sua comunidade externa, fomentando um envolvimento

mútuo em práticas colaborativas como projetos pedagógicos que se referencie a realidade da região. Essa vivência e reflexão por parte dos alunos a respeito de questões que afetem sua comunidade tem o potencial de despertar neles uma conscientização de seu papel na comunidade.

## 2.2 Educação Cidadã

De acordo com interpretação da CF/88, a educação é um instrumento que garante às pessoas a condição de se inserir na sociedade como um cidadão portador de deveres e direitos que pode trazer contribuições para o aperfeiçoamento e equidade para essa esfera da vida humana. Por possuir tal qualidade, a educação é tratada na Constituição brasileira como um direito fundamental para o pleno desenvolvimento humano. (Federal, 1988).

Ao se falar de cidadania na atualidade, deve-se pensar que, para atingir o *status* em que hoje ela se encontra, há um processo gradual de contínuas conquistas de direitos e a inclusão de novas parcelas da sociedade nessas conquistas. Hoje, uma questão que se impõe são as transformações que questionam o futuro da própria noção de cidadania e a possibilidade de revisão desse conceito (Lavalle, 2003).

Ao se produzir o planejamento pedagógico para uma instituição de ensino, é necessário ter em mente o contexto tecnológico do período de construção desse projeto. Atualmente, com o grande avanço das tecnologias de informação e comunicação, esse contexto ganha muito mais relevância. Os jovens já nasceram em um mundo totalmente interconectado e, portanto, estão completamente imersos nessas novas tecnologias. Dessa forma, é necessário que eles sejam informados dos desafios e possibilidades no uso dessas ferramentas (Silva & Oliveira, 2021).

Quanto ao processo de aprendizagem, pode-se dizer que esta é a principal finalidade da escola, a qual deve ser baseada no estudo, reflexão, prática e, para ser eficaz, essa aprendizagem não deve ser superficial ou desvinculada da realidade, pois educar é mais que treinar um estudante, vai além de ensiná-lo técnicas e destrezas que lhe propiciarão uma ocupação profissional. Com isso em mente, deve-se apontar os males do neoliberalismo que impõem uma ideologia fatalista às pessoas e retira delas a possibilidade da utopia e do sonho. A situação das camadas carentes da sociedade que são submetidas à injustiça deve levar os educadores a uma postura não imparcial perante esse quadro, mas rigorosamente ética (Freire, 1996).

Paulo Freire (1996) diz que para se realizar a educação para a cidadania, é necessário que essa prática educativa tenha um viés transformador, possibilitando com que indivíduos, antes apagados e com papel secundário no contexto escolar e da sociedade, possam participar

ativamente de sua história contribuindo para na melhoria do ambiente escolar e se inserindo de maneira positiva na sociedade. Visando atingir os objetivos necessários, é preciso se inspirar pela educação para a liberdade freiriana (Costa & Fossá, 2021).

Um professor quando trabalha com os alunos em uma perspectiva de desenvolver sua consciência crítica, de forma alguma tem como propósito impor-lhes uma ideologia específica, uma vez que é durante a aprendizagem que o aluno se dá conta das situações com a não concorda. Um exemplo disso são alunos maiores de idade que não sabiam do valor da sindicalização como defesa do trabalhador e que, após estudarem a história trabalhista, têm seu interesse despertado para se sindicalizar (Freire, 1985).

Em um ambiente republicano, deve-se perceber que todos os indivíduos, que formam a sociedade, carregam o direito de se tornarem cidadãos e serem reconhecidos como tal, independentemente de reconhecer a grande disparidade socioeconômica que marca a sociedade brasileira. Nesse sentido, a educação geográfica se destaca para a constituição de cidadãos atuantes, pois é por meio dela que se percebe como o espaço é moldado na sociedade, como ocorrem as disputas para a ocupação do espaço urbano e rural (Callai, 2018).

O processo educativo é uma atividade que tem a finalidade de preparar o ser humano para a vida em sociedade, fazendo dele uma pessoa dotada de cidadania. Esse é um processo de origem antiga, mas seu alcance só se ampliou de forma significativa nas cinco últimas décadas. Na contemporaneidade, com seus avanços tecnológicos cada vez mais velozes, as exigências para a formação humana se modificam e o processo educativo lida com situações novas na preparação do aluno para a vida e para o mundo do trabalho (Arroyo, 2017).

Trabalhar para se implementar a formação cidadã nas escolas é trabalhar para se construir uma sociedade mais sustentável e justa, pois, com a formação de cidadãos, a possibilidade de se refletir sobre os problemas que os afetam e buscar resolução para eles se torna maior. A introdução da cidadania no currículo das escolas dará nova visibilidade a esse tema, e professores e alunos perceberão a importância da escola na transformação da sociedade (Carvalho et al., 2019).

Há um claro descompasso entre a visão tradicional de cidadania e a capacidade estatal de garantir direitos igualitários e universais, ademais, antigos consensos sobre igualdade estão se perdendo, o que tem levado a academia a debates sobre a própria definição de cidadania. O destaque que a cidadania ganha nas últimas décadas gera uma disputa para o estabelecimento de seu conceito (Lavallo, 2003).

Freire (1983) propõe uma educação que supere o pensamento ingênuo, buscando um processo dialógico que respeite o conhecimento trazido pelos educandos de maneira a modificar os conteúdos pragmáticos buscando uma forma de pensar baseada na reflexão.

A educação tecnicista vem substituindo a educação integral e crítica há algum tempo, entretanto, mais marcadamente nesse período atual de ascensão de ideologias fascistas que não permitem que uma educação crítica faça com que as pessoas contestem o Estado repressivo e exijam a retomada do regime democrático. A educação passou a se concentrar em um aspecto tecnicista, no qual os indivíduos devem aprender a gerenciar o fluxo crescente de informações e operar tecnologias novas. Governos autoritários priorizam os treinamentos de habilidades técnicas em suas escolas em detrimento de uma educação crítica que possa fazer sua população desenvolver um comportamento contestador (Giroux et al., 2020).

A retomada das lutas pela educação tem sido uma das formas para incentivar o pensamento social, pedagógico e político e, nesse contexto, pode-se refletir sobre a relação entre desigualdade educacional e desigualdade social e como essa relação pode ser quebrada. Outro viés de reflexão que se apresenta é sobre qual a contribuição os coletivos sociais podem trazer para mitigar o quadro de desigualdades vigentes no país, a partir de sua vivência (Arroyo, 2018).

A juventude carrega em si características ligadas ao processo de transformação, o que deixa clara a importância de lhes proporcionar atividades capazes de desenvolver conscientização crítica que os leve a se tornarem agentes transformadores da sociedade. Nesse contexto, projetos pedagógicos desenvolvidos no Ensino Médio são muito relevantes no sentido de preparar pessoas com a capacidade de tornar uma sociedade desigual em uma sociedade que promova justiça social (Silva & Oliveira, 2021).

### **2.3 Mobilização Social**

Segundo Gohn (2011), movimentos sociais são uma forma de organização muito antiga e sua existência está relacionada às demandas feitas por seus integrantes frente ao poder público ou privado. O presente subcapítulo pretende fazer um levantamento teórico a respeito do tema estudado, bem como sobre o contexto de luta por direito ao espaço público, ao apresentar um coletivo de moradores atuando como sujeitos políticos, reivindicando às instituições estatais seu direito de uso e destinação de seu espaço de vivência.

Os movimentos sociais sempre existiram porque representam forças sociais organizadas nas quais se desenvolvem experimentações sociais, sendo fonte de criatividade e inovações

socioculturais, destacando-se também que, dentro dos movimentos sociais não há homogeneidade nas propostas e formas de luta pela existência de ideologias diversas entre seus integrantes (Gohn, 2014). Toro & Werneck (1966) apontam que a mobilização social sempre é despertada por uma convocação, pois o ato de se integrar ou não a um coletivo ou movimento social é um ato de liberdade.

Os coletivos sociais e as mobilizações organizadas por eles se mostram um ambiente reivindicatório por natureza, mas também à aprendizagem e troca de informações de forma coletivizada. Esses coletivos se dedicam à luta na busca por questões diversas como políticas públicas, transporte, meio-ambiente, moradia e espaço urbano. Sua importância fica clara em eventos como o movimento dos vinte centavos que, em 2013, iniciou um grande movimento de contestação às instituições políticas do país. (Gohn, 2011).

A riqueza de interações socioculturais dentro do corpo de um movimento social produz novas formas de a sociedade se organizar e o conhecimento gerado pelas mobilizações sociais é fruto de inovações surgidas no enfrentamento cotidiano dos obstáculos enfrentados pelo grupo. O processo de mobilização social tem raízes muito antigas, desde a época em que um indivíduo se reconheceu em uma coletividade, passando a agir como membro constituinte de um grupo. Analisando as necessidades de um coletivo social, podem-se obter dados sobre valores, crenças, desejos e necessidades das pessoas que constituem esse coletivo, o que transforma tal enfoque como útil a áreas como a Antropologia, Ciência Social e o estudo da Política (Mafra, 2010).

A formação de identidades tanto de pessoas como de agrupamentos humanos são processos complexos com muitas variáveis tais como o território vivido, a idade, o gênero e a classe social em que se está inserido. Em um processo de mobilização social, as identidades dos envolvidos, seus interesses, históricos de vida e interesses individuais têm grande peso no funcionamento, êxito ou fracasso desse fenômeno (Rebellato & Lisboa, 2023).

Portanto, deve-se conhecer os mecanismos que levam as pessoas a se articularem sob a forma de coletivos sociais que se mobilizam para levar à frente causas coletivas que são de interesse de grupos de moradores de bairros ou regiões de cidades que, de forma individual, não teriam atenção e atendimento do poder público. As mobilizações sociais ganham no Brasil uma grande importância, devido ao fato de que por meio delas as forças e desejos dos indivíduos se somam e ganham nova dimensão. Coletivos têm sido reconhecidos como experiências político-organizacionais guiadas pelo espírito de colaboração e por ideais de coletividade (Marques & Marx, 2020).

Pensar em organizar uma forma eficaz de comunicação é essencial quando se pretende levar à frente qualquer tipo de mobilização social, seja ela por meio de um coletivo urbano ou

um movimento social rural, pois é mediante a comunicação que seus membros internos se organizam e a sociedade externa é esclarecida sobre seus propósitos. Na atualidade, a comunicação ganha importância redobrada, pois os avanços tecnológicos e as redes sociais virtuais são um novo universo de possibilidades (Henriques, 2017).

A comunicação é essencial para as mobilizações sociais, tanto no processo de mobilização quanto na possibilidade da manutenção do engajamento de seus membros por longo período de tempo e, segundo Henriques (2017), atualmente os movimentos sociais procuram no espaço midiático mais visibilidade que reconhecimento. Henriques (2005) explicita, ainda, que os movimentos contemporâneos de mobilização social trazem questões que não se restringem ao campo da comunicação, mas avançam nos conhecimentos acumulados na área das Relações Públicas. Para Maia et al. (2014), todo movimento social necessita de espaço de visibilidade pública para se estabelecer como tal e mobilizar mais integrantes.

Os movimentos sociais são atuações coletivas com características sociais e políticas feitas para que a população sem voz, possa se fazer ouvir pelas instituições que deveriam cuidar do seu bem-estar (Gohn, 2008). Com o fim da ditadura militar na década de 1980, um ambiente que possibilitou o surgimento de diversos tipos de mobilizações sociais, tais como os coletivos urbanos ligados a ações em prol do uso democrático do espaço nas cidades, surge no Brasil (Marques & Marx, 2020).

A mobilização social é um evento que tem múltiplos focos os quais vão além de sua manifestação mais visível, que é a manifestação pública, ou seja, é sua forma de ganhar visibilidade no espaço urbano. As pessoas que compõem uma mobilização social são movidas por interesses coletivos e buscam atrair mais participantes por meio do convencimento sobre a necessidade da união em prol do bem coletivo (Toro e Werneck, 1996).

A classe trabalhadora em um mundo capitalista se encontra explorada e, por esse motivo, enfrenta questões como desemprego, baixos salários, falta de moradias dignas, sendo privada de seus direitos mais básicos. De modo a vencer essas dificuldades, as mobilizações sociais surgem como forma de enfrentamento político e busca de visibilidade para suas demandas. As mobilizações sociais sob forma de movimentos clássicos como os Sem Terra ou os coletivos urbanos enfrentam a repressão da polícia e a criminalização imposta pelo Estado. Independentemente desses obstáculos, as mobilizações sociais ainda são a melhor maneira para a população fazer suas reivindicações frente ao poder público (Guimarães, 2015).

Mobilizações sociais não são fenômenos recentes, elas acontecem desde que o ser humano se descobriu como ser social. Desde então, ele se mobiliza com seus semelhantes

dividindo sentimentos e desejos, tentando construir sua autonomia e boas condições de vida. Nesse contexto, os movimentos sociais são vistos como um fenômeno com potencial transformador da sociedade, com perfil político e pedagógico (Mafra, 2010).

O processo de se mobilizar uma parcela da população pode ser benéfico sob diversos aspectos como, por exemplo, provocar pressão popular sobre as autoridades públicas no sentido de conseguir desfecho favorável sob demandas que beneficiem a população. Outros efeitos positivos causados por uma mobilização social é a conscientização sobre problemas que determinadas parcelas da população sofrem e nem tem consciência disso. Deve-se tratar a mobilização social como um fenômeno não previsível, sujeito à repressão estatal de suas atividades, falta de recursos e desmobilização de seus membros. Diante disso, é necessário que uma cultura de mobilização seja criada de forma a lutar por uma sociedade democrática, justa e igualitária (Scherer & Warren, 2006).

A importância das mobilizações sociais ultrapassa o sentido mais direto de sua existência que é a conquista de determinada demanda requerida pelos grupos que as compõem. No processo de formação e funcionamento de um coletivo social, ocorre uma aprendizagem prática envolvendo seus componentes na resolução dos diversos problemas que acontecem no decorrer do processo de luta e reivindicações; mobilizar está associado ao ato de comunicar, promover informação, educação e libertação no intuito de modificar realidades negativas (Maia et al., 2014).

Uma das contribuições dos movimentos sociais para o currículo escolar é a formação de professores, o currículo é uma síntese da cultura e conhecimento, a questão a ser colocada é: quais conhecimentos e qual cultura compõem os currículos escolares e quais conhecimentos, valores e culturas? Como integrá-los a que conhecimentos, culturas, valores que vêm sendo produzidos pelos movimentos sociais do campo, indígenas, quilombolas? A conscientização referente à mudança presente nos movimentos quilombola, negro, indígena e trabalhadores sem-teto das cidades é um traço primordial na construção de currículos de formação de professores (Arroyo, 2015).

Caracterizado por ser formado por organizações sem fins lucrativos que juntamente ao Estado e as empresas privadas compõem a sociedade civil, o terceiro setor tem sua atuação nas lacunas deixadas pelo Estado em sua função de atender as demandas de sua população. Assim, o terceiro setor utiliza, como forma de luta pelo interesse público, as mobilizações e protestos, produzindo pressão política (Scherer-Warren, 2006).

Com a criação do Estado moderno e o crescimento da classe trabalhadora, os movimentos sociais ganham impulso e, com o avanço dos meios de comunicação, esse impulso

se renova melhorando as condições para a mobilização social. Movimentos sociais têm origem na sociedade civil, como instrumento contrário ao poder estabelecido como uma maneira de vocalizar as demandas das camadas populares com a finalidade de lhes propiciar uma melhor qualidade de vida (Silva, 2018).

Narrativas a respeito de movimentos sociais latino-americanos, que se baseiam em teorias de classe, que seguem a tradição marxista e os princípios da modernidade, defendem tendências universalizantes para os comportamentos coletivos. Explicações para a luta entre as classes tornaram-se, muitas vezes, tendenciosas e previsíveis, bem como modelos analíticos foram aplicados de forma generalizada, em diferentes contextos históricos. Essa questão de forma diversa, enquanto para a classe operária esperava que o socialismo fosse o modo de produção que sucederia o capitalismo, para os movimentos sociais latino-americanos e os novos movimentos sociais não há essa clareza (Scherer & Warren, 2010).

As interações entre as pessoas têm sofrido grandes alterações entre as duas últimas décadas do século XX e as duas primeiras décadas do século XXI. As novas tecnologias de comunicação possibilitaram o acesso das pessoas a um grande número de redes virtuais que facilitaram o contato em tempo real de grupos com interesse comum, em qualquer região do planeta. Por ser o movimento social um fenômeno eminentemente comunicacional, sua integração a essas novas tecnologias é obrigatória (Pereira, 2011).

A rápida evolução tecnológica que vem ocorrendo na área das comunicações, os diversos tipos de mobilização social reconhecendo sua importância na propaganda e divulgação de ideias têm utilizado, cada vez mais, essas tecnologias em seu cotidiano. A utilização das diversas redes sociais e aplicativos torna-se essencial para que esses grupos consigam, com ética, divulgar sua mensagem para a sociedade como forma de conseguir reconhecimento, captando novos membros e pressionando as instituições do governo (Henriques, 2005).

Os movimentos urbanos contemporâneos recentemente despertaram o interesse acadêmico devido à sua complexidade organizacional e teórica; questões como a natureza da luta de classe, a relação com partidos de oposição e o antagonismo ao Estado tornaram-se focos centrais, bem como a sociabilidade interna e a oposição à elite também são áreas de estudo relevantes. A transição dos anos 1970 de um regime ditatorial para um democrático levantou questões sobre a cidadania em meio a um sistema capitalista excludente (Kovarick, 1987).

Os coletivos urbanos brasileiros ganham importância nas jornadas de 2013, em um momento de grande mobilização social produzida com o uso das redes sociais. Um movimento que questionava as ações governamentais ligadas à organização da Copa do Mundo de Futebol

de 2014, o que catalisou uma grande revolta popular contra as esferas institucionais de poder e a política tradicional exercida no país (Marques & Marx, 2020).

Segundo (Cohen & Arato, 1992), os novos movimentos sociais são os elementos centrais para a desconstrução do discurso público, valorização das identidades, possibilitando a reconstrução das relações sociais de forma igualitária. A entrada de novos personagens na discussão política a respeito das ações do Estado que incluam as camadas mais marginalizadas da sociedade são um passo no caminho da justiça social.

Várias teorias clássicas sobre movimentos sociais tiveram como fundamento obras acadêmicas e políticas da modernidade e, atualmente, ocorrem tentativas de revisão crítica em relação à interpretação das análises a partir de teorias pós-modernas de estudos culturais e pós-coloniais. Ademais, há a hipótese de que os estudos da diáspora têm contribuições para se rever o papel de novos movimentos sociais na América Latina, na revalorização das trajetórias de comunidades e de culturas historicamente subalternizadas do continente latino-americano (Scherer-Warren & Luchmann, 2011).

As discussões desencadeadas nas redes digitais pelos novos movimentos sociais surgem da disputa pela hegemonia das narrativas que circulam nos meios informacionais. A luta desenvolvida por esses movimentos busca o poder de estabelecer significados por meio de discursos públicos (Pereira, 2011).

Os movimentos sociais surgiram como forma de dar voz a pessoas que, individualmente, não eram escutados pelo Estado em seus desejos de uma vida com um mínimo de dignidade humana. Os movimentos sociais além de coletivamente se fazerem ouvir pela sociedade e pelo Estado, são organizações com grande potencialidade pedagógica na relação interna entre seus membros, em sua relação com a sociedade e chegando ao processo de negociação com entidades governamentais (Gohn, 2011).

Acrescente-se que, os movimentos sociais constituem espaços primordiais caracterizados por práticas e processos educativos significativos, fundamentais na configuração de sujeitos sociopolíticos conscientes de sua história, contexto temporal e identidade vinculada a segmentos específicos, como classe social, etnia e gênero. Pesquisadores da área das Ciências Humanas e Sociais buscam compreender os elementos educativos que trazem tais mudanças para os sujeitos, dada sua relevância no impulsionamento das mudanças sociais necessárias para a consecução de uma sociedade mais equitativa e justa (Lucena et al, 2019).

Na sociedade, a preocupação com a utilização do espaço urbano de forma sustentável e inclusiva tem crescido e, nesse contexto, coletivos urbanos têm surgido como agentes de mobilização social, a partir das necessidades de moradores de cidades que se mobilizam para

enfrentamento da especulação imobiliária causadora de processo inflacionário no mercado de imóveis, gerando segregação espacial (Rolnick, 2017).

## 2.4 Ativismo Social e Cidadania

A expansão urbana desorganizada traz diversos problemas para a estrutura das cidades. Sua possibilidade de superação está nas diversas formas de participação política e social, reivindicando uma política urbana que inclua todos nos destinos da cidade. O futuro do planeta depende da resposta coletiva dos movimentos sociais, da sociedade em geral e dos Estados frente às disparidades exacerbadas pelo capitalismo, que ampliam as lacunas entre as classes sociais e os países desenvolvidos e em desenvolvimento (Silva, 2022).

A importância de adoção de políticas públicas em questões ambientais como defesa das florestas, aquecimento global e o controle ambiental de áreas urbanas deve trazer um olhar múltiplo de forma que envolva o Estado, mas também setores do mercado e da sociedade. Apesar da erosão do controle estatal, cabe lembrar que o que é estatal faz parte do domínio público, embora nem tudo do domínio público seja estatal (Silva, 2022).

As mobilizações sociais se apresentam de formas diversas com motivações variadas, atuando tanto na esfera pública como na sociedade civil, revelando uma situação de desigualdades e injustiças sociais, uma vez que esse processo reflete diferentes perspectivas. Essas novas formas de mobilização que se apresentam hoje estão relacionadas às novas técnicas de comunicação utilizadas pelos grupos (Gohn, 2019).

A utilização da internet no planejamento e na divulgação das mobilizações sociais no Brasil apresentam grande potencial de fazer que esses eventos cumpram seus propósitos. Apesar disso, limitações no uso dessas tecnologias são apontadas e seu uso nem sempre é feito de forma adequada. Uma grande vantagem na utilização das redes sociais é a propensão ao engajamento social online, mesmo que esse engajamento não se reflita em ações práticas no cotidiano dos movimentos, mas indicando um movimento em direção a uma participação cidadã (Luvizotto, 2016).

A Ciência Política tem discutido sobre a participação política da sociedade e sua relevância para se estabelecer a democracia, a necessidade de que essa participação ocorra de forma qualificada e que aconteça por meio de um processo dialógico com base em informações verdadeiras. No presente século, com o grande uso da internet e suas redes sociais, trazendo para a discussão informações que nem sempre têm origem e veracidade comprovada, traz a

questão de que essa participação popular poderá ser considerada qualificada ou não (Casalecchi & Oliveira, 2021).

O questionamento sobre o atual interesse relativo ao tema da gestão das políticas sociais, tem ganhado importância principalmente em se tratando da compreensão de suas motivações em uma sociedade capitalista, interessando tanto a atores do setor público quanto do setor privado. O Estado de Bem-Estar Social tem sido moldado por interações entre sociedade civil, mercado e Estado, em uma luta pela resolução da desigualdade social e por uma redistribuição de renda, revelando a urgência de se estudar a temática (Raichelis, 2006).

A participação social tem como palco as entidades do terceiro setor e os movimentos sociais que se relacionam com o poder público por meio de políticas públicas como orçamento participativo, audiências públicas ou conselhos gestores e em atividades individuais como votações. As mobilizações buscam expor problemas que atingem grupos da sociedade sem representação e expressões de interesses individuais perante o Estado (Perez & Costa, 2019).

Um tema considerado primordial para o estabelecimento de uma sociedade que possibilite a existência de sustentabilidade social e ambiental é a adoção da Cidadania Ambiental nas escolas, de maneira a formar pessoas que se envolvam na busca de um mundo ambientalmente e socialmente justo. Na Europa, têm-se as ações da Agência Europeia do Ambiente que pregam a necessidade do equilíbrio nos aspectos econômicos, sociais e ambientais visando à possibilidade de uma sociedade que se desenvolva respeitando a natureza (Hadjichambis et al, 2020).

Entende-se cidadania como o ‘direito a ter direitos’, principalmente por parte dos excluídos que ocupam as áreas periféricas das cidades brasileiras, por meio de uma verificação da história e da realidade atual das lutas por seu estabelecimento e por ‘direito à periferia’, denotando a necessidade de coletivos culturais identitários, reafirmando a identidade periférica. As mobilizações de coletivos, nesse contexto, não buscam apenas a igualdade, mas objetivam também o respeito às diferenças e a promoção de lutas com características políticas e sociais (Oliveira & Souza, 2019).

O estudo das tecnologias e dos meios empregados na comunicação entre indivíduos é primordial para a compreensão da cultura da participação social. Considerada como fundamental, a participação em mobilizações sociais contribui para o entendimento do processo de formação de uma sociedade democrática. A participação social coletiva apresenta características como estratégias de atuação, estrutura organizacional e vínculos compartilhados, motivando ações em movimentos sociais e espaços políticos democráticos e tais elementos se encontram aliados a um projeto de sociedade (Perez & Costa, 2019).

O ativismo juvenil é uma prática que pode fazer com que o jovem busque sua autonomia intelectual por estarem atuando em demandas sociais, ambientais, políticas e culturais, precisando para esse fim de uma formação mais ampla. Ao se ligar a questões que afetam sua comunidade, esse jovem desenvolve consciência crítica e cidadania como resultado de suas práticas comunitárias (Reis, 2021).

A participação tem seu conceito em processo de mudança com o passar do tempo, no decorrer da década de 1970, durante as ditaduras militares na América Latina a participação era vista como um movimento da sociedade civil contra o *status* político e, nas décadas posteriores, a participação se focava no desenvolvimento da cidadania. Como visto, a participação passa por fases diversas com relação ao seu reconhecimento, e compreender a causa desse fenômeno pode possibilitar uma melhor integração das pessoas à sociedade (Gohn, 2019).

## **2.5 Gestão Territorial e Cartografia Social: territórios afetivos**

As cidades, em sua infraestrutura e dinâmica de disputa e ocupação de espaço, apresentam grande potencial a ser aproveitado no processo educativo. Uma cidade pode ser inclusiva ou excludente dependendo de sua característica urbanística e ou política. Os projetos pedagógicos, que tenham como objeto o espaço urbano, podem contribuir na transformação de alunos em cidadãos ativos na sociedade (Zuin & Dias 2020).

No último século, o ativismo urbano tem ganhado destaque por meio das ações implementadas por movimentos sociais e por parte da sociedade civil que se apresentam de formas variadas indo desde formas tradicionais de organização da sociedade, até mobilizações de coletivos urbanos contra a utilização do espaço público com mercadoria privada (Silva 20022).

A implantação da política neoliberal na sociedade brasileira tem como resultado o enfraquecimento das políticas públicas, o que acarretou o aumento dos níveis de pobreza com o conseqüente agravamento da desigualdade social. Com isso, questões como preconceitos étnicos, de gênero, orientação sexual, de classe econômica estão ganhando grande dimensão. Em contrapartida, surgem novas práticas de mobilização para o enfrentamento às novas questões que surgem (Queiroz e Gordilho, 2022).

Com as manifestações contra a política tradicional e os vários níveis de governo ocorridos no Brasil, em 2013, as formas de participação social se ampliam e os coletivos urbanos ganham força, na luta pelo espaço urbano e contra a mercantilização da cidade. O

conceito de direito à cidade é utilizado nas demandas por um espaço urbano mais inclusivo (Brasil et al., 2020).

O direito à cidade é um conceito múltiplo, indo além da concepção jurídica constitucional, tendo no meio acadêmico interpretações variadas, além de ser a matéria-prima da luta desenvolvida por coletivos urbanos na busca de um uso do espaço urbano igualitário e democrático. Por meio de reflexão sobre a luta desempenhada por esses novos movimentos sociais, torna-se possível uma evolução jurídica sobre o tema (Prist & Bucci, 2021).

Os embates urbanos carregam consigo as tensões inerentes aos contextos em que ocorrem, expondo contradições e direcionando o significado das disputas, especialmente quando contextualizados dentro da lógica capitalista de formação do espaço. Isso lança um desafio à pesquisa acadêmica, que precisa se envolver nesses processos, de forma a articular conhecimento e ação política, utilizando como orientação o conceito de direito à cidade (Lima et al., 2020).

As chamadas Comunidades Ampliadas de Pesquisa são organizadas por meio de práticas cartográficas que possibilitaram o reconhecimento de possibilidades e desafios enfrentados por essas comunidades, trabalhando suas memórias, fortalecendo a resiliência desses grupos frente às pressões do mercado imobiliário. Essas comunidades são formadas por moradores, associações locais, gestores municipais e pesquisadores. A experiência na elaboração das cartografias sociais faz com que o grupo crie uma autoconsciência, o que revela um descompasso entre a realidade dos territórios e a gestão municipal e, até mesmo, entre os próprios moradores (Oliveira et al., 2021).

Os novos Movimentos Sociais como os coletivos urbanos têm como atividade a luta e os questionamentos das injustiças e das desigualdades socioespaciais nas cidades. Para essas organizações, o espaço urbano é um direito coletivo e, como tal, precisa ser estruturado em função das necessidades coletivas. Nessa perspectiva, a cidade deve ser pensada como um espaço para convivência comunitária e que permita o compartilhamento de seus recursos e serviços (França, 2022).

Os coletivos urbanos têm papel de destaque nas discussões acerca da transformação das cidades na contemporaneidade. Em 2011, em Perus, localizada no extremo noroeste do Município de São Paulo, surgiu a Universidade Livre e Colaborativa (ULC), resultado da colaboração entre coletivos culturais, educacionais, movimentos sociais e instituições universitárias (Borges, 2020).

O estabelecimento da escola pública nas periferias faz com que elas sejam parte da paisagem dessas áreas e interajam com o dia a dia dessas comunidades, Da mesma forma, a

existência da escola e suas dinâmicas internas são entrelaçadas com características e com a vida comunitária que se desenrola nessas regiões periféricas (França, 2022).

A crise das cidades modernas é assunto de destaque em trabalhos que tratam das questões urbanas, esses trabalhos se dedicam a apontar saídas que vão desde revitalização à recuperação. Ao intervir no espaço urbano, busca-se encontrar estratégias que resultem na melhoria desses espaços de forma a atender as demandas da população. Nesse sentido, a educação é usada como instrumento para a conscientização da população acerca do uso coletivo do espaço urbano (Silva, 2022).

Na última década, um debate surgiu na academia, reacendendo a pesquisa sobre o Direito à Cidade, especialmente com o surgimento do conceito de espaços comuns urbanos, refletindo também no ativismo urbano. Os estudos realizados incrementaram a discussão, ao examinar como os espaços da metrópole de São Paulo estão sendo reivindicados, cuidados e protegidos coletivamente pelos residentes, por meio de práticas da comunidade local (França, 2022).

Ao se analisar a história do Brasil, nota-se que uma de suas maiores características é a extrema desigualdade social, fruto de um processo histórico de colonização e escravagismo que ajudaram na estruturação socioeconômica em que se encontra hoje. Da mesma forma, o processo de urbanização seguiu as mesmas diretrizes de exclusão e marginalização de afrodescendentes e indígenas. O país que carrega a marca de ter sido um dos últimos do mundo a abolir a escravidão, até os dias de hoje não conseguiu implementar, de fato, uma universalização do ensino público básico (Silva & Moll, 2024).

A cartografia social pode ser definida como o estudo que aborda, de forma afetiva, um dado território ou territorialidade. Discussões acerca da territorialidade tem como foco aspectos e dimensões simbólicas e, quando o afeto entra na análise, o território ganha uma dimensão topofílica dos indivíduos com seu território. Os processos de desterritorialização como de desterritorialização são vistos como fenômenos afetivos e, em contraste com a topofilia, que é a relação de amor e aconchego que determinado território emana para seus habitantes, existe também seu oposto que é a topofobia, ou seja, o medo e o incômodo que esse território impõe aos seus habitantes (Hutta, 2020).

A cartografia social surge com intuito de dar visibilidade aos invisíveis e garantir direitos utilizando ferramentas acadêmicas, produzindo discurso eficaz de maneira a fortalecer as lutas por territórios, projetando-se como ferramenta para lutas por apropriação de território por parte de populações tradicionais e comunidades oprimidas no Brasil (Ribeiro & Silva, 2022). Muito importante para se estabelecer políticas públicas, os mapas afetivos e a cartografia social

favorecem análises espaciais que permitem a percepção da realidade social permitindo, assim, a mudança das condições de vida das pessoas. As políticas públicas são possibilitadas pela detecção das necessidades e problemas reais que afetam determinada comunidade (Cunha & Antonello, 2023).

Quando o território se transforma em local de conflitos em função das ligações entre os atores sociais, a cartografia social auxilia os grupos sociais a manterem suas identidades culturais, apontando dois tipos de memórias. O primeiro tipo diz respeito ao reconhecimento do território da comunidade por meio de narrativas oficiais daquelas transcritas e reproduzidas pelos atores políticos. O segundo surge por meio da experiência vivida no território, na medida em que a confecção dos mapas se sucede e se nota a existência de duas percepções de um território sobrepondo-se do mesmo espaço: uma posta e, outra, vivida (Júnior, 2020).

Os coletivos urbanos, nesse começo de século, exercem papel relevante na organização das lutas comunitárias, dando a essas lutas um enfoque em suas possibilidades culturais e pedagógicas. Esses coletivos entendem que realizar parcerias com outros grupos ou instituições da sociedade civil são formas de fortalecer suas ações em busca de seus objetivos. Dentre as instituições propícias a essas parcerias estão instituições de educação básicas e superiores e as instituições religiosas. Uma parceria acontecida entre uma universidade e um dos coletivos urbanos paulistas ocorreu, em 2011, por intermédio da Universidade Livre e Colaborativa (ULC) e coletivos urbanos da Região Metropolitana de São Paulo. O objetivo dessa união era sugerir novas possibilidades para a gestão do espaço urbano, e um dos frutos dessa iniciativa foi a inclusão no Plano Diretor Estratégico (PDE), no ano de 2014, de um mecanismo instrumento urbanístico denominado Territórios de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP) (Borges, 2020).

A cartografia afetiva, geralmente desenvolvida por grupos marginalizados, é um instrumento de denúncia das violências contra corpos e territórios e, quando adotada por grupos e coletivos, mapeia territórios e encontros, destacando dinâmicas sociais, culturais e afetivas, especialmente em cartografias dissidentes, como a feminista e a social. A Antropologia, ao antropologizar a cartografia afetiva, estabelece diálogo com povos originários e movimentos sociais, gerando novas metodologias e comprometendo-se com a transformação da sociedade por meio da Antropologia Aplicada, valorizando subjetividades e pluralidades (Silva & Registro, 2022).

A metodologia da cartografia afetiva permite ao indivíduo o mapeamento do seu território e também de seu corpo, a partir da construção dos afetos enquanto vivência nesse território e também na maneira em que essa troca afeta esse indivíduo. Um dos objetivos

principais da cartografia afetiva é pensar como ocorre a subjetividade nesses encontros de corpos e territórios e como os grupos de indivíduos vivenciam e se relacionam com seu território. Essa metodologia conversa com a Antropologia ao estabelecer uma pesquisa dissidente que valoriza a subjetivação do sujeito na vivência de seu território. A Antropologia Afetiva é transdisciplinar, uma vez que está na fronteira entre a Antropologia, Geografia, História, Artes, entre outros (Silva, 2023).

A cartografia social ao fazer a representação de territórios, se preocupa com as estruturas de poder presentes no espaço, os vários interesses envolvidos no território cartografado e questiona as narrativas que tentam manter a hegemonia de grupos que procuram tornar legítima a propriedade do território. Esse enfoque permite não apenas a desconstrução epistemológica e científica da cartografia, mas também a defesa vigorosa da pluralidade de ordens jurídicas que coexistem dentro de um mesmo território, evidenciando a valorização dos lugares vividos e seu potencial reflexivo e transformador (Almeida e Silva, 2023).

Yi-Fu Tuan introduz o conceito de 'topofilia', o qual diz respeito ao 'amor pelo lugar', destacando, assim, uma relação emocional com o território habitado. A pesquisa de Yi-Fu Tuan diz respeito ao afeto dedicado pelas pessoas ao território onde vivem sugerindo um exame profundo nessa relação (Hutta, 2020).

Sendo a territorialização um fenômeno complexo, onde há a vivência em variados territórios, representa a multiterritorialidade. A questão mais importante passa a ser o aspecto social da desterritorialização, pois quem, de fato, perde o controle de seus territórios são os mais carentes, aqueles que se encontram desterritorializados (Haesbaert, 2007).

## **2.6 Direito à Cidade**

Na atualidade, o neoliberalismo ainda persiste, impondo sua lógica de geração de lucro e priorização do espaço privado em detrimento ao espaço público nas cidades. O processo de urbanização que no último século avançou de forma acelerada, ainda tem como resultado as disputas desproporcionais pelo espaço urbano do capital imobiliário contra camadas desprivilegiadas e marginalizadas da sociedade. Como resultado desse processo, enquanto os detentores do capital se preocupam em construir grandes obras como condomínios fechados, a parcela mais pobre perde seus territórios de identidade (Lefebvre, 2001).

Atualmente, vive-se uma disputa sobre o conceito de direito à cidade por parte de diversos campos do conhecimento acadêmico. Esse conceito não é considerado único nem mesmo para a gestão pública, urbanismo e planejamento social, áreas muito afeitas ao seu uso.

Juridicamente, a possibilidade do direito à cidade ser tratado como um direito humano é contestado no exterior (Junior & Libório, 2021).

A cidade é espaço de atores variados, entre eles as organizações sociais e movimentos sociais diversos, nos quais podem ocorrer disputas entre esses atores, mas também pode ocorrer colaboração entre eles, no sentido de estabelecer estratégias por meio de organizações em rede para conseguirem atingir seus objetivos. A organização e participação mais institucionalizada dos atores sociais e a atuação reivindicatória dos movimentos exercem grande influência sobre o estado brasileiro no sentido de produzir políticas públicas e criação de instituições participativas (Oliveira & Silva, 2020).

Harvey (2012) reflete sobre o direito à cidade dizendo ser este um direito humano fundamental não individual por se tratar da vida em coletividade desenvolvida nas cidades. Segundo ele, por se tratar de recursos urbanos esse direito deverá obrigatoriamente ser exercido de forma democrática visando ao bem-estar social. Entende-se, ainda, que o direito à cidade, quando aplicado, transforma o espaço urbano, mas transforma também as pessoas que o habitam. Esse direito é visto como mais amplo que somente o uso e a organização do território urbano, ele se liga a todos os recursos urbanos como o transporte, a saúde e a educação, e deve ser exercido como forma de combater a exclusão espacial.

Tal qual uma comunidade, a cidade mantém um aspecto orgânico, resquício da antiga aldeia, sendo sua tradução a reunião corporativa. A vida em comunidade, com suas assembleias, não impede a luta de classes e, cabe aqui salientar que, as sociedades nas quais essa luta de classes gerou muita opressão, paradoxalmente, também foi gerada muita riqueza em termos de obras urbanas (Lefebvre, 2001).

É correto afirmar ser o direito à cidade mais amplo que o simples atendimento da população aos bens e serviços que uma cidade oferece, e, para que esse direito seja atendido, torna-se necessário o combate à exclusão social de forma que todos possam ter uma vida digna. Esse direito é parte de uma visão que tem como referência os direitos humanos contrariamente à lógica neoliberal que privilegia o direito à propriedade privada e ao capital, nesse caso, a preponderância dos interesses do mercado imobiliário sobre as necessidades das camadas mais vulneráveis e excluídas da sociedade (Battaus & Oliveira, 2016).

A luta contra a exploração neoliberal do mercado imobiliário na busca do lucro e a prioridade às grandes construções de alto luxo em detrimento das necessidades da população de baixa renda representam o conceito de direito à cidade. Nesse sentido, destaca-se a necessidade da prática de uma gestão do espaço urbano mais democratizada, com a participação dos interessados no assunto. O combate ao processo de exclusão e opressão das classes sociais

marginalizadas dos destinos do espaço urbano se relacionam à chamada justiça social (Harvey, 2012).

Segundo Lefebvre (2001), com a urbanização no mundo capitalista industrial, a produção de mercadorias substitui a produção de obras, a exploração substitui a opressão e o valor de uso substitui o valor de troca. A estratégia de renovação urbana, apesar de reformista, torna-se revolucionária ao desafiar as estruturas estabelecidas, pois essa estratégia por estar baseada na ciência da cidade precisa de apoio social e político para ser eficaz, não agindo de forma autônoma, além de depender da presença e ação da classe operária, a única capaz de acabar com a segregação direcionada principalmente contra ela (Silva, Calgaro & Hernany, 2020).

O termo justiça espacial diz respeito às ações que visam estabelecer na sociedade uma destinação e ocupação de espaços públicos mais justa e que não façam distinção entre a classe social das pessoas atendidas nesse processo. No Brasil, ainda há uma gestão espacial das áreas públicas que, em muitos casos, privilegia grupos com maior influência política e econômica (Carlos, 2020).

As lutas por cidadania desenvolvidas atualmente nas periferias brasileiras em paralelo ao direito à cidade, necessitam levar em conta as novas práticas e novas demandas presentes nessas regiões. Conectar o direito à cidade e as características históricas é necessário para se adequar as lutas desenvolvidas para cada estágio vivido por populações que vivem nessas periferias (De Oliveira, 2018).

Na atualidade, onde são vividas as consequências do desequilíbrio ambiental afetando várias partes do mundo, a gestão racional e ambientalmente sustentável de áreas públicas torna-se imprescindível. Nesse sentido, a luta pela destinação socialmente e ecologicamente correta do espaço público ganha um novo enfoque (Carlos, 2020).

As regiões metropolitanas brasileiras apresentam grande densidade demográfica e alto nível de desigualdade socioeconômica, dessa forma, tem também um grande índice de favelização e condições precárias de habitação e saneamento público. A equação de desemprego, baixos salários e aluguéis caros fomentam essa situação vivida nos grandes centros urbanos brasileiros (Cardoso et al., 2022).

No Brasil, por vezes, a conquista de direitos e cidadania representa a reafirmação de desigualdades e, no caso do direito à cidade, nada é garantido, a conquista vem por meio de luta e constante revisitar dos conflitos sociais. O direito à cidade deve dialogar obrigatoriamente com as lutas por cidadania realizadas por grupos periféricos em seus territórios de vivência. Ao

se tratar do referido direito, há que se fazer conexão deste com problemas públicos que são típicos de cada momento histórico ou, então, cristalizados (Oliveira, 2018).

Os grandes protestos que se iniciaram no Brasil, em maio de 2013, tiveram como foco inicial os questionamentos sobre os altos custos do transporte urbano tendo sua pauta evoluída para várias outras demandas como o questionamento sobre a necessidade da realização da Copa do Mundo de 2014 e a exigência de oferta de melhores serviços públicos educacionais, de segurança e de saúde. Nesse contexto, grupos ligados ao direito à cidade também têm suas demandas realçadas (Alfonsin, 2014).

O planejamento e construção das cidades inteligentes devem considerar um aspecto fundamental para que a cidade tenha como marcas a justiça social e o cuidado com sua população, por esse motivo, o direito à cidade precisa estar na pauta desse planejamento. Sendo a cidade inteligente um fenômeno dependente do uso de novidades tecnológicas, a possibilidade do surgimento de novas modalidades de exclusão se apresenta como um problema real (Gomes & Paliologo, 2017).

Nesse debate, a questão antropológica foca na subjetividade dos moradores em oposição ao uso de dados estatísticos que dependem da visão externa ao que seja a cidade. Diante de uma crise urbana, a valorização de uma visão antropológica mais imaginativa e representativa se faz necessária em substituição àquelas que trazem uma abordagem quantitativa (Agier, 2015).

A gentrificação no Brasil e em outros países latino-americanos reflete os efeitos do passado colonial, com práticas urbanas atuais como reurbanização, revitalização e reutilização que, muitas vezes, mascaram suas consequências negativas. Tais práticas podem levar à polarização social, criminalização da pobreza e a criação de cidades menos acolhedoras e, portanto, uma abordagem decolonialista, focada no direito à cidade, venha a ser mais adequada para politizar a gentrificação, revelando suas intenções prejudiciais à sociedade, especialmente aos mais pobres, em um contexto pós-globalização (Marco et al., 2020).

A atuação das ONGs e movimentos sociais no Brasil é de suma importância na busca de um país mais justo social e economicamente, visto que, no *ranking* mundial referente à concentração de renda tem-se uma posição destacada. Esses tipos de organização atuam em áreas como a diminuição da pobreza e na preservação ambiental. Representam parcelas da sociedade que se unem para exigir do Estado ações que possam mitigar esses problemas.

### 3 METODOLOGIA

Foram destacados neste capítulo, os métodos utilizados e todas as informações para a realização das pesquisas de campo que compõem esta dissertação.

### **3.1 Classificação e Delineamento da Pesquisa**

Ao se realizar uma pesquisa qualitativa, compreender é o verbo que se deve utilizar porque o exercício de se compreender é uma atividade profundamente ligada à capacidade de ser empático. No intuito de compreender uma pessoa, é preciso considerar sua singularidade e suas subjetividades (Minayo, 2012).

O presente estudo tem natureza básica e cunho social, seu objetivo é gerar conhecimento sobre fenômenos sociais como a interação entre uma escola e um coletivo de moradores da comunidade que a cerca. A aquisição de resultados práticos no caso, não é obrigatória (Creswell, 2014).

Tendo como referência Minayo (2012), este estudo é de natureza exploratória possuindo utilidade na compreensão de fenômenos e como ocorre seu funcionamento em dado contexto, identificando também gaps no que é conhecido a respeito do tema, possibilitando e fornecendo informações que poderão ser usadas em pesquisas futuras. No processo da pesquisa, a abordagem utilizada foi qualitativa devido ao fato de se estar lidando com um tipo de estudo relacionado à percepções sobre a implantação da gestão participativa no contato entre uma escola e sua comunidade interna e externa ao seu muro, tendo em vista também a possibilidade do surgimento de uma visão crítica do mundo por meio de atividades pedagógicas em cooperação de um grupo de moradores locais e grupo de alunos.

As experiências de vida dos entrevistados da comunidade escolar da Escola Estadual Alfa e da comunidade externa são valiosas por permitir perceber como é o ambiente interno da escola e da comunidade externa, conseguindo informações valiosas para a pesquisa sobre as dificuldades enfrentadas por professores e alunos para se estabelecer uma educação de qualidade e, na questão de o Coletivo Atingidos Pelo Prates, perceber os desafios e possibilidades em sua luta por direito ao espaço urbano.

Foi fundamental a utilização de estudo de caso no entendimento de fenômenos sociais complexos, isso permite uma análise ampla revelando processos carregados de significado. Deve-se ter em vista que, para obter sucesso, necessita-se de um olhar plural que reúna uma

diversidade de estratégias em complementaridade sem, contudo, estabelecer um esquema de importância entre elas (Eisenhardt, 1989).

### 3.2 Objeto de Estudo

O objeto de estudo para Marconi e Lakatos (2017) se refere à parte fundamental de análise da pesquisa científica, sendo responsável na delimitação do alcance do estudo e dos rumos tomados pela pesquisa. Nesta pesquisa, o objeto de estudo é a Escola Estadual Alfa, situada na Região Noroeste de Belo Horizonte, onde a parceria entre comunidade escolar e escola proporciona uma oportunidade para implementação de uma gestão participativa nos processos da escola e promoção de uma conscientização crítica e cidadã entre os alunos.

Ao se referir à participação cidadã está-se falando na participação da população em questões que têm o poder de alterar seu modo de vida, dessa forma, pode-se dizer que, quando um grupo de moradores se mobiliza para reivindicar a destinação de determinado espaço em sua comunidade para propósitos, fala-se de um tipo de participação cidadã. Por ser assim, o processo de mobilização social favorece o surgimento de um pensamento democrático na comunidade (Teixeira, 1997).

Linhas de força podem ser entendidas como um conceito que se relaciona à espaços urbanos que podem desencadear engendramentos que tenham potencial para desencadear conflitos ou que se revelem pacíficos e, nesse sentido, se torna necessário entender que a demanda por território em relação ao terreno do desativado Aeroporto Carlos Prates, em Belo Horizonte/MG traz em si esse conceito. Essas linhas de força dividem-se em duas categorias: as forças do mercado, que tendem à mercantilização dos espaços, e as forças de controle na gestão e produção espacial. As lutas dos movimentos sociais contra a mercantilização e o controle do mercado imobiliário e do poder público demandam grande empenho dos membros desses grupos (Silva, 2015).

A colaboração desenvolvida entre escola e o Coletivo de Moradores, tendo como foco as mobilizações pela desativação do Aeroporto, é uma valiosa oportunidade de se desenvolver um Projeto Pedagógico impactante, e essa união oferece um terreno fértil para cultivar a gestão participativa escolar e uma prática pedagógica que privilegie o desenvolvimento de visão crítica que leve os alunos da Escola Estadual Alfa a adquirirem noções de cidadania.

### 3.3 Sujeitos de Pesquisa

No processo de pesquisa, foram realizadas, ao todo, 20 entrevistas em profundidade. Quanto à pesquisa na escola, foram entrevistados a diretora, as orientadoras dos turnos da manhã e da noite, vice-diretora do turno da manhã, cinco professores, uma estagiária que trabalha na implementação do Projeto, quatro alunos do Ensino Médio (maiores de idade) que participaram do Projeto e duas mães de alunos. No Coletivo Atingidos pelo Prates, foram entrevistados quatro de seus integrantes. Amostras das respostas dos entrevistados por temática relevante para a conclusão da dissertação estão listadas no Apêndice C.

Os vinte entrevistados tiveram a troca de seus nomes reais por nomes fictícios com o objetivo de se manter a privacidade dos participantes e a confidencialidade no estudo propiciando, assim, uma maneira para que os entrevistados não se intimidassem de forma a responderem aos questionamentos com maior segurança e desenvoltura. Ao se observar a ética acadêmica, verificou-se que a utilização de nomes reais em pesquisas pode ferir os direitos do público participante.

Em relação aos integrantes do Coletivo que foram entrevistados, quatro são mulheres e, em relação à ocupação, uma é servidora pública, duas são professoras do Ensino Superior e uma é professora do Ensino Básico. Para escolher quais participantes seriam entrevistados no Coletivo, a disponibilidade de tempo para a pesquisa foi levada em conta.

**Tabela 2**

***Sujeitos de pesquisa na Escola Estadual Alfa***

<b><i>Sujeitos da Entrevista na Escola</i></b>	<b><i>Total das Entrevistas</i></b>
<b><i>Diretora</i></b>	<b><i>1</i></b>
<b><i>Orientadoras de Turno</i></b>	<b><i>2</i></b>
<b><i>Vice-diretores de Turno</i></b>	<b><i>1</i></b>
<b><i>Professores</i></b>	<b><i>5</i></b>
<b><i>Estagiária</i></b>	<b><i>1</i></b>
<b><i>Alunos do Ensino Médio, Participantes do Projeto</i></b>	<b><i>4</i></b>
<b><i>Mães de alunos</i></b>	<b><i>2</i></b>
<b><i>Total</i></b>	<b><i>16</i></b>

Na tabela 2, são apresentadas as pessoas que foram entrevistadas na escola estadual Alfa, a quantidade de entrevistados por categoria e as funções exercidas por elas na escola.

**Tabela 3****Entrevistados relacionados à Escola Estadual Alfa**

<b>Entrevistados Escola Alfa</b>	<b>Anos na Escola</b>	<b>Anos na Educação</b>
<b>Diretora Márcia</b>	<i>17 anos na escola</i>	<i>23 anos na educação</i>
<b>Vice-diretora Manoela</b>	<i>11 anos na escola</i>	<i>23 anos na educação</i>
<b>Supervisora Juliana</b>	<i>7 anos na escola</i>	<i>11 anos na educação</i>
<b>Supervisora Júlia</b>	<i>16 anos na escola</i>	<i>27 na educação</i>
<b>Professora Maria</b>	<i>13 anos na escola</i>	<i>17 anos na educação</i>
<b>Professora Cláudia</b>	<i>14 anos na escola</i>	<i>18 anos na educação</i>
<b>Professora Ângela</b>	<i>18 anos na escola</i>	<i>21 anos na educação</i>
<b>Professora Regina</b>	<i>8,5 anos na escola</i>	<i>8,5 anos na escola</i>
<b>Professor José</b>	<i>4 anos na escola</i>	<i>5 anos na educação</i>
<b>Estagiária Heloísa</b>	<i>estagiou na escola em 2023</i>	
<b>Aluna Egressa Gabriela</b>	<i> cursou 3º ano na escola</i>	
<b>Aluna Egressa Luana</b>	<i> cursou 1º, 2º e 3º ano na escola</i>	
<b>Aluna Egressa Marisa</b>	<i> cursou 1º, 2º e 3º ano na escola</i>	
<b>Aluno Egresso Lúcio</b>	<i> cursou 1º, 2º e 3º ano na escola</i>	
<b>Mãe de Aluna Egressa, Simone</b>	<i> mora na comunidade há mais de 10 anos</i>	
<b>Mãe de Aluna Egressa, Isabel</b>	<i> mora na comunidade há mais de 10 anos</i>	

Na tabela 3, são destacadas as características pessoais relativas ao tempo de serviço na escola, ao tempo de serviço de cada profissional na educação e ao tempo de moradia das mães e ex-alunos na comunidade e tempo cursado na escola por parte dos ex-alunos.

**Tabela 4****Sujeitos de pesquisa no coletivo Atingidos Pelo Prates**

<i>Sujeitos da Entrevista do Coletivo de Moradores</i>	<i>Total de Entrevistados</i>
<i>Membros do Coletivo</i>	<i>4</i>
<i>Total</i>	<i>4</i>

Na tabela 4, é apresentada a quantidade de entrevistados no coletivo Atingidos Pelo Prates.

**Tabela 5****Entrevistados relacionados ao coletivo Atingidos pelo Prates**

<i>Entrevistados Relacionados ao Coletivo Atingidos pelo Prates</i>	<i>Tempo de Residência na comunidade</i>
<i>Lúcia, Participante do Coletivo: funcionária pública aposentada</i>	<i>moradora da comunidade há 18 anos</i>
<i>Eunice, Participante do Coletivo: arquiteta, professora PUC MG</i>	<i>moradora da comunidade há 9 anos</i>
<i>Glória, Participante do Coletivo: arquiteta, professora PUC</i>	<i>moradora da comunidade há 21 anos</i>
<i>Heloísa, Participante do Coletivo: arquiteta recém-formada</i>	<i>moradora da comunidade há 21 anos</i>

Na tabela 5, são apresentados dados pessoais e tempo de residência de cada entrevistado do coletivo Atingidos Pelo Prates na comunidade próxima à escola estadual Alfa.

### 3.4 Plano de Coleta de Dados

Ao desenvolver uma pesquisa científica, o pesquisador deverá ter a capacidade de fazer a interpretação dos dados coletados contribuindo com o desenvolvimento do conhecimento

acadêmico existente. Coletar dados para a realização do estudo deve ser uma atividade metódica de forma a garantir um resultado confiável para a pesquisa (Batista et al., 2021).

Para realizar a coleta de dados desta dissertação, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com o intuito de verificar a colaboração em um projeto pedagógico realizado em parceria entre a escola e a comunidade. O roteiro das entrevistas (Apêndice A) foi pensado de forma que todos os participantes tivessem os mesmos questionamentos, permitindo-se analisar comparativamente as diferentes perspectivas. A pesquisa envolveu a participação de grupos diversos. Foram entrevistadas 20 pessoas, sendo 10 profissionais da Escola Estadual Alfa (uma diretora, uma vice-diretora, duas supervisoras, cinco professores, uma estagiária); quatro integrantes do Coletivo de Moradores foram quatro integrantes, quatro estudantes egressos do terceiro ano do Ensino Médio em 2023 e duas mães de alunos egressos.

Para a coleta de dados da pesquisa, foi definido um roteiro (Apêndice A) adequado aos objetivos propostos. Foi oferecido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) com a finalidade de garantia da ética e proteção dos entrevistados no estudo e a reunião de materiais como *smartphone*, *laptop*, bloco de notas, canetas e questionários impressos para complementarem as entrevistas com informações estruturadas.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro a outubro de 2024. O tempo de realização das entrevistas variou entre 35 a 70 minutos. Na realização das entrevistas, foi utilizado o *WhatsApp* (web), e estas foram gravadas pelo aplicativo de gravador do celular. Os objetivos da pesquisa e a forma como se daria a coleta de dados foram relatados para os entrevistados, assim como seus direitos. Os dados obtidos por meio das entrevistas são confidenciais, e o consentimento para a participação dos entrevistados foi registrado em documento apropriado de modo a preservar a ética na pesquisa. O Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos do Centro Universitário Unihorizontes avaliou o projeto de pesquisa, e também foi considerado o histórico de vida dos participantes das entrevistas.

O tipo de metodologia aplicada na pesquisa permitiu que informações valiosas sobre os pontos de vista diversos dos participantes a respeito de seu envolvimento com o Projeto Pedagógico Colaborativo (PPC) e a gestão participativa na escola fossem coletados. As informações sobre a gestão participativa na escola e o PPC, permitiram a construção de um suporte para a análise das potencialidades e desafios na interação entre escola e seu contato com a comunidade externa.

### 3.5 Plano de Análise e Interpretação de Dados

A análise e interpretação de resultados é um estágio de expressiva importância no processo de pesquisa por permitir que o pesquisador consiga resultados significantes e poder contribuir para o avanço da ciência (Minayo & Souza, 2011). Como plano de análise e interpretação de dados, adotou-se a análise documental oriunda de documentos gerados pelo poder público sobre a Escola Estadual Alfa e o Aeroporto Carlos Prates, bem como documentos relacionados ao Coletivo Atingidos Pelo Prates.

Na realização da análise dos dados, foram feitas a transcrição e codificação de dados, e a Análise Temática (AT) se mostrou a mais apropriada no caso. Vaismoradi et al. (2016) destacam a relevância da AT na pesquisa qualitativa, reconhecendo-a como um método fundamental para a extração de ‘temas’ que representam os principais resultados da análise e geram aplicações práticas para a área de estudo.

A AT é considerada um tipo de análise de dados acessível não seguindo um processo linear. Suas principais etapas são familiarização com os dados, leitura e anotações; codificação, rotulação dos dados; criação de temas iniciais, identificação de padrões, desenvolvimento e revisão de temas, observando se a natureza do fenômeno estudado foi capturada (Braun & Clarke, 2006).

A flexibilidade e os diversos tipos de abordagem da Análise Temática podem ser úteis para as pesquisas desenvolvidas em organizações. Seu uso em pesquisas qualitativas se revela como uma abordagem metodológica correta, especialmente na análise de dados históricos em organizações. A AT também é útil para pesquisas interpretacionistas, nas quais as organizações são vistas como processos emergentes das ações intencionais das pessoas que interagem para interpretar e dar sentido ao seu mundo (Silva et al., 2020).

Todas as entrevistas foram transcritas utilizando-se o *software* Microsoft Word, a Análise Temática foi escolhida para fazer a análise dos dados coletados por possibilitar a identificação de relações e padrões relativos ao processo de integração entre comunidade e escola.

O percurso de análise descrito neste capítulo permitiu que subjetividades dos entrevistados, tais como suas vivências no cotidiano escolar ou na mobilização do Coletivo pela desativação e nova destinação do terreno do Aeroporto, descomplicassem o trabalho de atender aos objetivos geral e específicos da pesquisa. A análise das entrevistas e identificação das temáticas mais comuns apresentadas nas respostas dadas pelos entrevistados forneceram padrões para o entendimento das questões relativas à pesquisa.

## 4 RESULTADOS DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa com um objeto de estudo que apresenta contextos complexos, a Análise Temática se mostrou mais indicada pela capacidade de dar voz à diversidade de entrevistados e por proporcionar uma análise mais aprofundada. Para a apresentação dos resultados deste estudo, a análise das entrevistas gerou cinco temáticas importantes para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos, e é a partir dessas temáticas que os resultados são apresentados.

As temáticas geradas no processo de análise das entrevistas são as seguintes: ‘Gestão Participativa Escolar’, ‘Educação Crítica e Cidadã’, ‘Projeto Pedagógico Colaborativo’, ‘Direito à Cidade’ e ‘Mobilização Social’. Os resultados apresentados dessa forma permitem desenhar um quadro mais completo do fenômeno estudado, trazendo as questões que, segundo a proposta da dissertação, necessitam de respostas e, segundo os autores utilizados na revisão bibliográfica, por fornecerem o embasamento necessário para as respostas obtidas por meio dos temas descritos, após a descrição do Perfil dos Entrevistados.

### 4.1 Perfil dos Entrevistados

Os entrevistados se dividiram em relacionados à Escola Estadual Alfa e relacionados ao Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates. No total, foram entrevistadas 20 pessoas, ou seja, no grupo relacionado à Escola, são dez profissionais, nove mulheres e um homem, três alunas e um aluno egressos da escola em 2023 e duas mães de alunos. No grupo de moradores, são quatro integrantes, todas mulheres com média de idade de 40 anos. Todos os entrevistados residem em bairros, na Região Noroeste de Belo Horizonte.

Na escola foram entrevistadas a diretora Márcia, 48 anos, (professora de Educação Física, 17 anos na Escola, 23 na educação), a vice-diretora Manuela, 50 anos, (professora de Sociologia, 11 anos na Escola, 25 na educação), a supervisora Juliana, 38 anos de idade, (Pedagoga, 7 anos na Escola, 11 na educação), a supervisora Júlia, 58 anos, (16 anos na Escola, 27 na educação), a estagiária Heloísa, 23 anos de idade, (estagiando em História em 2023), a professora Maria, 27 anos de idade, (responsável pelo Projeto Pedagógico Colaborativo na Escola, 13 anos na Escola e 17 anos na educação), a professora Cláudia, 36 anos, (Educação Física, 14 anos na Escola, 18 anos na educação), a professora Ângela, 41 anos de idade, (18 anos na Escola, 21 anos na educação), a professora Regina, 27 anos de idade, (História, 8 anos e meio na Escola,

8 anos e meio na educação), o professor José, 24 anos de idade, (Educação Física, quatro anos na Escola, cinco anos na educação).

Os alunos entrevistados foram todos do terceiro ano do Ensino Médio, turno da manhã, a aluna Gabriela, 19 anos de idade, (cursou, em 2023, apenas o terceiro ano na EEA), a aluna Luana, 19 anos de idade, (cursou três anos do Ensino Médio na EEA), a aluna Marisa, 19 anos de idade, (moradora da região, cursou três anos do Ensino Médio, na EEA) e o aluno Lúcio, 19 anos de idade, (morador da região, cursou três anos do Ensino Médio, na EEA). Duas mães moradoras da região foram entrevistadas, Simone, 45 anos de idade e Isabel, 43 anos de idade.

A líder e fundadora do Grupo de Moradores, Lúcia, tem 59 anos de idade, (funcionária pública aposentada, moradora da região há 18 anos e teve seu papel de líder comunitária apontado por outras entrevistadas). Eunice, integrante do Grupo de Moradores tem 50 anos de idade, (é professora de arquitetura na PUC Minas, moradora da região há 11 anos, além de integrar o Grupo de Moradores presta assessoria técnica ao Grupo de Moradores), tal como Glória, que tem 51 anos de idade, (é arquiteta e professora da PUC Minas, integrante do Grupo de Moradores que também presta assessoria técnica ao Grupo de Moradores em sua luta por direito à cidade).

Aline, 28 anos de idade, (integrante do Grupo de Moradores, mora na região há 20 anos, é formada em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Minas Gerais em 2023, ingressou no Grupo durante sua graduação por sugestão de sua orientadora que conhecia a luta do Grupo de Moradores. Seu Trabalho de conclusão de curso teve como tema a luta do Coletivo de Moradores por desativação do Aeroporto Carlos Prates, tendo participado também como assessora técnica na formação do Coletivo).

## **4.2. Análise Temática**

### ***4.2.1 Gestão Participativa***

A necessária participação dos pais e responsáveis por alunos em questões do cotidiano escolar é fundamental para o bom desempenho da aprendizagem como aponta Paro (2017). Entretanto, a escola Alfa ainda enfrenta desafios para atrair a participação dos responsáveis pelos alunos em atividades desenvolvidas no decorrer do ano letivo. A diretora Márcia esclarece: "a nossa escola não é uma escola de comunidade. Os pais não são tão presentes assim dentro da escola, né? A comunidade em si." Grande parte dos entrevistados aponta dificuldades em produzir um ambiente de colaboração entre comunidade e escola. Júlia, supervisora escolar,

destaca a necessidade de que a escola aproxime suas atividades da realidade da comunidade a que pertence: "Mas eu acho que se houvesse com uma coisa, um objetivo bem próximo da comunidade, eu acho que a gente consegue sim. Porque não adianta você tentar fazer um projeto que não envolva, que não desenvolva, tem que ser alguma coisa do interesse deles".

Como visto em Luck (2017), a professora Maria vê como essencial a interação entre estudantes, professores e demais representantes da comunidade objetivando tornar o clima escolar propício ao desenvolvimento de uma educação mais contextualizada e onde a comunidade se considere incluída: "É uma área que tem a maioria de concreto ali, né? É assim, na minha opinião. Falei, né, são poucas as praças, né? Poucos os espaços verdes arborizados que se tem ali na região". Maria também aponta a importância de fazer seus estudantes conhecerem e se interessarem pelo tema estudado: "Nós fizemos uma visita técnica com os alunos até o Aeroporto... E aí eles tiveram acesso à estrutura, né? A estrutura desse Aeroporto e tudo mais".

Luana, aluna egressa do terceiro ano da Escola, tal como Freire (1974), destaca a importância do estudante vivenciar a realidade fora de sala de aula e na comunidade externa à escola: "Então, a professora Maria, a gente começou a fazer esse projeto ano passado... o que a gente fez foi visitar o local para a gente ver como ele era... e ela traz uma discussão para tentar criar uma alternativa para que esse espaço poderia ser utilizado..." Heloísa, estagiária da Escola, fala sobre a resistência dos alunos, que anteriormente questionavam, "mais aula", mas que posteriormente se ligaram ao Projeto Pedagógico realizado.

No processo de análise, verificou-se que a gestão da Escola Estadual Alfa é consciente de suas deficiências se mostrando empenhada em aumentar o nível de participação dos pais e membros da comunidade externa em suas decisões relativas à melhorias pedagógicas. O descompromisso dos pais e responsáveis pelos alunos nos assuntos pertinentes à escola é visto como uma das principais barreiras para que a gestão da escola se torne realmente participativa, como aponta Paro (2017), dificultando uma relação mais próxima entre escola e comunidade. Lúcia, uma participante do Coletivo de Moradores, diz que a falta de tempo reportada pelos moradores é um dos maiores empecilhos no processo de mobilização no Coletivo: "muita gente já esteve nas reuniões e não consegue participar. E declara, mesmo, né? Não, não consigo, não tenho tempo, não dá".

Desafios ocasionados pela falta de tempo dos responsáveis pelos estudantes, por dificuldades de comunicação e, em alguns casos, por uma visão limitada a respeito do papel que a comunidade pode desempenhar na gestão da escola, são apontados por diversos entrevistados. Simone, mãe de aluna, reforça a necessidade de uma relação mais profunda dos

pais com a Escola e sua gestão: "Não é assim como são coisas que é que para a participação com os pais também, eu acho interessante e eu acharia legal também ter é reuniões a parte, entendeu? Para que é, os pais participar, tipo, fazer votação, entendeu?"

Juliana, supervisora do turno da noite, destaca essa dificuldade e sugere que a Escola deve "instigar, tem que estimular" a participação da comunidade, por meio de "informação, convite e insistência" como sugere Gadotti (2014). Regina, professora de História, deixa claro que os Projetos Pedagógicos devem ser significativos para seus estudantes e para a comunidade, "a comunidade às vezes passa aqui na porta, não sabe nem que é uma escola". Potencialidades também foram mencionadas, como iniciativas com capacidade de inclusão comunitária nos projetos pedagógicos desenvolvidos pela escola com o sentido de possibilitarem a seus estudantes uma experiência reflexiva quanto ao contexto social em que vivem.

Maria, professora da escola relata o envolvimento entre os alunos e trabalhadores do aeroporto em visita de reconhecimento do terreno e esclarece que, ao tomarem conhecimento das reivindicações dos membros do Coletivo quanto ao destino do aeroporto, tiveram seu interesse despertado por essa luta coletiva. A aluna Gabriela se mostrou aberta à participação no projeto: "Mas nós abraçamos a ideia e a gente foi construindo, dando ideias para a gente continuar o projeto para desenvolver e ajudando ela nas pesquisas."

A professora universitária Eunice, participante do Coletivo, destaca experiências satisfatórias no processo de mobilização tais como, oficina fotográfica, roda de conversa com a comunidade, que resultaram em uma identificação dos participantes com sua comunidade e as necessidades de melhoria dessa comunidade. Assim, o processo de formação dos estudantes tem o potencial de ligação de seus pais com essa mobilização ao se inspirarem com o desenvolvimento de consciência crítica e cidadã em seus filhos. Isabel, mãe de aluna, observou o desenvolvimento de consciência crítica e cidadã em sua filha: "Sim, sim, a percepção dela em questão de sociedade, né? De convívio social. Deu para ver uma diferença bem grande assim."

A professora Cláudia aponta a importância da participação dos responsáveis nas atividades feitas na escola, uma vez que, "ele (o aluno) vai conhecer ali o meio que ele vive, né? E vai poder sugerir também, né? É melhorias". Essa interação entre a escola e a comunidade pode possibilitar uma transformação no fazer escolar tanto no pertencimento quanto na consciência cidadã. A relação entre a escola e a comunidade é repleta de possibilidades, mas também de desafios. A adoção de projetos pedagógicos com a participação da comunidade externa tem o potencial de desenvolver em alunos e nos moradores um intercâmbio de saberes que irá aproximá-los e desenvolver um sentido de pertencimento à comunidade e à escola.

Como resultado da análise das entrevistas, ficou demonstrado que a gestão praticada na Escola Alfa ainda não pode ser considerada participativa, mas em processo de se tornar. A fala de Maria, professora da escola, relata características percebidas da gestão escolar: "É a gestão... E como a escola funciona em três turnos, então tem três vice-diretores atualmente... E é, eu considero que a gestão nesse projeto ela foi acolhedora... A inserção inclusiva das professoras PUC na escola, né? Esse projeto ele foi desenvolvido dentro da escola, no horário de aula, né? E direção se mostrou muito aberta a receber o projeto e a receber as professoras..."

Os profissionais da escola obtêm mais abertura para sua participação nos Projetos Pedagógicos Colaborativos (PPC) que os próprios alunos e seus pais e responsáveis. A aluna Gabriela destaca a baixa influência dos alunos na gestão escolar: "Olha, foram as pequenas coisas, né? É que nós participamos e que fez diferença. Na minha opinião, os alunos sim, deveriam é fazer parte. Nós sabemos que é nem em tudo, né? Mas em algumas coisas eu acho que os alunos deveriam fazer parte."

Dificuldades em lidar com a autonomia da escola frente às imposições da Secretaria de Educação é também um desafio enfrentado pela gestão escolar. A professora Ângela relata esse processo de intervenção da Secretaria de Educação em relação ao poder de decisão da escola quando diz, "padronizando cada vez mais o calendário escolar", o que diminui a decisão sobre as prioridades da escola.

Esta dissertação aponta os desafios enfrentados na realização do Projeto Pedagógico Colaborativo, em contrapartida demonstra avanços no processo de construção de uma gestão participativa na escola. Júlia, supervisora escolar vê a necessidade de diálogo e da democratização nas decisões tomadas na escola: "Acho que muita questão de diálogo. Eu acho que é muito diálogo, muita reunião nas próprias reuniões... a gente não toma nenhuma decisão assim, ah, vai ser isso. E pronto, acabou." Assim, percebe-se que a gestão da escola procura modificar sua prática, de forma a se tornar mais democrática.

Analisando a gestão participativa na EEA, evidencia-se tanto possibilidades como desafios na tentativa de implantação em uma escola pública desse tipo de gestão com perfil mais democrático, como apontado por Paro (2017) e Lück (2017). A ausência dos pais ou responsáveis é uma das maiores barreiras que se apresentam na implantação desse tipo de gestão, de acordo com Beraldo & Pelozo (2007).

A supervisora Júlia relata a relevância de se conectar as práticas que ocorrem na escola com as dinâmicas da comunidade local, tal relato encontra relação com a obra de Bezerra et al. (2010). A relevância da construção de um modelo de educação conectado com a realidade social em que o estudante está inserido, encontra ressonância no fato de a professora Maria ter

levado os estudantes ao Aeroporto para familiarizá-los com as características físicas do seu terreno e suas edificações, tal como dito por Tragtenberg (1985).

O relato da estagiária Heloísa sobre a resistência que os alunos apresentavam quanto à proposição inicial para participarem de projetos e que posteriormente mudaram de opinião, deixa clara a importância da escola na formação crítica e cidadã, como relatado por Gadotti (2014). A participação dos pais e responsáveis pelos estudantes confirma o pensamento que a escola deve ser o espaço propício para se conscientizar tanto estudantes como responsáveis sobre sua responsabilidade pelo destino da comunidade e, ao mesmo tempo, traz o sentimento de pertencimento, como destacado por Mello & Caetano (2021) e Melo Matos et al. (2021). A supervisora Júlia, ao salientar a necessidade de uma gestão mais participativa, feita por meio do diálogo, procurando soluções coletivas para as questões na escola, dialoga com as ideias de Broetto & Rúdio (2019).

#### ***4.2.2 Formação Crítica e Cidadã***

No estudo realizado na Escola Estadual Alfa, o potencial de transformação da educação em um Projeto Pedagógico Colaborativo (PPC) que conecta uma escola com as demandas da sociedade local é confirmado ao se abordar a questão da desativação do Aeroporto e a destinação social do terreno. O Projeto ultrapassa uma simples transmissão de conhecimentos para se transformar em ferramenta para a formação crítica e cidadã de seus estudantes, como abordado em Carvalho et al., (2019) ao afirmarem que a prática da cidadania, seja individual ou coletiva, complementa e dá significado ao currículo escolar.

Com sua participação no PPC, os alunos não somente conheceram mais detalhadamente o lugar em que habitam e sobre seus direitos como cidadãos, como também obtiveram habilidades importantes para a vida em sociedade, como empatia e colaboração. Participando do Projeto, os estudantes foram incentivados a questionar as estruturas de poder e a lutar para construir uma sociedade mais justa, o que se alinha com a visão de Freire (1996).

A professora Maria destaca o avanço na conscientização adquirida pelos estudantes quanto à possibilidade de se tornarem agentes transformadores, "É, eu acho que a primeira coisa que a citar aí é a desenvolver nesse estudante a consciência de que existem espaços que ele deve ocupar, que ele pode ocupar, né?", o que demonstra o impacto do Projeto na construção de uma consciência cidadã dos estudantes e a percepção que tanto escola como comunidade não são espaços neutros e, na concepção de Oliveira & Souza (2019), a cidadania é essencial na busca pelo "direito a ter direitos",

O envolvimento dos alunos no Projeto Pedagógico em colaboração com o coletivo possibilitou que eles entrassem em contato com a realidade enfrentada pela comunidade local e pensassem sobre possíveis soluções para seus problemas. Nesse processo, os alunos puderam vivenciar uma situação de disputa pelo espaço urbano o que serviu como um exercício de cidadania, como afirma a professora Regina: "Sim, por causa que eles passam a reconhecer o ambiente que eles estão inseridos, né? Porque apesar de ser uma escola de passagem, eles ainda frequentam o ambiente. Então, a movimentação urbana, ônibus, é horário de ônibus, isso tudo influencia para eles, então entender sobre a comunidade gera esse conhecimento crítico."

O relato de Geovana, aluna da EEA, demonstra sua percepção de que a simples obtenção de conhecimentos escolares não é suficiente, "ilusão de que o Ensino Médio é só a questão da educação, de aprender a matéria e sair dali com o estudo concluído" demonstrando a necessidade de uma educação mais crítica e contextualizada. Ao fazer parte do PPC, Gabriela entende a cidadania para além da sala de aula, com reflexos reais no seu dia a dia e na comunidade em que vive, como explicitado na seguinte passagem: "E, com esse Projeto do Aeroporto Carlos Prates, é, foi muito bom, ao menos para mim... Foi muito bom porque eu não tinha essa visão, não é? A gente pensa que cidadania é mais básica. É muito mais profundo que isso, né? Tem várias ramificações e algo que é muito importante."

Luana, aluna da EEA durante o decorrer do Projeto Pedagógico mudou de opinião quanto à possibilidade de uma mobilização de populares ter sucesso em conseguir resolver as demandas da comunidade: "a gente consegue fazer a diferença, é aos poucos, é difícil, mas que a gente consegue, a gente realmente tem que ir atrás desses espaços, do que é que está acontecendo, desses recursos e atrás para poder mudar essas situações". Ela reflete sobre a importância de cada indivíduo em uma luta comunitária: "a professora começou com esse projeto, um ponto de vista que nós até discutimos sobre isso depois entre os alunos era que não faria muita diferença, né? Porque a gente sempre acha que algo muito maior que a gente, ah não vai ter muita mudança e *et cetera*, mas tem um acesso ali, aquele espaço a gente viu que a gente consegue fazer a diferença..."

O estudo também aponta vários desafios que ainda subsistem, como por exemplo, a falta de adesão da comunidade às atividades desenvolvidas pela escola, o que é destacado pela professora Ângela, e que compromete o nível de participação social e de luta por direitos por parte de quem se encontra à margem das decisões institucionais, "Elas às vezes não participam, elas se omitem desse processo muitas vezes, porque elas vão ficar, sabem que elas podem participar. Ela vai assim, não, aquilo ali não é para mim, aquilo ali é briga de peixe grande, é briga de empresas."

A dificuldade de mobilização de alguns alunos e a necessidade de melhorias das dependências da escola deixam clara a dificuldade de se estabelecer uma gestão participativa que favoreça o surgimento de um tipo de educação que trabalhe para a formação de estudantes engajados em questões que dizem respeito à sua comunidade. Para vencer tais barreiras, é necessário ampliar as ações que objetivam o contato com os responsáveis pelos estudantes, manter um diálogo constante com representantes da comunidade externa de forma a estabelecer uma ponte entre escola e comunidade, além de buscar junto à Secretaria de Educação investimentos para a recuperação da estrutura física da escola e para a formação continuada para os gestores e professores.

Independentemente dos percalços e barreiras enfrentados por professores e membros do coletivo no processo de execução do PPC, fica claro que o objetivo de desenvolver nos alunos participantes a possibilidade do desenvolvimento de consciência cidadã, está sendo atingido. No intuito de trazer os ideais de Tragtemberg (1950) e Paulo Freire (1996), a escola se mostrou um ambiente ideal para fomentar o potencial de alunos e de sua comunidade.

Integrar comunidade e escola, assim como valorizar a participação coletiva e o diálogo, propiciando uma visão crítica sobre o estabelecimento de estruturas de poder tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral ajudam nas soluções coletivas para problemas coletivos. O PPC implementado pela Escola Estadual Alfa e pelo Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates, que teve como fenômeno central a luta desse Grupo de Moradores pela desativação do Aeroporto Carlos Prates e nova destinação de uso para seu terreno, tem em Freire (1985) uma de suas referências teóricas devido às suas características dialógicas que buscam a emancipação do estudante pelo conhecimento. Ao se envolverem com os processos de mobilização social em torno do Aeroporto Carlos Prates e com as demandas da comunidade local pelo uso do terreno do Aeroporto, os estudantes participantes do Projeto têm a possibilidade de adquirir conscientização crítica e cidadã, como proposto por Freire (1983) e Tragtemberg (1985).

As falas de Lúcia e Eunice, participantes do Coletivo de Moradores, denotam que as ações de promoção das rodas de conversas, reuniões e diálogos levaram os moradores integrantes do Coletivo a problematizarem a realidade vivida por eles e a buscar soluções conjuntas alinhando-se com a Pedagogia da Pergunta de Freire (1985) e com a Pedagogia da Autonomia (1996), devido ao fato de o indivíduo estar envolvido na promoção de seu conhecimento.

O processo de criação do Coletivo de Moradores e a mobilização da comunidade exemplificam uma tentativa de intervenção no espaço urbano pela coletividade que se mobilizou por iniciativa de alguns indivíduos, por meio de novas tecnologias de comunicação,

demonstrando a relevância de uma educação que faça de seus estudantes cidadãos que possam também se mobilizar e transformar a realidade de sua comunidade, conforme (Gohn, 2011).

O Projeto Pedagógico Colaborativo, objeto desta pesquisa, é um exemplo das ideias defendidas por Gonçalves & Figueiredo (2019) e Pereira, Kostuczenko & Lang (2023) em relação à necessidade de valorização da educação para a cidadania. A vivência dos estudantes em contato com os moradores da comunidade possibilitou que eles pudessem visualizar o processo de mobilização social, como destacou a professora Maria. Em suma, a pesquisa apontou tanto possibilidades quanto barreiras no processo de formação cidadã em ambientes escolares.

#### ***4.2.3 O Projeto Pedagógico Colaborativo***

O Projeto Pedagógico Colaborativo implementado na escola Alfa em parceria com o coletivo de moradores visando a um ambiente propício ao desenvolvimento de consciência cidadã para seus alunos teve como inspiração os princípios defendidos por Paulo Freire (1996). A luta pelos destinos do terreno do aeroporto, um exemplo claro do exercício do direito à cidade, cumpriu seu papel ao dar a oportunidade de alunos, professores e membros do coletivo de moradores experienciarem essa valiosa interação. Um dos primeiros obstáculos apresentados na implantação do projeto foi lembrado pela estagiária Heloísa que menciona a resistência inicial dos alunos, que questionavam "mais aula", mas que, posteriormente, se engajaram no Projeto. O relato apresentado por Heloísa aponta para a baixa adesão inicial dos alunos ao projeto, o que passa a ser superado com o tempo.

A luta do Coletivo de Moradores para a desativação do Aeroporto e a futura destinação do seu terreno para finalidade social foi o ponto central do Projeto Pedagógico devido à possibilidade dessa experiência dar aos alunos uma visão dos problemas enfrentados pela comunidade com a presença do aeroporto e também pela falta de áreas verdes, moradia, saúde e lazer. O projeto pedagógico mostrou-se muito importante ao levar para a escola um ambiente de muita interação entre alunos e comunidade e de muita reflexão sobre a realidade vivida não só pelos integrantes do coletivo, mas por eles mesmos.

A professora Cláudia destaca, “eles trouxeram muito conhecimento, né? É, conseguiram dialogar, fizeram várias rodas de conversa... A ideia era que os meninos é falassem sobre a experiência que eles estiveram lá e no retorno da escola e observando, né? É o que que a gente tem de estrutura física na escola, né? O que que poderia ter, né?”. Com essa fala, Cláudia destaca o estímulo à reflexão crítica trazido pelo Projeto aos estudantes, ao mesmo tempo que mostra a

realidade ao seu redor, provocando o questionamento sobre as estruturas de poder existentes e predispondo esses estudantes para futuras participações coletivas, como defende Silva (2022).

A ação da professora Cláudia, ao incentivar os estudantes a prestarem atenção nas condições físicas do prédio e terreno onde se localiza a EEA, faz com que eles se posicionem criticamente sobre o ambiente onde convivem em busca de conhecimento, levando-os a pensar sobre formas de conseguir melhorias para tal espaço. Analisando as entrevistas, fica evidente que a relação desenvolvida com os moradores e o envolvimento em práticas voltadas para o direito à cidade têm trazido para os estudantes algum nível de consciência sobre a exclusão social e espacial por que passa parcela significativa da população e sobre a importância de se incentivar a mobilização social.

A cidade passa a ser percebida pelos estudantes como um campo de disputas onde, para se ter direito à ocupação de seus espaços, torna-se necessário que a sociedade se mobilize para garanti-lo. Aline, participante do Coletivo, descreve uma oficina realizada na escola: "E aí o pessoal do Atingidos pelo Prates junto com o pessoal da PUC, eles promoveram essa oficina com diversos temas e aí lá no Professor Moraes foi desenvolvido junto com os alunos tipo assim, um levantamento do que que eles queriam que fosse aquela área ali do Aeroporto. Então, era um tema assim, amplo, que envolvia sustentabilidade, que envolvia até questão de criatividade também, sabe, do que que pode ser ali. Um parque? O que você gostaria que tivesse no parque? Então, assim, até atendendo algumas necessidades mesmo dos próprios estudantes, do que que eles sonham para o futuro da cidade." destacando a forma com que os estudantes são levados a pensar sobre a realidade da comunidade local.

Aline, por meio de sua fala, revela a importância da colaboração entre as diferentes instituições e diferentes atores sociais, como a Universidade (PUC-MG), os movimentos sociais (Atingidos pelo Prates), a Escola Estadual Alfa, na construção do Projeto. A atividade realizada despertou nos estudantes o senso crítico e a criatividade motivando-os a buscar soluções para resolver a questão para a nova utilização do espaço do Aeroporto, promovendo a participação cidadã e o protagonismo juvenil.

A professora Maria destaca a percepção dos alunos de que "existem espaços que ele deve ocupar, que ele pode ocupar", essa fala demonstra o poder que o Projeto pode ter na iniciativa e no desenvolvimento da capacidade de atuação dos estudantes. Portanto, o Projeto Pedagógico buscou impulsionar os jovens a se verem como agentes transformadores da realidade social de sua comunidade e não apenas informá-los da situação em que se encontrava a comunidade com a luta do Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates.

José, professor da Escola Estadual Alfa, destaca a importância da colaboração entre escola e comunidade, ao afirmar que o pensamento crítico dos estudantes acerca das questões pertinentes ao Projeto "ajudam os estudantes no traquejo social e de pensar a sociedade". Também ressalta, "Sempre tinha um cunho de reflexão, de entender como o que que estava acontecendo no presente e o que poderia ser melhor para o futuro." A possibilidade de desenvolvimento do "traquejo social", como diz o professor José, se reafirma na integração dos comunidade local e estudantes, também presente no relato da participante do Coletivo Aline, "Então, quando você traz uma questão real, um problema real, com uma solução possível, isso faz toda a diferença no aprendizado de qualquer um. Eu digo como aluna também. Sendo feito um trabalho, né, na minha faculdade, tendo feito um trabalho real, que parte de premissas reais é eu tenho certeza que esses alunos que quem pode estar participando aprendeu muito e se sentiu assim, parte daquela contribuição."

Trazer para a pedagogia a possibilidade de se desenvolver projetos pedagógicos em colaboração com pessoas e grupos da comunidade a qual pertence a escola pode ser a melhor forma de colocar seus alunos em contato com questões que os afetam assim como a coletividade a que pertencem. Esse quadro é ideal para criar um ambiente que provoque nos participantes questionamentos e reflexões sobre os motivos para os problemas enfrentados pelos moradores, assim como as possíveis soluções para esses problemas. A integrante do coletivo, Aline, fala com clareza sobre as possibilidades trazidas pelo projeto quando diz, "quanto mais pessoas envolvidas e participando dessa criação de solução, melhor". O professor José também deixa claro a importância da comunidade quando fala: "A escola não se faz sem a comunidade e o ensino também não se faz sem a comunidade."

O conceito de direito à cidade traz para o Projeto Pedagógico uma possibilidade de reflexão sobre as muitas desigualdades do acesso ao espaço urbano de acordo com a classe econômica em que se insere o interessado. Ao visualizarem a forma com que o espaço urbano é formatado, a influência muito maior de grupos ligados ao setor imobiliário em detrimento das demandas dos grupos sociais que lutam pelo mesmo espaço, os alunos poderão fazer a leitura da correlação de forças nessa disputa frente ao poder público como abordado por Harvey (2012). O Projeto Pedagógico tem como premissa, provocar o diálogo e a reflexão entre professores, comunidade e alunos trazendo à tona o poder transformador da educação como lembra Freire (1996). Outro conceito fundamental no Projeto Pedagógico é a mobilização social, pois ele apresenta um coletivo de moradores que atua politicamente por meio desse processo. E a mobilização social é um campo fértil para o desenvolvimento de práticas educativas no transcorrer de sua dinâmica Gohn (2011).

A vice-diretora Manuela, ao mencionar "a gente teve um ano, por exemplo, dos alunos do projeto Ecos que conseguiram luzes de LED para a escola inteira. Teve um ano que os alunos fizeram um Jardim na escola. Ficou muito agradável assim, melhorou muito o ambiente", demonstra que o PPC tem potencial de se tornar um elemento transformador, capaz de despertar nos estudantes protagonismo e envolvimento nos problemas comunitários.

A supervisora Júlia demonstra a importância dos PPC que retratem a realidade vivida na comunidade, "mas, eu acho que se houvesse com uma coisa, um objetivo bem próximo da comunidade, eu acho que a gente consegue sim. Porque não adianta você tentar fazer um projeto que que não envolva, que não desenvolva, tem que ser alguma coisa do interesse deles."

Manuela demonstra em suas falas que o desenvolvimento do PPC, na escola Alfa, resultou em uma conscientização dos alunos a respeito de questões que afetam a escola e a eles próprios, sendo esse o caso dos problemas no prédio da escola. Outra conclusão tirada a partir da entrevista de Manuela é a possibilidade de a vivência dos alunos no PPC contribuir para que eles se despertem para os problemas pelos quais passa sua comunidade e se envolvam no enfrentamento a esses problemas.

Empecilhos encontrados na implementação de PPC na Escola Estadual Alfa sinalizam ser a escola um campo de disputas ideológicas, como apontado por Tragtemberg (1985). A supervisora escolar, Júlia, reforça essa visão na seguinte declaração: "Então, assim, eu sei que houve muita resistência para a primeira vez que que foi implantado é teve uma adesão; quando foi no segundo ano, houve muita resistência mesmo porque o primeiro tinha, parece que mobilizou demais a escola movimentou muito, o que muitos não gostaram."

Quando Júlia cita 'resistência', ela se refere ao medo que determinados profissionais da Escola têm de perder o poder e também devido à tradição conservadora que ainda persiste nas escolas. Para serem vencidos os desafios relacionados com a implementação de PPC e a comunidade externa à escola, necessita-se de diálogos entre os profissionais.

O Projeto foi realizado inicialmente por meio de rodas de conversas e debates em que os alunos foram levados a refletir sobre os eventos que acontecem no território onde se localiza sua comunidade e sobre o caso específico da disputa territorial em torno do Aeroporto Carlos Prates. Esse processo de envolvimento com os problemas da comunidade é capaz de ajudar no desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de transformar o ambiente ao seu redor, sendo esses elementos centrais em Freire, (1996). A professora Cláudia se refere aos alunos "falarem sobre a experiência que eles tiveram" e "o que que a gente tem de estrutura física na escola", o que demonstra a necessidade da troca de saberes fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente libertadora.

Um Projeto Pedagógico Colaborativo é uma ferramenta ideal quando se pensa uma prática educativa que traga para seus alunos um olhar mais crítico sobre a vida. O PPC desenvolvido permitiu que os alunos vivessem uma experiência na qual um grupo de moradores se mobiliza reivindicando o direito ao uso do espaço urbano, despertando neles a consciência da como ocorre a luta por parte da população, tal como abordado por Freire (1974).

A visão de Gadotti (2014) sobre a "Gestão Democrática com Participação Popular", também é contemplada, a partir da integração da comunidade escolar no processo da construção do Projeto Pedagógico. O Coletivo de Moradores tem ressaltada sua participação no PPC quando Aline, participante do Coletivo fala da oficina realizada na Escola, demonstra a abertura da EEA para a comunidade e a democratização da participação de todos em busca de um bem comunitário.

O objetivo do PPC de fazer uma integração dos saberes da comunidade e de trazer temas como a marginalização socioespacial realiza também o encontro de diferentes vozes e saberes, proporcionando o aparecimento de uma comunidade escolar mais participativa e democrática que entenda o valor da diversidade de pensamentos e de indivíduos, como presente em Arroyo (2017).

Ao afirmar, "a escola não se faz sem a comunidade e o ensino também não se faz sem a comunidade", o professor José, deixa claro o valor da participação da comunidade externa à escola na rotina escolar por meio de diálogo com os profissionais da escola ou na participação de projetos pedagógicos em colaboração.

#### ***4.2.4 A Comunidade e o Direito à Cidade***

A experiência vivida no desenvolvimento do PPC na Escola Estadual Alfa exemplifica o conceito de direito à cidade, como abordado por Harvey (2012), pois evidencia as demandas de um Coletivo de Moradores em sua luta pela desativação de um aeroporto na periferia de Belo Horizonte e a futura destinação de seu terreno para fins sociais. Tendo como meta uma cidade mais inclusiva e a busca por justiça social, o Coletivo Atingidos pelo Prates encontra uma série de barreiras para atingir seu objetivo, dentre eles a grande dificuldade em mobilizar os moradores da comunidade, a diversidade de expectativas para o uso do terreno entre os moradores da comunidade nos arredores do Aeroporto e também a pressão exercida pelo poder econômico na figura das incorporadoras e construtoras. A mobilização de mais moradores é uma questão essencial para o sucesso na luta do Coletivo e, para isso, os atuais participantes precisam se empenhar com afinco.

Aline, integrante do Coletivo, lembrando Gohn (2014), aponta que os objetivos de seu grupo para serem alcançados, as pessoas precisam que estar em constante engajamento a fim de manter a pressão sobre a Prefeitura e a Câmara de Vereadores de forma a ter suas demandas atendidas: "o Coletivo pensava muito num parque, e não colocar, por exemplo, é indústrias, empresas e tal e aí o plano do governo vai mudando, vai mudando, então a visão do Coletivo eu acho que é acompanhar e continuar pressionando para que a necessidade da sociedade, da comunidade ali do entorno seja realmente atendida, sem prejudicar ninguém"

As variadas pretensões dos moradores da comunidade para a utilização do terreno do Aeroporto e de quão complexo é atender as expectativas de todos ficam claras no depoimento da fundadora do Coletivo, Lúcia. Ela fala sobre os desafios em mobilizar, conseguir adesão de novos integrantes e da pressão política que acontece na Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, por vereadores que se alinham ao *lobby* das construtoras e empreendedoras imobiliárias, apontando a ampliação do debate e o aumento da participação popular como resposta a essas dificuldades.

Lúcia destaca que a educação e a conscientização, como abordados por Freire (1985), são fundamentais para que a comunidade acompanhe as decisões que são tomadas na Prefeitura e na Câmara de Vereadores e se posicione sobre as questões referentes ao seu espaço: "Olha, eu acho, eu acho o seguinte, com certeza contribuiu muito, né? Porque é, como que as pessoas ficam sabendo, é, ficam normalmente sabendo da questão do Aeroporto pela imprensa, né? E nós sabemos que a imprensa, ela primeiro é, divulga as coisas muito rapidamente, né? Então, então, ela também tem o seu viés, né?" e ainda complementa, "então, quer dizer, é essas atividades contribuem porque são moradores e a ciência ali falando também, né, características do terreno, o histórico desse terreno, por que que virou aeroporto, né?"

Alguns dos profissionais da EEA defendem a destinação da área para a construção de equipamentos públicos como escola, centro de saúde e espaços de convivência, o que evidencia a carência de serviços básicos na região e a necessidade urgente de uma cidade que seja gerida no sentido de atender às necessidades de seus habitantes de forma geral, e não apenas de alguns. A pretensão de dar prioridade a uma finalidade social à nova ocupação do terreno do aeroporto é comum a diversos entrevistados, como o caso da professora Cláudia, que elege como prioridade a construção de "um prédio da escola estruturado, organizado, planejado" e de "um posto de saúde"; já a vice-diretora, Manuela, sugere a construção de "duas escolas" e de um "posto de saúde". Simone, mãe de aluna, também tem esse ponto de vista e expressa sua vontade de que o terreno seja utilizado para a construção de equipamentos públicos que beneficiem a

comunidade local: "Olha, eu para mim seria melhor é, um posto de saúde ou escola... e posto de saúde, seria realmente excelente para a comunidade em si."

Com a participação no Projeto Pedagógico, os estudantes não só vivenciaram uma situação que afeta sua comunidade, mas também tiveram contato, na prática, com o conceito de direito à cidade, podendo entender como se dá a disputa pelo espaço urbano. Luana, aluna da EEA, relata como sua visão 'pessimista' foi modificada ao participar do Projeto e influenciou sua mudança de perspectiva, "não, pra ser sincera eu não tinha esse ponto de vista, porque eu, eu me considero uma pessoa um pouco pessimista... se envolvendo nesses projetos, me deu um ponto de vista diferente, de que a gente tem se resolver e a gente precisa."

Mostrando disposição em participar do PPC e propondo formas para reutilização do espaço do Aeroporto, o aluno Lúcio revela: "Tinha na época, a iniciativa dos professores convocarem os alunos para fazerem um projeto para nós, os alunos, fazermos um projeto referente ao terreno. O que poderia ser feito é o que poderia ser criado, inovado dentro do terreno, do Aeroporto Carlos Prates, aí eles instruíram a gente lá falando que o Aeroporto lá tinha o tamanho de referência a três, até três campos de futebol. E aí, a gente tinha criado um projeto referente ao tamanho, moradias junto com parque, junto com patrulha é de polícia, juntamente com biblioteca pública e moradias populares também."

O exemplo de integração ocorrida no PPC evidencia que um embate por direito ao direito ao espaço urbano precisa acontecer permanentemente, tendo no processo de mobilização social uma arma poderosa a ser usada pela população na busca por seus direitos. A construção de uma consciência crítica e cidadã por parte dos alunos é fator essencial para se pensar na transformação da sociedade brasileira em uma sociedade mais justa.

A fala de Eunice, participante do Coletivo, demonstra a importância de que os alunos participem de atividades que tenham a capacidade de despertar neles uma visão crítica capaz de fazê-los refletir sobre o funcionamento da sociedade de forma a adquirirem cidadania: "...falta essa formação política, falta essa formação cidadã, né? Falta essa consciência, sim, de que a gente tem direito, se esses direitos têm que ser assegurados..." desigualdades socioeconômicas e a exclusão de grande parcela da sociedade (Tragtemberg, 1985).

Gohn (2019), deixa claro que para que se tenha uma cidade onde todos tenham direito de participar da organização de seus espaços, é fundamental que a possibilidade de se mobilizar para exigir direitos seja uma opção possível. A integrante do Coletivo, Glória, relata a participação da comunidade escolar nas discussões sobre o PPC: "a gente pôde fazer é essa discussão, né? Com a comunidade, com os estudantes, com os pais dos estudantes e também com os professores"

A luta pela desativação do Aeroporto e pela destinação social do terreno, sendo usado em parceria com uma escola pública de Ensino Médio, é uma clara demonstração da utilização da educação como um instrumento de transformação social, como abordado por Freire (1996). Ao colocar estudantes em contato com integrantes de comunidade que reivindicam o direito à cidade, a Escola Estadual Alfa caminha na direção da formação de cidadãos críticos.

Dentre os desafios que se apresentam para que o Coletivo de Moradores consiga mobilizar a comunidade de forma satisfatória está a falta de tempo relatada por alguns moradores, o que torna evidente ser preciso considerar a variedade de demandas e diversidades de moradores, como assinalado por Lefebvre (2001). Ao analisar a temática do direito à cidade observa-se que os envolvidos no Projeto, tanto moradores como estudantes, tendem a se tornar agentes transformadores da comunidade os quais entendem que somente a união de indivíduos insatisfeitos com a marginalização socioespacial pode produzir uma cidade inclusiva, e esse processo de engajamento por direito ao espaço urbano se conecta ao que defende Harvey (2014) ao abordar a construção das cidades rebeldes.

O processo de mobilização social pela desativação do Aeroporto revela, de forma didática, a luta pelo direito à cidade, evidenciando que a mobilização e participação da sociedade são essenciais para que se obtenha mais justiça na ocupação do espaço urbano, como defende Gohn (2011). A luta desenvolvida pelo Coletivo Atingidos pelo Prates, as estratégias de mobilização, o acompanhamento das audiências públicas sobre o tema, a pressão feita sobre autoridades públicas e a parceria com a Escola, por meio do PPC, remetem ao pensamento de Lefebvre (2001).

Ficou demonstrado com a realização do PPC, que o envolvimento dos alunos em uma situação de luta pelo direito à cidade e disputa pelo espaço urbano teve como resultado a conscientização da necessidade de reivindicar ativamente seus direitos como moradores da cidade e, dessa forma, aumentar sua autoestima.

Mesmo com todo o êxito obtido na implantação do Projeto desenvolvido com os membros do Coletivo, ainda é necessário apontar que, apesar da desativação do aeroporto ter sido efetuada, ainda é necessário se manter a mobilização ativa, pois a destinação do terreno para a finalidade social ainda não foi realizada. A ocupação do terreno com obras que atenderão às necessidades da comunidade local é ponto fundamental nas pretensões do Coletivo.

A disputa pela destinação do enorme terreno do antigo Aeroporto (547.586,99 m<sup>2</sup>) ainda está ativa, ocorrendo uma pequena trégua no segundo semestre de 2024, quando as atenções da Câmara de Vereados e da Prefeitura de Belo Horizonte estavam voltadas para as eleições municipais. Com a reorganização do Legislativo e Executivo da cidade, após as eleições, as

pressões do capital imobiliário representadas pelas construtoras e incorporadoras de imóveis voltam a ser exercidas sobre as instituições municipais. Dessa forma, é necessário que o Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates se mantenha mobilizado, organizando e realizando as diversas ações que visam conseguir que o terreno do antigo Aeroporto seja usado em prol da comunidade a que ele pertence.

#### ***4.2.5 Mobilização Social***

Como resultado da análise das entrevistas, fica comprovado que o processo de mobilização implementado pelo Coletivo Atingidos Pelo Prates ocorreu gradualmente com uma evolução contínua, como Silva (2018) aponta. Nas lutas por espaço urbano feita por diferentes grupos, acabam se relacionando em busca de um objetivo comum à eles. Pode-se notar essa relação na fala de Glória, participante do Coletivo: "Eu acho que fortalece, né, o movimento social, porque quanto mais pessoas se estão sabendo e envolvem, você tem mais visibilidade para a pauta".

Ao analisar as falas dos entrevistados do PPC, verificou-se que a luta desempenhada pelo Coletivo para conseguir suas demandas frente à Prefeitura de Belo Horizonte precisa contar com a conscientização dos moradores locais quanto à necessidade de se mobilizar. A grande complexidade do direito à cidade fica evidente quando verifica-se as diversas organizações envolvidas, as diferentes expectativas pessoais e as muitas barreiras encontradas, como visto em David Harvey (2012). Gohn (2014) e Lefebvre (2001) que descrevem como são interligadas as mobilizações sociais e as lutas por espaço urbano.

O Coletivo Atingidos pelo Prates, lembrando Gohn (2011), exerce um importante papel ao articular e organizar uma parcela da comunidade para, por meio da mobilização, lutar por seus direitos ao uso do espaço urbano. A participante do Coletivo, Lúcia destaca, "eu tinha mais tempo de mobilizar e programar as reuniões, ir aos locais, né? Ir nas reuniões da Prefeitura, da Câmara, da Assembleia". "Fizemos parceria com o Coletivo Aeroporto Não, com a Pastoral Metropolitana", destacando também a necessidade de interação com outros grupos.

O Coletivo, em sua ação de integração e mobilização da comunidade, realizou caminhadas, rodas de conversa, eventos como capina e cuidados em uma área do Aeroporto que já era utilizada pelos moradores chamada Parque Maria do Socorro. A procura de parlamentares e órgãos de imprensa com o objetivo de reivindicar o uso comunitário do terreno do Aeroporto e denunciar a necessidade de não deixar o terreno ser destinado à especulação imobiliária foi uma ação realizada pelo Grupo de Moradores.

Os entrevistados do Coletivo de Moradores frisaram a dificuldade na mobilização de moradores, fato impeditivo para a ampliação da luta e da pressão maior que poderia ser feita sobre as instituições e atores responsáveis pela destinação do terreno do Aeroporto. Uma das justificativas mais alegadas pelos moradores para não se tornarem membros do Coletivo é a falta de tempo, o que foi relatado por Eunice, participante do Coletivo, "as pessoas estão desmotivadas, elas estão muito desmotivadas".

A necessidade de se considerar as diferentes realidades e necessidades dos moradores, destacadas na fala de Eunice, se reflete em Lefebvre (2001). Ao participar das decisões sobre os destinos e uso do espaço nas cidades deve-se considerar que os interesses sobre esse espaço são diversos e que todos devem ter voz nessas decisões. A desmotivação citada por Eunice, no parágrafo acima, pode também estar ligada à crença de boa parte da população de que sua mobilização em torno de reivindicações por direito ao espaço urbano junto às autoridades é ineficaz.

Ao ser implementado um PPC entre Escola Estadual e o Coletivo Atingidos pelo Prates, ocorre certo fortalecimento da luta pela desativação do Aeroporto e futura destinação do terreno para finalidade social. Ao participarem do PPC, os alunos vivenciaram uma luta por direito à cidade, conforme visto em Harvey (2014) e apontado pela professora Maria: "eles começaram a frequentar aquela parte da praça do Aeroporto".

O envolvimento da Escola no processo de luta desenvolvido pelo Coletivo Atingidos pelo Prates faz referência à visão de David Harvey (2012) sobre o papel das mobilizações sociais urbanas como forma de reivindicar o uso dos espaços urbanos. Uma educação crítica e cidadã se torna essencial para a formação de cidadãos que possuam consciência da necessidade de se mobilizarem para a construção de uma cidade onde todos tenham direito ao seu uso.

A escola Alfa ainda necessita pensar em formas eficientes para convencer todo seu corpo docente da importância da prática de PPC com a potencialidade de desenvolver em seus alunos consciência sobre os problemas que atingem sua comunidade e por meio disso adquirirem consciência crítica e cidadania. A fala da professora Ângela destaca esse desafio: "é um projeto de uma professora que está à frente, que é muito engajada, mas não envolve os outros professores". Pensando na superação dessas questões, a gestão escolar precisa incentivar encontros com professores para propor práticas que se liguem à realidade da comunidade próxima, apontando ter nessas práticas a capacidade de identificação dos alunos.

Uma mobilização social para ter de obter êxito, necessariamente precisa do envolvimento direto ou indireto do maior contingente populacional possível. Isso ocorre por meio de uma ampla rede de contatos e de uma comunicação eficiente com pessoas conscientes

sobre a necessidade de se mobilizar. Nesse contexto, o PPC envolvendo a escola é uma ótima oportunidade de se propagar a proposta do coletivo dentro da escola e seus alunos e professores se tornarem divulgadores dessa mobilização.

Os problemas enfrentados pelo Coletivo Atingidos pelo Prates na busca de mobilizar os moradores da região do Aeroporto, de acordo com o que foi detectado na análise, revelam as várias dificuldades encontradas no processo de mobilização social, como descrito por Gohn (2011). O Coletivo de Moradores, utilizou estratégias diferenciadas como reuniões, contato com a imprensa e caminhadas, evidenciando a multiplicidade de ações e estratégias que regem o funcionamento dos movimentos sociais contemporâneos, como defende Gohn (2011).

O envolvimento do Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates com outros grupos de moradores que atuam em áreas diversas, como a Pastoral Metropolitana dos Sem Casa, indica a relevância da formação de redes entre coletivos ou grupos de mobilização social, no fortalecimento das várias lutas por direitos sociais, conforme Gohn (2014). A importância da educação no papel de espaço de formação para a cidadania e de mobilização social, como dito por Guimarães (2015), é exemplificada pela participação da comunidade escolar e do Coletivo Atingidos pelo Prates, em um Projeto Pedagógico Colaborativo. De acordo com Gohn (2011), organizações como os coletivos urbanos são essenciais para o surgimento de uma sociedade mais justa e democrática.

Em contraponto, a falta de tempo e falta de vontade em participar descritas por vários moradores indicam a existência de barreiras e desafios para a existência de uma ampla participação social necessária para validar as demandas do grupo perante as autoridades, como aponta Gohn (2014) ao mencionar as dificuldades para mobilizar pessoas em uma sociedade que se caracteriza pelas desigualdades e individualismo. A professora Ângela, ao comentar sobre o não envolvimento de professores no PPC, mostra a falta de uma integração mais efetiva entre a escola e a comunidade na luta pelo direito à cidade, em consonância com (Guimarães, 2015).

Sabendo-se de todas as dificuldades enfrentadas pelo Coletivo de Moradores para conscientizar e mobilizar os moradores como forma de pressionar o poder público, fica clara a importância da comunicação com a comunidade, pois, segundo Toro & Werneck (1966), para ter êxito em um processo de mobilização é necessário se pensar em formas mais eficientes de convocação dos moradores da comunidade. Para se mobilizar, o indivíduo deverá estar consciente sobre a necessidade dessa mobilização e sobre o poder de pressão frente ao poder público que ela tem.

## 5 CONCLUSÕES

Como resultado desta pesquisa, com relação à gestão participativa, é possível afirmar que a Escola Estadual Alfa ainda necessita terminar a implementação do Projeto Pedagógico Colaborativo. Todavia, existem sinais positivos que indicam um processo em atividade nesse sentido, como a existência de instâncias internas tais como, reuniões de pais, colegiado escolar, reuniões periódicas de professores e projetos em parceria com instituições como faculdades e grupos de moradores.

O Projeto Pedagógico que envolveu o Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates em uma tentativa de trazer uma realidade comunitária externa à Escola para conhecimento e reflexão de seus estudantes, colocando-os a par de questões relativas à comunidade que os cerca, alcançou parcialmente seus propósitos, uma vez que colocou em contato os estudantes, professores, gestão escolar e moradores organizados, fomentando um ambiente reflexivo e com possibilidade de transformação da realidade vivida. Durante o desenvolvimento deste Projeto, conceitos como mobilização social, direito à cidade e participação social foram vividos não só teoricamente, mas na prática dentro da Escola Estadual Alfa e no Coletivo de Moradores.

Em contraponto ao descrito, desafios referentes à participação e envolvimento das pessoas ainda persistem, tanto na Escola como nas ações do Coletivo para conscientizar e mobilizar sua comunidade. Dentre esses desafios, ressalta-se a dificuldade enfrentada pela Escola em fazer com que suas convocações de reuniões de pais e/ou responsáveis pelos alunos, para tratar das diversas questões pedagógicas e administrativas, fossem atendidas. Um dos maiores problemas enfrentados pelo Coletivo de Moradores ainda é a dificuldade de atração de mais moradores para se fortalecer como movimento e ter mais voz nas decisões sobre o antigo Aeroporto.

Como dificultador para implementação da gestão participativa, a Escola ainda enfrenta muitos problemas em sua infraestrutura, o que limita atividades pedagógicas a serem desenvolvidas em seu interior e também a realização de reunião da comunidade em suas dependências. Mesmo com todas essas dificuldades, a implantação do Projeto Pedagógico Colaborativo demonstrou capacidade para desenvolver na Escola uma educação transformadora, uma educação da pergunta, como proposto por Paulo Freire (1985), que produza não só estudantes aptos a conseguir um bom emprego, mas cidadãos que atuem em sua comunidade como elementos de transformação social.

Pode-se concluir que a gestão participativa escolar é essencial para a produção de um ambiente escolar onde uma educação que se deseje ser libertadora se estabeleça. Para se

conseguir implantar a gestão participativa, é fundamental fomentar na escola o diálogo e a horizontalidade na relação de seus integrantes entre si e com a comunidade a que pertencem. O Projeto Pedagógico Colaborativo entre escola e comunidade externa se mostrou muito importante para fortalecer a ideia da gestão participativa, tanto para alunos como para os profissionais da escola e os membros do Coletivo que se envolveram, de alguma forma, em sua realização.

Sobre a participação da comunidade escolar na dinâmica interna da escola, pode-se afirmar que ainda há muito o que se fazer e as motivações para isso são variadas, mas a possibilidade de se desenvolver projetos pedagógicos em colaboração com a comunidade, tendo como foco, por exemplo, algo tão relevante para o contexto local como a desativação de um Aeroporto e nova destinação de seu terreno, que chega a ser tão extenso como um bairro, apresenta enorme capacidade de aumentar a participação da comunidade escolar, influenciando o desenvolvimento integral de seus estudantes devido à criação de um clima escolar propício a isso.

Com a adoção do PPC na Escola Estadual Alfa, que tem como conceito central o direito à cidade devido ao fato de unir uma escola com um Coletivo de Moradores que luta por espaço urbano, observou-se um potencial para a evolução da educação crítica e cidadã dos estudantes, bem como um maior envolvimento dos pais e responsáveis nas questões relativas à escola, uma vez que os estudantes desempenharam o papel de reprodutores das informações referentes ao Projeto para seus familiares e conhecidos. Todavia, subsistem barreiras à implementação da participação da comunidade no espaço escolar e nas atividades em que a escola necessite da presença da comunidade. Uma delas é a falta de uma estrutura predial adequada da escola e outra é a recusa de grande parte dos responsáveis pelos estudantes de comparecerem às convocações da gestão escolar.

Concluindo, pode-se dizer que a escola pesquisada, se ainda não conseguiu promover de forma mais adequada para seus estudantes uma educação contextualizada que provoque neles questionamentos sobre a realidade social, demonstrou estar em um processo na direção a esse intuito. Os profissionais da Escola demonstraram que sua meta como educadores deve ser o fomento de uma educação que incentive o protagonismo de seus jovens e torne seus estudantes em cidadãos críticos, destacando que para isso torna-se imprescindível que os responsáveis pelos estudantes se envolvam com as questões da Escola. Para que essas metas sejam alcançadas pela Escola, torna-se necessário que sua gestão seja cada vez mais participativa, que internamente se estimule a participação de todos os atores internos da Escola e que se implemente ações mais eficientes para trazer a comunidade para participar.

Como resultado da pesquisa em relação à interação escola-comunidade decorrente do PPC, é possível afirmar que essa promoção não aconteceu de forma ampla, o encontro entre a Escola e membros da comunidade ocorreu em várias atividades pertinentes ao Projeto, como, por exemplo, na caminhada pelo Aeroporto e nas atividades realizadas na Escola e na PUC MG. Todos os eventos, em conjunto ou de forma isolada, tiveram o potencial de levar aos estudantes e integrantes do Coletivo um contato direto com o conceito de direito à cidade e aumentou o nível de conscientização dos estudantes para participarem de ações com vistas à melhoria das condições de vida em sua comunidade.

Em suma, apesar das barreiras existentes no estabelecimento de uma gestão participativa plena, o PPC possibilitou o aparecimento de certo grau de protagonismo de seus estudantes, dando a eles confiança para se colocar como sujeitos de direito em demandas futuras junto aos órgãos executivos da cidade. Ainda, ficou demonstrado nesse processo o poder aglutinador de um Projeto Pedagógico que trabalhe temas interessantes e importantes, tanto para a Escola como para a comunidade, como tem sido a luta por espaço urbano em uma das regiões mais adensadas e com menor percentual de áreas verdes de Belo Horizonte, a Região Noroeste.

A pesquisa realizada apontou um enorme potencial de transformação da prática educativa tradicional da escola em uma educação cujo foco do conhecimento esteja na pergunta, mediada pela integração da comunidade à escola e pelo direito à cidade. Observou-se que o Projeto Pedagógico Colaborativo implementado na escola se transformou em uma atividade com potencial para promoção de uma educação libertadora, fazendo os estudantes refletirem sobre as demandas pelo direito à cidade reivindicadas pelo Coletivo de Moradores Atingidos pelo Prates.

Quanto ao nível de participação da comunidade externa nas atividades pedagógicas motivadas pelo PPC, foi observado que o nível de envolvimento dos moradores, apesar de não ter sido o ideal, foi razoável ao se considerar ter sido esse tipo de PPC o primeiro a ser implementado na escola. Os alunos tiveram a possibilidade de ter contato com os integrantes do Coletivo tanto em atividades dentro da escola como no terreno do aeroporto. Fica claro que a gestão da escola necessita continuar investindo na abertura para a participação da comunidade externa em suas atividades.

O modelo de PPC entre escola e comunidade externa, para se tornar uma prática nas escolas, teria que ser incentivado nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas com o propósito de ampliar as experiências dos estudantes com a realidade que os cercam, dando a eles uma educação mais contextualizada. Para que a escola possa garantir que uma educação crítica e cidadã seja praticada em suas dependências, é indispensável que haja um esforço

contínuo para efetivar e ampliar a gestão participativa e que as parcerias com a comunidade sejam mais regulares, permitindo que a comunidade estreite sua relação com a escola.

Algumas limitações podem ser imputadas a esta dissertação, uma delas é o fato de seu objeto de estudo ser uma escola e sua interação com um coletivo de moradores por espaço urbano. Essa característica pode ter como consequência a dificuldade na generalização dos resultados. A abordagem qualitativa adotada poderá também diminuir a amplitude dos dados obtidos por meio da aplicação das entrevistas. Como forma de resolver as limitações apontadas, trabalhar com uma maior quantidade de escolas e entrevistados mostra-se um caminho viável.

Diante disso, fica aberta a possibilidade de aprofundamento do assunto com a utilização de um maior número de escolas que passam por experiências de trabalhos colaborativos com a comunidade externa, assim como na Escola Estadual Alfa. Além disso, sugere-se mudar o foco teórico da pesquisa dando mais relevância a temas como mobilização social e direito à cidade. Pesquisas com as características descritas poderão ser úteis por possibilitar que fenômenos com essa natureza sejam melhor entendidos e reproduzidos.

Atendendo ao objetivo geral desta dissertação, ficou evidenciado que o nível de participação comunitária implementada pela gestão escolar ainda está longe do desejado para que o PPC atinja suas possibilidades de transformação da prática educativa com a intenção de promover uma educação crítica e cidadã. Apesar disso, deve-se entender que a escola está na direção correta ao tentar se abrir para a comunidade por meio do PPC e, se os resultados ainda não revelam uma prática educativa ideal para uma formação de alunos com senso crítico e cidadania, esse objetivo está em processo.

A gestão da escola se mostrou aberta às transformações necessárias para integrar a comunidade em seu cotidiano ao convocar regularmente pais e responsáveis para acompanhar a apresentação da culminância de projetos como o Festival de Dança, o projeto sobre ecologia desenvolvido em colaboração com uma faculdade local e o PPC realizado em conjunto com o Coletivo Atingidos Pelo Prates. Uma limitação a essa integração é a pouca autonomia de calendário e finanças possibilitados pela SEE-MG.

A comunidade interna da escola ainda não está completamente empenhada no propósito de criar um ambiente propício para a transformação de alunos em cidadãos críticos e atuantes em sua comunidade. Nesse contexto, é fundamental que a gestão escolar proporcione oportunidades para reunião do grupo de professores com o objetivo de discutir a importância de trazer a comunidade externa para trabalhar junto à escola.

No PPC realizado em parceria com o Coletivo Atingidos Pelo Prates, a interação entre escola e comunidade aconteceu por meio de reuniões de planejamento entre a professora da

escola responsável pelo projeto junto aos terceiros anos e a liderança do coletivo a fim de estabelecer as atividades que seriam desenvolvidas com os alunos. Os alunos fizeram visitas ao terreno do aeroporto para tomarem conhecimento de sua estrutura e conversarem com membros do Coletivo.

A apresentação das atividades propostas contou com a presença de pais e responsáveis, de alunos e de membros do Coletivo. A experiência na produção de plantas do aeroporto com proposta para uma futura ocupação com destinação social do terreno, os jogos desenvolvidos sobre a temática estudada, a troca de ideias com os membros do Coletivo propiciou aos alunos tomarem consciência sobre as demandas do Coletivo e conseqüentemente de sua comunidade, despertando em vários deles questionamentos sobre a causa dos problemas ambientais, habitacionais, educacionais e de saúde por que passa a comunidade em que se insere sua escola.

## REFERÊNCIAS

- Agier, M. (2015). Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, 21, 483-498.
- Alfonsin, B. (2014). Quando o direito à cidade entra em cena. *Urbanismo, Planejamento Urbano e Direito Urbanístico: caminhos legais para cidades sustentáveis*, 1.
- Almeida, Rachel de Castro; Silva, Viviane Zerlotini da. Destinação Aeroporto Carlos Prates: cartografias sociais como instrumento de mobilização social. In: Encontro Anual da Anpocs, 47o, 2023, Campinas. Anais...Anpocs, 2023.
- Arroyo, M. G. (2017). *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Editora Vozes Limitada.
- Arroyo, M. G. (2015). Os movimentos sociais e a construção de outros currículos. *Educar em Revista*, (55), 47-68.
- Arroyo, M. G. (2018). Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual? *Educação & Sociedade*, 39, 1098-1117.
- Bacelar, T. (2009). *Gestão social dos territórios*. IICA.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições, 70, 225.
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). Técnicas de recolha de dados em investigação: Inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista. *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*, 2, 13-36.
- Battaus, D. M., & Oliveira, E. A. B. D. (2016). O direito à cidade: urbanização excludente e a política urbana brasileira. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 81-106.
- Beraldo, F., & PELOZO, R. D. C. B. (2007). A gestão participativa na escola pública: tendências e perspectivas. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia, Garça*, 5(10).
- Bezerra, Z. F., Sena, F. A., Dantas, O. M. D. S., Cavalcante, A. R., Nakayama, L., & Santana, A. R. D. (2010). Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. *Educar em Revista*, 279-291.
- Borges, A. G. (2020). Cidadania, cultura e território: práticas educativas dos coletivos culturais com a universidade nas bordas de São Paulo. In XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- Brasil, F. D. P. D., Carneiro, R., Silva, T. S. A., & Bechtluft, R. P. (2020). Movimentos sociais e cidade: uma análise das formas de ação coletiva recentes em Belo Horizonte. *Serviço Social em Revista*, 23(1), 120-142.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.

- Brito, R. D. O., & Carnieli, B. L. (2011). Gestão participativa: uma matriz de interações entre a escola e a comunidade escolar. *Revista Eletrônica de Educação*, 5(2), 26-41.
- Broetto, A. R., & Rúdio, L. M. N. D. (2019). A gestão participativa na escola. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 5(1).
- Callai, H. C. (2018). Educação geográfica para a formação cidadã. *Revista de Geografia Norte Grande*, (70), 9-30.
- Cançado, A. C., Tenório, F. G., & Pereira, J. R. (2011). Gestão social: reflexões teóricas e conceituais. *Cadernos Ebape. br*, 9, 681-703.
- Cardoso, A. L., D'ottaviano, C. A. M. I. L. A., Ximenes, L. A., Jaenisch, S. T., & Velasco, T. (2022). Habitação social, reforma urbana e direito à cidade. *Urbana e direito à cidade*.
- Carlos, A. F. A. (2020). Segregação socioespacial e o "Direito à Cidade". *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, 24(3), 412-424.
- Carvalho, A. P. S., & Bignami, F. (2019). Uma experiência de educação para a cidadania na sociologia no ensino médio. *Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia*, (23), 4-18.
- Casalecchi, G. Á., & de Oliveira Vieira, A. (2021). Ativismo digital e valores democráticos: lições a partir da experiência brasileira. *Estudos de Sociologia*, 26(50).
- Cohen, J., & Arato, A. (1992). Politics and the Reconstruction of the Concept of Civil Society. *Cultural-political interventions in the unfinished project of enlightenment*, 121-142.
- Costa Pereira, F., & Fossá, I. (2021). Pedagogias de Paulo Freire: educando para a cidadania com protagonismo na comunicação. *Comunicação & Educação*, 26(2), 29-42.
- da Costa Ribeiro, F. (2021). Gestão democrática e regimento escolar: uma conexão necessária. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(7), 1169-1187.
- Creswell. J. (2014) *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens*. 3. ed Porto Alegre: Penso
- Cunha, C. C., & Antonello, I. T. (2023). Cartografia social e mapas afetivos: uma proposta metodológica para as políticas sociais. *Geographia Opportuno Tempore*, 9(2), e48840-e48840.
- Donato, S. P., da Silva, M. T., & da Silva Santos, S. J. A. (2021). O direito à cidade que educa e os seus territórios nas práticas docentes: desafios à formação continuada de professores. *revista Intersaberes*, 16(39), 1135-1154.
- Dowbor, L. (2001). Gestão social e transformação da sociedade. *Razões e ficções do desenvolvimento*, 197-221.

- Eisenhardt, K.: (1989). Building Theories from Case Study Research, *Academy of Management Review*, 14 (4), 532-550.
- Federal, S. (1988). Constituição. Brasília (DF).
- Franca, G. C. (2022) A produção de espaços comuns a partir de coletivos sociais e da educação. *Cadernos de Estudos Urbanos*, 33.
- Franca, G. C. (2022). Territórios de (re) existência: potencialidades entre a escola pública e a cultura de periferia: Potentialities between the school and the culture of peripheries. *Revista Espaço e Geografia*, 25(1)
- Freire, P. (1983). Educação e mudança. Editora Paz e terra.
- Freire, P. (1985). Por uma pedagogia da pergunta. Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19897.
- Freire, P. (1974). Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). Política e educação: ensaios.
- Gadotti, M. (2014). Gestão democrática com participação popular. Acesso em, 14.
- Giroux, H. A., & Figueiredo, G. O. (2020). Por uma práxis radical na luta em defesa da democracia: desafios contemporâneos para a formação política e a educação crítica no século XXI. *Praxis educativa*, 15.
- Gohn, M. D. G. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista brasileira de Educação*, 16(47), 333-361.
- Gohn, M. D. G. (2014). Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. Editora Vozes Limitada.
- Gohn, M. D. G. (2019). Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. Editora Vozes..
- Gomes, D. M., & Paliologo, N. A. (2017). Direito à cidade e políticas públicas para a smart city. *Revista de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade*, 3(1), 19-35.
- Gonçalves, A. L., & de Carvalho Figueiredo, F. (2019). Educação para a cidadania e o ensino médio: uma revisão teórica/Citizenship education and higher education: a theoretical review. *Brazilian Journal of Development*, 5(12), 29077-29096.
- Guimarães, M. C. R. (2015). Os movimentos sociais e a luta pelo direito à cidade no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, 721-745.
- Hadjichambis, A. CH.; Reis, P. Introduction to the conceptualisation of Environmental Citizenship for twenty-first century education. In Hadjichambis, A. CH. et al. (ed.).

- Conceptualizing Environmental Citizenship for 21st Century Education. Series “Environmental discourses in Science Education”. Cham: Springer, 2020, p. 1-14.
- Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *Geographia*, 9(17), 19-45.
- Harvey, David. O direito à cidade. *Lutas sociais*, 2012, 29: 73-89.
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*.
- Heck Damasceno Gonçalves Andrade, P. (2022). A relação da infraestrutura aeroportuária, segurança e instrução de voo: um estudo de caso no aeroporto Carlos Prates em Belo Horizonte.
- Henkes, J. A., & de Andrade, V. L. (2021). Cidades Inteligentes e sustentáveis: a desativação do aeroporto Carlos Prates e transformação em parque ambiental, cultural e centro administrativo municipal. *Revista Brasileira de Aviação Civil & Ciências Aeronáuticas*, 1(4), 46-71.
- Henriques, M. S. (2005). Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social. In *Actas del Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (Vol. 28, pp. 1-14). Rio de Janeiro: UERJ.
- Henriques, M. S. (2017). *Comunicação e estratégias de mobilização social*. Autêntica.
- Herculano, S. (2000). ONGs e movimentos sociais: a questão de novos sujeitos políticos para a sustentabilidade. *Meio ambiente: questões conceituais*. Niterói: UFF, 123-55.
- Hutta, J. S. (2020). Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. *Caderno Prudentino de Geografia*, 2(42), 63-89.
- Júnior, A. S. C., & Castro, L. B. (2021). Gestão democrática da escola: autonomia compartilhada pela participação social. *Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (Poliges)*, 2(1), 221-239.
- Junior, E. M. A. (2020). Cartografia Social nas Narrativas dos Territórios: O Caso das Populações Ribeirinhas na Amazônia Legal. *International Journal of Professional Business Review: Int. J. Prof. Bus. Rev.*, 5(2), 153-162.
- Júnior, N. S., & Libório, D. C. (2021). Questões chave sobre a noção jurídica do direito à cidade. *Revista de Direito da Cidade*, 13(3), 1466-1494.
- Kowarick, L. (1987). Movimentos urbanos no Brasil contemporâneo: uma análise da literatura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1(3), 38-50.
- Lavalle, A. G. (2003). Cidadania, igualdade e diferença. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 75-93.
- LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Brasil..
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade* (Vol. 5). São Paulo: Centauro.

- Libâneo, J. C. (2001). *Organização e gestão da escola*. Goiânia: alternativa, 1.
- Lima, A. N. V., Oliveira, L. S. D. V. E., & Souza, M. J. A. D. (2020). O Direito nas trincheiras da cidade: urbanismo corporativo e práticas contra-hegemônicas. *Revista Direito e Práxis*, 11(01), 612-644.
- Lopes, E. D. B. (2010). *A construção da Gestão Democrática: Um estudo de caso em escolas Públicas de Natal/RN*.
- Lucena, H. M. D. A., Caramelo, J. C. P., & Silva, S. B. D. (2019). Educação popular e juventude: o movimento social como espaço educativo. *Cadernos de Pesquisa*, 49, 290-315.
- Lück, H. (2017). *A gestão participativa na escola*. Editora Vozes Limitada.
- Luvizotto, C. K. (2016). Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras. *Comunicação e Sociedade*, 30, 297-312.
- Maia, T. R. B., Amorim, A. A. D. & Alencar, C. A. F. D. (2014). Eventos como estratégia de comunicação para organizações da sociedade civil: caso movimento feminista. 13. 13. *Anais do Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Volume 8, Número 8. Recife: Faculdade Senac PE, 2014.
- Mafra, R. L. M. (2010). *Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional*. *Revista Mediação*.
- Marco, C. M. D., Santos, P. J. T. D., & Möller, G. S. (2020). Gentrificação no Brasil e no contexto latino como expressão do colonialismo urbano: o direito à cidade como proposta decolonizadora. *urbe*. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 12, e20190253.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2017). *Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa/pesquisa bibliográfica/teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso*. São Paulo: Atlas.
- Marques, M. D. S. & Marx, V. (2020). Agenciamento, organização e mobilização: uma (re)leitura da novidade dos coletivos culturais. *Anpocs*
- Mello, A. F., & Caetano, J. M. P. (2021). Gestão democrática e participativa na implementação da BNCC: análise do guia para gestores escolares. *Ensino em Perspectivas*, 2(2), 1-19.
- Melo Matos, A. H., Perez, M. R., dos Santos, F. F., & de Souza, N. M. A. L. (2021). Gestão escolar democrática e participativa: desafios e perspectivas. *Revista Diálogos Acadêmicos IESCAMP*, 5(1), 55-68.
- Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17, 621-626.
- Minayo, M. C., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.

- Oliveira Fontes, L. (2018). Do direito à cidade ao direito à periferia: transformações na luta pela cidadania nas margens da cidade. *Plural*, 25(2), 63-89.
- Oliveira Menon, I., & de Souza Coelho, F. (2019). Gestão social como campo do saber no Brasil: uma investigação de sua produção científica pela Modelagem de Redes Sociais (2005-2015). *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, 24(79).
- Oliveira, S. S., Portella, S., Yoshikawa, C. T., Lobosco, D., Dias, L. F., & Oliveira, T. C. D. (2021). De Nosso Território Sabemos Nós: experiência de cartografia social para emergências e desastres. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4579-4590.
- Paro, V. H. (2017). *Gestão democrática da escola pública*. Cortez Editora.
- Paro, V. H. (2022). *Administração escolar: introdução crítica*. Cortez Editora.
- Paro, V. H. (2023). *Gestão, política, economia e ética na educação*. São Paulo: FEUSP.
- Pereira, M. A. (2011). Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. *Encontro da compolítica*, 4, 1-26.
- Pereira, S. M. (2008). Políticas de Estado e organização político-pedagógica da escola: entre o instituído e o instituinte. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, 16(60), 337-358.
- Pereira, T. I., Kostuczenko, K., & Lang, L. H. (2023). Educação e cidadania: reflexões a partir de experiências formativas com crianças e jovens. *Profanações*, 10, 581-601.
- Perez, O. C., & da Costa Santos, G. G. (2019). A produção acadêmica sobre participação social no Brasil: trajetória e agendas de pesquisa. *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (90), 1-22.
- Prist, A. H., & Bucci, M. P. D. (2021). Direito à Cidade e esfera pública: entre a participação política e a renovação jurídico-urbanística. *Cadernos Metrópole*, 23, 629-650.
- Queiroz, B. J., & de Medeiros, A. M. S. (2021). Gestão democrática escolar à luz das ideias de Michel de Certeau. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 37(1), 225-242.
- Queiroz, C., & Gordilho-Souza, A. (2022). Narrativas e práticas coletivas pelo direito à cidade: projetos interativos na periferia de Salvador. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 22(2), 136-149.
- Raichelis, R. (2006). Democratizar a gestão das políticas sociais—um desafio a ser enfrentado pela sociedade civil. *Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional*, 3, 73-87.
- Rebellato, M., & Lisboa Filho, F. F. (2023). Geoparque: uma mobilização coletiva com foco no desenvolvimento sustentável. *Physis Terra e Revista Ibero-Afro-Americana de Geografia Física e Ambiente*, 5(2-3), 271-287.

- Reis, P. (2021). Cidadania ambiental e ativismo juvenil. ENCITEC-Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista, 11(2), 5-24.
- Ribeiro, L. H. L., & Silva, C. A. D. (2022). Cartografia da ação social e luta pelo uso do território no Brasil: contribuições à reflexão do método a partir da Rede Fitovida no Rio de Janeiro. GEOUSP, 26.
- Rodrigues, R. P., & da Hora, D. L. (2023). GESTÃO ESCOLAR PARTICIPATIVA: UM CAMINHO PARA A AUTONOMIA. Revista de Estudos Interdisciplinares, 5(6), 204-213.
- Rodrigues, R. S. G., & SILVA, L. R. D. A. (2021). Paulo Freire e gestão democrática: aproximações epistemológicas e formativas. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, 37(2), 832-850.
- Rolnik, R. (2017). Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. Boitempo Editorial.
- Roncolato, L. R. C. A. (2022). IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA NAS ESCOLAS: REFLEXÃO BIBLIOGRÁFICA.
- Rosa, L. S., & Mackedanz, L. F. (2021). A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. Atos de Pesquisa em Educação, 16, e8574-e8574.
- Salgado, R. J. D. S. F., Santos, L. F. D., Resende, T. C., & de Souza, W. J. (2019). Cidadania deliberativa e gestão social: revisão sistemática de literatura no Brasil. Cadernos EBAPE. BR, 17, 817-831.
- Scherer-Warren, I. (2006). Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e estado, 21, 109-130.
- Scherer-Warren, I. (2010). Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina. Ciências Sociais Unisinos, 46(1), 18-27.
- Scherer-Warren, I., & Lüchmann, L. H. H. (2011). Movimentos sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina. Editora da UFSC.
- Silva, A. L., & de Oliveira, M. D. L. (2021). Protagonismo Juvenil: Percepções de estudantes a respeito da formação cidadã e do controle social. Educação e Fronteiras, e021011-e021011.
- Silva, A. S. (2022). Movimentos Sociais, Ambiente e Governança Urbana Democrática. Revista Gestão & Políticas Públicas, 12(1), 84-106.
- da Silva, D. C. B., Calgaro, C., & Hermany, R. (2020). Espaço abstrato e espaço diferencial: a compreensão do direito à cidade em Henri Lefebvre. Revista de Direito da Cidade, 12(3), 2022-2047.

- da Silva, M. R., de Souza Barbosa, M. A., & Lima, L. G. B. (2020). Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em Administração: explorando a análise temática. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(1), 111-123
- Silva, M. T., & Moll, J. C. (2024). Cidade e Educação: da distopia histórica aos desafios da utopia. *Dialogia*, (48), e24481-e24481.
- Silva, P. C. G. (2018). A ação coletiva: o desafio da mobilização. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*. Recife, 7(2), 62-87.
- Silva Pereira, J. R., & Registro, M. (2022). Antropologizando a cartografia afetiva: práticas de cuidado como formas de resistência e re-existência. *Campos-Revista de Antropologia*, 23(1), 122-142.
- Silva Pereira, J. R. (2023). A cartografia afetiva como metodologia anticolonial facilitadora da descolonização dos corpos-territórios femininos em Abya Yala. De (s) colonizando mentes femininas em territórios Afrodiaspóricos: construção coletiva de nova metodologia, 94.
- Silva, R. M. D. D. (2022). Intervenções pedagógicas em territórios urbanos no Brasil: a situação do programa A União faz a Vida. *Revista Brasileira de Educação*, 27, e270048.
- Silva, A. O. D. (2005). Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária.
- Silva, A. S. (2022). Movimentos Sociais, Ambiente e Governança Urbana Democrática. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 12(1), 84-106.
- Silva Telles, V. (2015). Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, 46(1), 15-41
- Soligo, V., Soligo, M. G., & Estrada, A. A. (2020). Gestão participativa da educação: política neoliberal ou autonomia administrativa?. *Revista Inter-Ação*, 45(1), 169-185.
- Souza, R., Garcia, M., & Nunes, C. (2023). Oficinas de Formação para Gestores Escolares: a Gestão Democrática e a Dimensão Pedagógica. *Revista Interações*, 19(65), 1-18.
- Teixeira, E. C. (1997). As dimensões da participação cidadã. *Caderno CRH*, 10(26).
- Tenório, F. G. (1998). Gestão social: uma perspectiva conceitual. *Revista de administração pública*, 32(5), 7-a.
- Thibes, M. Z., Pereira, N. B., Segurado, R., & Chicarino, T. S. (2020). Movimentos sociais e coletivos no Brasil contemporâneo: horizontalidade, redes sociais e novas formas de representação política. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, 7(3), 49-73.
- Tonucci Filho, J. B. M. (2020). Do direito à cidade ao comum urbano: contribuições para uma abordagem lefebvriana. *Revista Direito e Práxis*, 11, 370-404.

- Toro, J. B., & Werneck, N. M. D. (1996). Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Recursos Hídricos e Amazônia Legal.
- Tragtenberg, M. (1982). Quando o operário faz a educação. In Congresso Brasileiro de Educação (Vol. 2).
- Tragtenberg, M. (1985). Educação e sociedade.
- Vaismoradi, M., Jones, J., Turunen, H., & Snelgrove, S. (2016). Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis
- Yin, Robert. K. Estudo de caso. Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- Yin, R. K. (2018). Case study research and applications (Vol. 6). Thousand Oaks, CA: Sage.
- ZAGO, L., & SOUZA, E. C. B. (2022). Gestão participativa na escola pública. Revista Internacional de Debates da Administração & Públicas-RIDAP, 7(1)
- Zuin, A. L. A., & Dias, M. L. (2020). A Cidade Educadora para a Educação Cidadã. [TESTE] Debates em Educação, 12(27), 459-476.

## APÊNDICE A - ROTEIROS DE ENTREVISTA

### Roteiro de entrevista para professores e gestores

Introdução

Agradecimento pela participação

Explicação breve sobre o objetivo da pesquisa

Garantia de Anonimato e confidencialidade

Solicitação de permissão para gravar a entrevista

Primeira parte: contexto da gestão democrática escolar

- 1) Qual matéria você leciona?
- 2) A quanto tempo você trabalha na escola?
- 3) A quanto tempo você está na educação?
- 4) Qual é sua formação?
- 5) Você participa de algum projeto na escola em parceria com a comunidade?
- 6) Você vê importância da participação de professores e comunidade na execução de projeto pedagógico com participação em conjunto?
- 7) Poderia me descrever como é estruturada a gestão na escola estadual Professor Moraes?
- 8) Quais são os principais mecanismos de participação e tomada de decisão presentes na escola?
- 9) Como é feita a inclusão da comunidade escolar (gestores, professores, alunos e pais) nas decisões pedagógicas e administrativas?
- 10) Existem conselhos escolares ou outras formas de representação democrática na escola?
- 11) Como eles funcionam?

Segunda parte: engajamento e participação da comunidade escolar

- 1) Como os professores e gestores se envolvem no projeto pedagógico colaborativo com a comunidade?
- 2) Existem atividades e projetos desenvolvidos em Parceria com a comunidade? Quais?
- 3) Como é avaliado o nível de participação dos diferentes segmentos da comunidade escolar (gestores, professores, pais e alunos) nesses projetos?

4) Quais são os principais desafios enfrentados para garantir uma participação efetiva da comunidade escolar?

5) Em caso de dificuldade ou ausência de participação, diga por que você acha que isso ocorre?

Terceira parte: relação com o direito à cidade

1) O projeto pedagógico colaborativo promove a conscientização crítica e cidadã entre os estudantes? De que maneira?

2) Você percebe a relação entre a gestão participativa escolar e o direito do cidadão de participar das decisões sobre os destinos da cidade?

1) Quais impactos o projeto colaborativo tem tido na compreensão dos alunos sobre seus direitos e deveres como cidadãos?

2) Como você vê a destinação da área do aeroporto? Qual a sua opinião?

Quarta parte: recomendações e sugestões

1) Que sugestões você é teria para aprimorar a gestão participativa na escola?

2) Como podemos fortalecer a integração da comunidade escolar nos projetos pedagógicos?

3) Há alguma recomendação específica para aumentar a participação e o engajamento dos pais e alunos?

4) Que outras iniciativas poderiam ser implementadas para promover uma educação mais inclusiva e participativa?

Encerramento

Há algo a acrescentar, que não foi abordado anteriormente?

Agradecimento pela contribuição.

Roteiro de Entrevista para Alunos

Introdução

## Apresentação Pessoal

Nome

Série/ano escolar

Tempo de estudo na Escola Estadual Professor Moraes

Perguntas sobre o Projeto Pedagógico

Experiência com o Projeto

Como você se envolveu no projeto realizado em parceria com o coletivo de moradores?

Que tipo de atividades você participou durante o projeto?

Essas atividades influenciaram sua visão sobre questões sociais e cidadania? Como?

Conscientização Crítica e Cidadã

Você sentiu que o projeto ajudou a desenvolver uma consciência crítica sobre os problemas da sua comunidade?

Houve alguma mudança em sua forma de pensar sobre o papel dos cidadãos na melhoria do bairro e da cidade?

O que você aprendeu sobre a luta pela desativação do aeroporto e a destinação de seu terreno para fins sociais?

Perguntas sobre a Gestão Escolar

Participação nas Decisões

Você sente que tem espaço para participar das decisões administrativas ou pedagógicas na escola?

Pode dar exemplos?

O projeto pedagógico mudou de alguma forma sua percepção sobre a participação dos alunos na gestão escolar? Como?

Que tipo de mudanças você gostaria de ver na forma como a escola toma decisões que afetam os alunos?

Perguntas Finais

Reflexões Pessoais

O que você considera o aspecto mais positivo do projeto?

Você acha que esse tipo de projeto deve continuar na escola? Por quê?

Roteiro de entrevista para pais

Introdução

Agradecimento pela participação

Explicação breve sobre o objetivo da pesquisa

Garantia de anonimato e confidencialidade

Solicitação de permissão para gravar a entrevista

Primeira parte: contexto da gestão democrática escolar

- 1) Qual a idade do aluno e a série em que está matriculado?
- 2) Em qual bairro reside?
- 3) A quanto tempo reside?

- 4) Quanto tempo seu filho estudou na escola Professor Moraes?
- 5) Caso o aluno não esteja cursando o ensino médio na escola se ainda familiares ou o aluno continua mantendo vínculo com a escola?
- 6) Como você descreveria a gestão escolar na Escola Estadual Professor Moraes?
- 7) Você sente que tem oportunidade de participar das decisões que afetam a escola? pode dar exemplos?
- 8) De que forma você é informado e convidado a participar das reuniões e decisões escolares?

Segunda parte: engajamento e participação da comunidade escolar

- 1) Você participa ou já participou de algum projeto pedagógico colaborativo da escola?
- 2) Como foi essa experiência?
- 3) Quais são as atividades que mais chamaram sua atenção ou nas quais você mais gostou de participar?
- 4) Como você avalia o nível de engajamento dos alunos e dos Pais nos projetos colaborativos da escola?
- 5) Existem dificuldades que impeçam uma maior participação dos pais e alunos?
- 6) Quais são elas?
- 7) Por que você acha que isso ocorre?

### **Terceira parte: relação com direito a cidade**

- 1) O direito do cidadão aos destinos da cidade é abordado na escola? Como?
- 2) De que maneira o projeto-pedagógico com o coletivo Atingidos pelo Prates ajudou você a entender melhor seus direitos e responsabilidades como cidadão?
- 3) Você acredita que esse projeto tem impacto na vida dos alunos fora da escola?
- 4) Pode dar exemplos?

Quarta parte: recomendações e sugestões

- 1) O que poderia ser feito para melhorar a gestão da escola para que ela se torne mais democrática?
- 2) Quais sugestões você tem para aumentar a participação de pais e alunos nos projetos escolares?

3) Você vê alguma forma te integrar mais a comunidade local nas atividades escolares?

Como?

4) Que outras ações poderiam ser implementadas para tornar a educação mais inclusiva e participativa?

Encerramento

Há algo a acrescentar, que não foi abordado anteriormente?

Agradecimento pela contribuição.

Roteiro de Entrevista para Moradores Integrantes do Coletivo

Introdução

Apresentação Pessoal

Nome

Idade

Tempo de residência na comunidade

Informações Sobre o Coletivo

Como você se envolveu com o coletivo de moradores?

Qual é o seu papel/participação dentro do coletivo?

Perguntas Específicas sobre o Projeto e a Luta pela Desativação do Aeroporto

Histórico e Motivação

Desde quando o coletivo está ativo na luta pela desativação do aeroporto?

Quais são as principais motivações para a desativação do aeroporto?

Que tipo de atividades o coletivo realiza para promover a conscientização sobre esse tema?

Interação com a Escola

Como surgiu a parceria entre o coletivo de moradores e a Escola Estadual Professor Moraes?

Quais foram as atividades realizadas em parceria com os alunos do terceiro ano do segundo grau?

Essas atividades contribuíram para a conscientização crítica e cidadã dos alunos? De que maneira?

#### Impacto na Comunidade

A luta pela desativação do aeroporto e o projeto pedagógico na escola têm impactado a comunidade local?

Você observou alguma mudança na participação dos moradores nas atividades comunitárias após o início do projeto?

#### Desafios e Soluções

Quais são os principais desafios enfrentados pelo coletivo na luta pela desativação do aeroporto?

Que estratégias vocês adotaram para superar esses desafios?

#### Visão de Futuro

Qual é a visão do coletivo para a área atualmente ocupada pelo aeroporto, caso a desativação seja bem-sucedida?

Quais são as expectativas do coletivo em relação aos benefícios sociais e ambientais dessa transformação?

#### Perguntas Finais

#### Reflexões Pessoais

Como a sua participação no coletivo e no projeto em parceria com a escola influenciou sua visão sobre a comunidade e a cidadania?

O que você considera ser a maior conquista do coletivo até o momento?

## Sugestões e Recomendações

Que sugestões você daria para fortalecer a parceria entre o coletivo e a escola?

Alguma recomendação para outros coletivos que estejam enfrentando lutas semelhantes?

## Considerações Finais

Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre a luta pela desativação do aeroporto e o impacto desse projeto na comunidade?

Esse roteiro tem como objetivo captar tanto as experiências pessoais dos membros do coletivo quanto a percepção deles sobre o impacto do projeto e da luta na comunidade e na escola. Boa sorte com sua dissertação!

**APÊNDICE B****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, ....., aluno (a) do curso de mestrado do Centro Universitário Unihorizontes,  
estou desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo .....

Assim, convido você a participar desta pesquisa. O procedimento adotado para a coleta de dados é ..... Os depoimentos, com a sua autorização prévia, serão arquivados e transcritos e ficarão em poder do (a) pesquisador (a). Eles serão destruídos ao término de cinco anos. Informo-lhe, ainda, que os dados obtidos serão mantidos em sigilo, assim como a sua privacidade e a garantia de anonimato. Os resultados da pesquisa serão utilizados apenas para fins científicos.

Comunico-lhe que não terá despesas decorrentes de sua participação na pesquisa. Você tem a liberdade de se recusar a participar ou de retirar o seu consentimento em qualquer momento ou fase do estudo.

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_ fui orientado(a) sobre o estudo e afirmo meu consentimento em participar da atividade proposta pela (o) pesquisador (a) e autorizo a coleta de dados.

\_\_\_\_\_, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Ass. do (a) entrevistado(a) \_\_\_\_\_

Ass. do (a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_

**Pesquisador (a) responsável:**

**Endereço:**

**Telefone:**

**Comitê de Ética em Pesquisa Centro Universitário Unihorizontes**

**Endereço: Rua Paracatu, 600**

**Bairro: Barro Preto Belo Horizonte – Minas Gerais. CEP: 30.180-090 Telefone: (31)  
3349-292**

## APÊNDICE C - RESPOSTAS DE ENTREVISTADOS POR TEMÁTICAS

Tabela de entrevistados e respostas por temáticas

Dados pessoais	Gestão participativa	Educação cidadã	Projeto pedagógico colaborativo	Direito a cidade
<p><b>Prof Maria história, 13 anos na escola 17 anos na educação</b></p>	<p>“E é, eu considero que a gestão nesse projeto ela foi acolhedora, né? Foi uma gestão acolhedora, porque a partir do momento que a gente propôs o desenvolvimento do projeto. “, “Então no turno da manhã, por exemplo, se discute, olha, vai ter esse projeto, né? A Renata propõe esse projeto. E tudo vocês estão de acordo? Quem gostaria de participar, né? Então essa discussão de tudo que acontece ali é feita com os professores, “né?</p>	<p>“Bem, eu acho que a cidadania, ela parte muito da escola, sabe da formação daquele indivíduo. Então você está formando um indivíduo.” , “Se você é quer formar aquele indivíduo como um cidadão atuante, é aquilo. Tem que vim desde o princípio da formação desse indivíduo, né?</p>	<p>“Então é, eu acho que é. É de extrema importância envolver os professores da escola naquilo que a comunidade está vivendo” , “ “Bom, eu acho que que a escola, né, ela está inserida em uma comunidade. Ela está inserida em um local, né?” , “ “É, não. A visita já foi no começo 23 de 2023, 2022, a gente ficou mais com a</p>	<p>“Sobre a destinação desse aeroporto, quer dizer, o aeroporto vai ser desativado, vai haver uma destinação para esse espaço. É um espaço imenso, né? O papel da comunidade, né? No momento da comunidade vai participar dessa discussão.” , “É o que que a comunidade é e começamos a fazê-los pensar um pouco sobre, quer dizer, esse aeroporto vai ser desativado, né? E agora, o que que</p>

			apresentação da história do aeroporto, pedimos aos estudantes, inclusive para procurarem reportagens antigas” ,	vai ser feito com essa área, né?
<b>Prof Cláudia</b> <b>ed física</b> <b>14 anos na escola</b> <b>18 anos na educação</b>	"Eu entendo como uma é atribuição deles observarem o que é demanda da Secretaria de educação, também não apenas o que é demanda do corpo docente, dos alunos, mas também da Secretaria de educação. Entendo que na medida do possível eles priorizam o corpo docente e a estrutura interna da escola."	“Como a gente vai levar para os nossos estudantes a informação de que eles não só podem como devem participar dessas discussões? Porque isso diz respeito a eles também. Então, eu acho fundamental." “Ela vai assim, não, aquilo ali não é para mim, aquilo ali é briga de peixe grande, é briga de empresas. Então, quando a	"O projeto ele não tinha um nome específico, é a escola. Ela ia perder a EJA noturno. E aí, eu e os meus alunos, nós nos organizamos para tentar abrir turmas de EJA para manter o noturno funcionando no ano seguinte. Então eu entendo que isso seja um projeto. E os meus alunos e a comunidade." "A professora Maria Renata,	“Eu acho que ela é mais voltada para quem está lá agora, né? Porque ela está no presente, ela está no presente. O que eu posso te falar é sobre o futuro. Se conseguir sucesso nessa empreitada de cara, igual eu falei, isso vai impedir o processo de gentrificação ali da área” “Não é que esses condomínios, eles não sejam de luxo exatamente para não expulsar pessoas que estão ali a vida inteira, n

		<p>escola traz para dentro dela, essa discussão começa a fazer essa discussão entre professores, com os estudantes.”</p>	<p>ela tem um projeto agora. Eu não sei como é que está esse projeto. Ela está afastada. Ela está afastada para o doutorado dela, mas ela tem um projeto de residência pedagógica na PUC que ela envolve estudantes da PUC que são os residentes. E eles fazem pesquisas na região do antigo aeroporto que tinha ali do aeroporto do Carlos Prates, e aí em paralelo a pesquisa da professora Renata, o próprio aeroporto, ele tem as pesquisas que ele faz.”</p>	<p>é? Porque quando chega um condomínio de luxo, naturalmente vão chegar. Isso vai causar uma elevação de preço.”</p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p><b>Prof Ângela biologia 18 anos na escola 21 anos na educação</b></p>	<p>"Raramente isso é democrático porque a Secretaria de educação, ela está padronizando cada vez mais o calendário escolar. Por exemplo, o calendário que quando há alguns anos atrás a escola fazia o seu próprio calendário, ela definia não no início ao final do ano, porque isso tem que ser comum para todas as escolas estaduais mas tinha várias situações ali que nós nós podíamos definir." , "Esse dia vai ser com a Semana da Consciência Negra. Esse dia a escola vai fazer isso. Esse dia a escola vai fazer aquilo. Esse dia é prova de recuperação e nesse daqui já é bimestral.</p>	<p>"Sim, eu vejo porque essa noção, inclusive da possibilidade de participar, ela tem início dentro da escola. Elas às vezes não participam, Elas se omitem desse processo muitas vezes." , "Ela vai assim, não, aquilo ali não é para mim, aquilo ali é briga de peixe grande, é briga de empresas. Então, quando a escola traz para dentro dela, essa discussão começa e começa a fazer essa discussão entre professores, com os estudantes. E que os diretores, para a senhora,</p>	<p>"O projeto ele não tinha um nome específico, é a escola, ela ia perder a EJA noturno. E aí, eu e os meus alunos, nós nos organizamos para tentar abrir turmas de EJA para manter o noturno funcionando no ano seguinte. Então eu entendo que isso seja um projeto e os meus alunos e a comunidade.", "E eles fazem pesquisas na região do antigo aeroporto que tinha ali do aeroporto do Carlos Prates, e aí em paralelo a pesquisa da professora Renata, o pró</p>	<p>"Eu acho que ela é mais voltada para quem está lá agora, né? Porque ela está no presente, ela está no presente. O que eu posso te falar é sobre o futuro. Se conseguir sucesso nessa empreitada de cara, igual eu falei, isso vai impedir o processo de gentrificação ali da área?" "Até a última vez que eu tive notícia, e não é recente, eles estavam tentando fazer ali uma escola, uma área de lazer, condomínios não de luxo, o que é fundamental para mim. Eu eu acho esse um ponto chave ali da região. Não é que esses condomí</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	Então assim é isso, está isso, está fugindo cada vez mais está fugindo cada vez mais da alçada da escola."	como a gente vai participar disso? Como a gente vai levar para os nossos estudantes a informação de que eles não só podem como devem participar dessas discussões? Porque isso diz respeito a eles também. Então, eu acho fundamental."	prio aeroporto, ele tem as pesquisas que ele faz com a comunidade para saber o que vai ser feito ali daquela área para melhor aproveitamento. Então, acaba que esses 2 projetos eles se interligam, o da professora Maria Renata e esse do aeroporto, não que a Maria Renata tenha procurado a comunidade para isso, mas quando ela apresentou o projeto, a comunidade já estava lá."	nios, eles não sejam de luxo exatamente para não expulsar pessoas que estão ali a vida inteira, não é?"
<b>Prof Regina história</b>	"É participativa, né? Escuta, mas eu acho que o grande problema do	"Sim por causa que eles passam a reconhecer o ambiente que	"Participo da Consciência Negra, né? Mas não com a	"É, acho que agora a prefeitura, né, recebeu o aval do governo

<p><b>8,5 anos na escola</b> <b>8,5 anos na educação</b></p>	<p>Professor Moraes é que a gente não consegue estabelecer com os alunos uma gestão de grêmio, por exemplo, que é uma representação partindo dos alunos, né? A nossa representação é de gestão e direção mesmo dos professores."</p> <p>"Acho que é o que colegiado, são colegiados e reunião de professores."</p> <p>"Eu acho que a única possibilidade é o colegiado, que tem representantes da comunidade, né? Dos pais e dos alunos. Então, algumas tomadas de decisões que vão para o colegiado são tomadas o apoio da comunidade."</p>	<p>eles estão é inseridos, né? Porque apesar de ser uma escola de passagem, eles ainda frequentam o ambiente. Então a movimentação urbana, ônibus, é horário de ônibus, isso tudo influencia para eles, então entender sobre a comunidade gera esse conhecimento crítico."</p> <p>"Acho que é importante, tanto esse pertencimento da comunidade, mas também principalmente do aluno, né? Entender qual que é essa região, onde ele está e o que que</p>	<p>comunidade. Ah, E o festival de de dança, não?"</p> <p>"Em parceria com a PUC, né não?"</p> <p>"Eu acho que integrar mesmo a comunidade em questões é sobre ambiente, sobre sustentabilidade, sobre a questão da própria sociedade, do Padre Eustáquio."</p>	<p>federal, né? Teve alguma coisa assim? É, eu acho que é interessante você criar, né, moradia, estrutura, né, de um bairro, né, é, pra essa visão, não acho que era um local apropriado para aeroporto, então assim, devido aos diversos acidentes, né? Então acho que que o que eu estou acompanhando é essa troca mesmo assim." ,</p> <p>“Principalmente de moradia, educação e saúde, que é a proposta.”</p>
------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		já foi essa região."		
<b>Prof José ed física 4 anos na escola 5 anos na educação</b>	"A gestão, ela era estruturada da seguinte maneira, havia a supervisão dos turnos, a direção dos turnos e a direção geral, que era a Michelle no caso, né? E. E durante o festival de dança, por exemplo, a vice-diretora da noite, que foi a Débora no período em que eu executei o projeto, ela me ajudou bastante no festival de dança." "É, eu lembro que havia reuniões quando era algo que tinha que envolver a comunidade, se não me engano, era levado para o colegiado. E quando era algo que envolvia o corpo docente, havia reuniões e haviam	"Eu acredito que a reflexão sobre a ação, né? Sobre esses projetos, eles ajudam os estudantes no traquejo social, na maneira de lidar com o outro, né? E também de pensar a sociedade, né? Porque é pelo menos os projetos que eu vi acontecendo na escola, eles não eram. O projeto por si só, né? Sempre tinha um cunho de reflexão, de entender como o que que estava acontecendo no presente e o que poderia ser	"Eu tomei e inclusive em parceria com a PUC, né? É através da Renata. A gente conseguiu o auditório da PUC para poder fazer o festival de dança lá. E durante o festival de dança aconteceu, se não me engano, uma exposição desse coletivo sobre o que é que estava acontecendo lá no aeroporto." "E os professores eles se envolviam bastante e eles também davam bastante sugestões e participavam da	"Na minha opinião, eu acho que deveriam ter chamado a comunidade para conversar e ver qual que era o desejo deles. Na minha opinião, não faz sentido criar algo que não seja o que a comunidade quer que seja, porque no final das contas vão ser eles que vão utilizar."

	<p>votações nessas reuniões."</p>	<p>melhor para o futuro. Eu acho que é nesse sentido.", "Eu creio que sim. Esses projetos eles ensinam, como eu disse, é a maneira de lidar com os outros, né? E maneiras de pensar a sociedade como um todo, é através das ações, do conviver e por aí vai."</p> <p>"Eu Acredito que sim, porque é o que faz parte do cotidiano deles, né? Tem que fazer sentido o que está sendo ensinado e o que está sendo refletido para para que eles consigam ser críticos, né? De</p>	<p>construção. Por isso eu posso falar particularmente, a história do festival de dança e principalmente da construção do projeto, dando opiniões e dando ideias e propondo algumas mudanças. Ou, enfim, era bem democrático nesse sentido."</p> <p>"Isso eu? E se a comunidade também se envolvia no festival da Consciência Negra e indígena."</p>	
--	-----------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

		de uma maneira mais assertiva."		
<p><b>Diretora Márcia ed física</b>  <b>17 anos na escola</b>  <b>23 anos na educação</b></p>	<p>"Eu acho que já está bem participativa, bem democrática."  "O colegiado da escola, né?"  "A gente tenta ver a necessidade lá, eu para o colegiado, para o colegiado, definir se aquilo é uma real necessidade ou não, né? O órgão maior da escola é o colegiado."  "É o que eu falei, foi a gente tenta passar em reuniões essas questões todas para professores e servidores, né?"</p>	<p>"Traz pros alunos algum tipo de consciência crítica, né? Meninos, aquela coisa toda, eles se envolvem, eles sabem da real necessidade, mas você nem sabia o que que estava acontecendo aí no entorno. A questão do projeto, aí na escola, eles começaram a abrir os olhos em relação a essa questão do projeto, né? Muitos falavam assim, Ah, mas eu nem sabia que aqui, na verdade, tem</p>	<p>"Já participei, hoje não estou participando, né? Participei igual você falou, o festival de dança."  "Quando tem projeto a participação é boa, né? Alguns é. Professores? É, nem todos participam, mas uma grande maioria participa, né, Madison? A gente sabe e não tem gente que não gosta de projeto. E, a questão dos gestores, todos apoiam geralmente, né? A gente sempre está apoiando</p>	<p>"Eu acho que até mesmo pra conscientizar, né? Os próprios alunos, servidores, todos da importância dessa questão, desse projeto, é. Até os benefícios que podem trazer para a escola ali podem vir direcionar mais alunos, né? Um posto de saúde aqui do lado da escola também um acordo de suporte na parte da saúde, o próprio parque ecológico, uma área desde para para diversa, você pode implementar diversos projetos, até mesmo para o bem-estar."</p>

		<p>gente que nem sabe que era o aeroporto."</p> <p>"Projeto sim, acho que sim."</p>	<p>em relação ao projeto. A gente está junto."</p>	
<p><b>Vice</b> <b>Manuela</b> <b>sociologia</b> <b>11 anos na</b> <b>escola</b> <b>25 anos</b> <b>na</b> <b>educação</b></p>	<p>O colegiado escolar ele é formado por professores, alunos, é servidores administrativos da escola e qualquer integrante da comunidade que queira participar da reunião do colegiado escolar, a reunião é aberta, embora somente os membros eleitos democraticamente entre eles é que possam votar nas demandas. Mas é nas demandas que aparecem para a escola resolver. Mas é o colegiado escolar que é a instância máxima de participação de toda a comunidade</p>	<p>"Olha eu, eu penso assim que quando você quando o projeto chegou aqui para nós, a gente não tinha muita noção assim é, dessa consciência, dessa área que estava sendo desativada lá. Então o projeto trouxe primeiro essa questão da da consciência, né?" , "Então eu acho assim que a partir do momento que os alunos, né, a comunidade em geral, porque não só os alunos, né,</p>	<p>"Olha, o projeto foi muito assim, bem aceito na escola, né? Porque é um é um local que no referencia diretamente é muito próximo daqui pra gente, né? Então a gente a escola foi aberta para as reuniões, os alunos foram selecionados pela professora Renata. É os professores, é apoiaram aqui no sentido de é mobilizar os alunos para participar do projeto, ceder que os alunos</p>	<p>"Como que eu vejo? Olha eu acho que o que está faltando para essa essa situação da destinação da área do aeroporto ali é uma consulta pública mais ampla. Sabe? A gente que está aqui na região de padre Eustáquio, a gente conhece pessoas assim, que não se posicionam sobre isso e que às vezes não tem nem interesse, não é que não interesse é que elas não sabem."</p>

	<p>escolar dentro das decisões que dizem respeito à escola, por exemplo, onde para onde vai direcionar determinada verba.”</p>	<p>entraram nesse projeto porque esse conhecimento dos impactos que essa situação do aeroporto ia causar a esse você tem uma nova visão da situação, então gera quando a partir do momento que você tem conhecimento da situação, você, toma posse daquilo ali como direito também, né?”</p>	<p>nos horários de aula para eles não é, fazerem as reuniões. Então foi muito bem aceito aqui.”</p>	
<p><b>Sup Juliana pedagogia 7 anos na escola 11 anos na educação</b></p>	<p>"Ao meu ver, é uma gestão democrática. Madison fala assim, eu sempre vi assim, é na medida do possível, né? A gestão sempre mantinha diálogo, né? Com todos, com toda a equipe."</p>	<p>"A própria localização da escola, né, é? O próprio envolvimento ali das parcerias, do local, né? Da comunidade. É essa conversa dos professores</p>	<p>"É alguns projetos em relação ao próprio desenvolvimento das atividades, mesmo na escola, igual festival de dança, né? Que</p>	<p>"Oh. Eu acho que tem que o espaço é de todos, né? Para todos eu acho que serviços que virão contribuir pra comunidade como a própria saúde, a educação também muito importante.</p>

	<p>"Ah, tem. Tem reuniões, assembleias, né? Tem um colegiado, tem o próprio colegiado, né, que funciona bem. E sempre que há necessidade ela é contemplada lá para tomada de decisões, entendeu?"</p>	<p>com eles, né? Em sala, mostrando os dados, a importância, fazendo essa consciência diária, a questão de se sentir, né? Aluno das de propriedade, né? Se sentir aluno e fazer parte daquele momento ali, histórico, querendo ou não, é histórico. Então, tendo a participação do aluno."</p>	<p>envolve muito comunidade, tudo." "Tem algumas parcerias, né, como, por exemplo, teve é poca que acontecia naquele espaço que tem ali perto da Feira Coberta, né? Então a gente utilizava aquele espaço lá para poder fazer o evento, né? Sim, e feiras de ciência também aconteciam dentro da nossa escola mesmo, entendeu?"</p>	<p>Eu acho que é vá lido sim, com certeza, né, serviços que é pra todos, né? No caso, né, onde todos tenham direito." "Isso mesmo. Lazer também, né, Madison? Lazer porque é o parque, né?" "parque ecológico é, sim, isso,"</p>
<p><b>Sup Júlia</b> <b>pedagogia</b> <b>16 anos na</b> <b>escola</b> <b>27 anos na</b> <b>educação</b></p>	<p>"É uma gestão bem participativa e o que eu percebo que eu não via nas outras gestões é que a gente tenta alinhar tudo a partir de uma</p>	<p>"Eu acho que tudo o que envolve no aluno está envolvido diretamente, ele vai fazer um</p>	<p>"Sim, sim, muitos projetos, né? Aqueles projetos mesmo que eles fazem, de ecologia, de meio ambiente,</p>	<p>"Ah, com certeza, né, eu acho que a partir do momento que a comunidade está envolvida, está engajada, eu acho que ela</p>

	<p>mesma fala nos 3 turnos. Coisa que a gente nunca conseguiu fazer isso antes."</p> <p>"Muitas reuniões do grupo gestor, coisa que a gente não tinha também anteriormente. A gente está sempre conversando."</p> <p>"Tem um os grupos agora com a com a facilidade da internet, a gente tem um uns grupos de WhatsApp que tem o grupo da gestão, que a gente está sempre colocando ali algumas inseguranças, algumas insatisfações, então. Isso tudo tem sido bem democrático."</p>	<p>trabalho de campo que ele vai buscar informações. Isso tudo colabora demais grandemente, não é, para que ele consiga se. O sujeito mesmo participando das ações."</p> <p>"Isso aí, eu acho que foi uma, pelo que você está me passando, né, do projeto, porque aquilo que eu imagino que tenha acontecido eu acho que foi um como é que eu fala uma prática mesmo de cidadania muito bacana, envolveu o aluno, envolveu, todo o mundo que foi, que</p>	<p>os ecos, né? A gente automaticamente a gente acaba participando, não é? Então acredito que sim. Então você pode trocar essa resposta assim."</p> <p>"De suma importância, né? Eu acho que os alunos, juntamente com a comunidade, os familiares, envolvendo todo o corpo docente, tende a fortalecer a execução do projeto."</p> <p>"Com certeza, com certeza, né? Vai incentivá-los mais. É uma coisa bem próxima dentro da realidade deles, né?"</p>	<p>consegue, ela tenta reivindicar alguma coisa, alguma melhoria, né, e ela pode até tentar ajudar a escola de alguma forma a conquistar isso sim."</p> <p>"Eu acho que quando existe uma demanda, e essa demanda de encontro as necessidades dessa comunidade, eu acho que o envolvimento dela é mais, quando essa demanda não é do interesse, vamos dizer assim, dessa comunidade, eles ficam mais à parte, ficam muito envolvidos não. Mas a partir do momento que é uma coisa, que é para melhoria, que é para ajudar, que é para envolver, aí</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		foram atrás, foram reivindicar, ver questão do espaço, então, mas eu acho que se sentem sim bem envolvidos, sentem se sujeitos mesmo, né?"		eu acho que sim, eles resolvem participar."
<b>Estagiária Heloísa Estagiando em história</b>	"Eu sinceramente achei muito aberta a escola. É desde eles acolhem há muito tempo residência pedagógica lá da PUC e tanto, do pessoal da biologia, acho que da Geografia desenvolvem muitos projetos. É e quando a gente trouxe é o projeto de extensão lá na PUC, que está relacionado com o coletivo, eles também ficaram extremamente abertos."	"É, eu acho, não somente com a comunidade, mas considerando principalmente os alunos da escola é uma forma de é formar cidadãos mesmo, de demonstrar como que eles podem ser participativos em coisas que acontecem para eles no dia a dia." "Ah, com certeza, com	"Total, né? Quando a gente, por exemplo, dando o primeiro exemplo da excursão, o que foi a primeira ação que a gente fez dentro da escola, que estava relacionada ao coletivo, né, foi tirar esses alunos do terceiro ano da escola, levar para o aeroporto, foi a primeira coisa que a gente fez. E a	"Então foi muito interessante porque nesse nesse momento em que eles fazem isso, eles estão mostrando que eles também têm direito à cidade, que eles também têm direito a participar ali dessa conversa. Foi a parte mais interessante assim, na minha perspectiva." "Eu estou tentando acompanhar na medida do possível

	<p>"Eu acho que tudo é sobre conscientizar, porque se você não tem uma gestão participativa, as pessoas não vão entender que eles podem fazer parte das discussões, mas se você tem alguém que estimula, né, que faz parte e que quer que as pessoas fazem parte, isso dá possibilidade para que a pessoa entre nesse meio também. Então é tudo sobre abrir portas também, eu acredito."</p>	<p>certeza. De certa forma, ele já tem essa crítica, né? Mas quando você insere na discussão, eles percebem, inclusive que eles podem fazer parte, né? Porque é como se eles não soubessem. Então eu acho que é extremamente importante isso que vai acontecendo."</p>	<p>diante disso? Um tanto de professores se ofereceram para ajudar e ficaram interessados em se ligar ao projeto." "Teve um grande entrosamento, mas esse entrosamento ele dependia da da ligação, que a ligação ela a partir de mim que estava dentro, né? Do projeto, da cartografia do aeroporto, é e estava na residência pedagógica, nessa nessa ligação que eu tinha que fazer o que eu levava era para a Renata e a Renata era essa pessoa que juntava tudo, a</p>	<p>vel, eu vi que um dos maiores projetos que eles estão tentando é fazer casas populares, né? É, eu acredito que é uma área que ela deve é retornar algo para a comunidade que vive ali. Então também uma das propostas que era colocar condomínio ali de luxo, não funciona, né? Então é uma grande área e eu acho que ela deve ser pensada sim, nas necessidades das pessoas que já estão ali, né? De forma que não vai atrapalhar e sim agregar aquele espaço."</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p>professora Renata de história, então, o entrosamento ele aconteceu, mas dependendo dessas pessoas que faziam a ligação entre as áreas, inclusive, era ela que falava com a com a direção, né?"</p>	
<p><b>Coletivo Lúcia funcionária pública moradora da região a 18 anos</b></p>	<p>"...a escola demonstrou interesse, porque ela é muito próxima do aeroporto, né? E ela, já tinham poucas atividades lá. Parece, né? Tenho interesse da da escola também está participando dessa mudança?", "...aí você leva para o seu local, assim como aluno do Dom Bosco, aluno dos locais, ele leva para</p>	<p>E então, quer dizer, esse resgate e principalmente a importância de nós, cidadãos, moradores acompanharmos, né, é a destinação e o desenrolar dessa história, não é? É a importância da gente estar acompanhando o poder público porque ele,</p>	<p>"Então, quer dizer, é a sociedade civil organizada junto com a escola, com a universidade é que pode estabelecer esse diálogo, né?", "...que somou com uma atividade que já é que já iria acontecer, né? Que é o festival</p>	<p>"E eu venho também explicando, a gente precisa até divulgar um material explicando essas faixas do Minha Casa Minha Vida, né? Explicando a que que haverá a venda direta, né? Pra que as pessoas comecem a se desarmar um pouco dessa questão do direito à cidade, né?", "E</p>

	<p>o seu local, né? Essa é esse conhecimento, né? Essa troca de ideias?"</p>	<p>dependendo de quem estiver no poder, é como prefeito, como vereador, por exemplo, ele pode decidir sozinho, né? O destino de um terreno que tanto impacta as nossas vidas, não é?", "E o próprio, enxergar esse terreno, olhar sobre esse terreno, não é?"</p>	<p>de cinema, né? Dança, cinema."</p>	<p>aí aí você começa uma diferenciação é de opiniões a partir do ponto que você mora, do terreno, você entendeu? A partir do lado que você enxerga esse terreno, aí você vai ter a opinião diferente, porque, porque quem mora no Padre Eustáquio, pelo projeto da prefeitura, ali é, as moradias ficarão próximas do Padre Eustáquio, porque tecnicamente ali é as quando o aeroporto foi feito, as ruas foram impedidas, então vai ter uma relação dessa malha urbana ali, entendeu? Então, não tem como que as moradias ficarem do outro</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p>lado. Elas têm que ficar do lado Padre Eustáquio, então, muitas pessoas do padrasto não gostaram disso, né? É, inclusive algumas manifestaram um preconceito muito grande o que a gente vem conversando sabe sobre até a questão quem tem direito à cidade, né?"</p>
<p><b>Coletivo Eunice Arquiteta moradora da região a 9 anos</b></p>	<p>"...eles estavam muito engajados, eles estavam muito comprometidos com o processo. Eles não faziam por fazer..." ,          "...a gente levou os alunos até o aeroporto justamente na semana em que o aeroporto estava sendo fechado. Para eles reconhecerem esse território..."</p>	<p>"...falta essa formação política, falta essa formação cidadã, né?          Falta essa consciência, sim, de que a gente tem direito, se esses direitos têm que ser assegurados..." ,          "...falta essa formação política, falta essa formação</p>	<p>"...a gente usou algum dinheiro desses projetos de pesquisa e de extensão da book, até para fazer, por exemplo, a maquete veio do projeto de pesquisa da PUC..." , "...a gente fez um seminário, cada grupo discutia a sua proposta,</p>	<p>"...a comunidade passou a reconhecer que realmente... a demanda por habitação ela é genuína, é legítima e é preciso abrir espaço para acolher a demanda da habitação também..." , "E a outra coisa que eles sabem muito bem... a gente vai gerar um processo</p>

		<p>cidadã, né?          Falta essa consciência, sim, de que a gente tem direito, se esses direitos têm que ser assegurados...", "...e aí depois a gente começou a trabalhar as expectativas. O que é que eu gostaria que tivesse nesse território tão pertinho da minha escola?...""...eles começaram a expressar os desejos deles para esse território, o que foi um trabalho muito rico, né, porque tinha desde o desejo de ter quadras que eles pudessem usar... até laboratórios de questões</p>	<p>apresentava e os outros tinham que votar nas melhores propostas...", "E, por fim, o jogo que a gente desenvolveu lá..."</p>	<p>de especulação imobiliária do entorno e que isso vai trazer danos para toda a comunidade...", "...ocupar também e ocupar já trazendo o direito à moradia dessa população. É específica? Sim, é até uma forma de controlar para não haver um processo de gentrificação..” ,</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		ambientais que eles pudessem também usar...",		
<b>Coletivo Glória arquiteta moradora da região a 21 anos</b>	"...a gente pôde fazer é essa discussão, né? Com a comunidade, com os estudantes, com os pais dos estudantes também com os professores..." , "...uma professora e a própria diretora também reivindicar o lugar da escola nessa nova área, na área do aeroporto, não é, depois do seu fechamento... que eles também poderiam também me solicitar que a escola... reivindicava espaço para a escola, uma escola nova..."	"...eles começaram a entender é, essa política não de partidária, né? Mas direito que as pessoas têm que decidir em que lugar elas, como é esse lugar, né?", "...a gente levou várias pessoas para uma roda de conversa e ao mesmo tempo vários professores convidados pela professora Raquel pensaram em oficinas com vários temas que fala sobre as cidades, a questão da mobilidade, a	"...vários professores foram convidados pelo professora Raquel e cada um pensou na oficina. Num sábado de manhã a gente discutiu essas questões com os alunos tendo como mote a área do aeroporto..." , "...a gente se reuniu, entendeu, com todo mundo para uma roda de conversa, a gente convidou representantes do poder público, de instituições de arquitetura e urbanismo e a gente foi, gente realizou um	"...o quanto desse espaço que é uma área pública e o quanto que é é poderia é aprimorar o processo de aprendizagem desses alunos dada essa proximidade, né?..." , "...a gente mostrou entender muito claramente a importância dessa área como uma área de recarga do lençol freático uma vez que ela se encontra no topo do morro... pra evitar erosões ao longo da encosta..." , "...uma das <i>fake news</i> é você, causar pânico, dizendo que aquele local vai ser habitado por casas, né, de

		questão da própria memória..."	compartilhamento das experiências..."	habitação social, de moradia social. E isso, ia desvalorizar a área..."
<b>Coletivo</b> <b>Aline</b> <b>Arquiteta</b> <b>moradora</b> <b>da</b> <b>região a 20</b> <b>anos</b>	"Então, assim, até atendendo algumas necessidades mesmo dos próprios estudantes, do que que eles sonham para o futuro da cidade.",	"...isso ensina muito mais do que você pensar num lugar que não existe... uma coisa que faz parte do cotidiano deles. Isso fica muito real pra você propor ideias para o aluno pra despertar esse senso crítico do aluno e o senso de responsabilidade também..."	"E aí o pessoal do Atingido pelo Prates junto com o pessoal da PUC, eles promoveram essa oficina com diversos temas e aí lá no Professor Moraes foi desenvolvido junto com os alunos tipo assim, um levantamento do que que eles queriam que fosse aquela área ali do aeroporto. Então era um tema assim, amplo, que envolvia sustentabilidade, que envolvia até questão de criatividade	"As principais motivações? É, primeiro de tudo, a questão dos acidentes, né, que assim atingiu mesmo, literalmente falando, as famílias, né? O pessoal lá do bairro Caiçara, né, que é onde eu morava, é essa foi a motivação maior, assim que foi a de maior impacto, a questão da queda dos aviões, né? E os Problemas que já já assolavam assim, a comunidade que é a questão do barulho. É a questão também da não

			<p>também sabe do que que pode ser ali. Um parque? O que que você gostaria que tivesse no parque? Então, assim, até atendendo algumas necessidades mesmo dos próprios estudantes, do que que eles sonham para o futuro da cidade.”</p>	<p>participação da comunidade dentro do aeroporto, que era como se fosse uma entidade estranha ali, então era um. Há um grande espaço onde eles decolam é, decolavam os aviões que passavam em cima dos bairros, fazendo barulho, de vez em quando caindo em cima das casas. Então essa foi a principal. Isso foi o ponto de partida, né? Para a presente desativação e o coletivo, ele foi criado do desejo dos moradores e pelos próprios moradores. Então, uma coisa levou a outra assim.”</p>
<b>Aluna Gabriela</b>	"Olha, foram as pequenas coisas, n	É o que a gente começa a enxergar as	"Então o que que acontece é,	"Sim, o que que acontece é, essas

<p><b>Cursou 1 ano na escola</b></p>	<p>é? É que nós participamos e que fez diferença. Na minha opinião, os alunos sim, deveriam é fazer parte. Nós sabemos que é nem em tudo, né? Mas em algumas coisas eu acho que os alunos deveriam fazer parte."</p>	<p>“pequenas coisas, né, que fazem a diferença, querendo ou não é. Hoje em dia nós terceirizamos o nosso papel e algo que não deveria acontecer. E grandes coisas que acontecem atualmente são responsabilidade s nossos e que poderiam ser muito bem evitadas, né?” , "Olha, na verdade, eu diria que ele melhorou, porque, como eu disse, é quando nós entramos, é para o ensino médio, a gente tem uma ilusão de que é o básico né? Que é só a questão da</p>	<p>de início, a professora Renata, ela tinha comentado com a gente, né, sobre o projeto e tava sendo distribuído sobre a escola. Cada sala ficaria responsável, mas não a cada ano, se eu não me engano, não é. Ficaria ali responsável por um projeto que a escola estava desenvolvendo. É, mas o terceiro ano se encarregou do projeto, é do aeroporto por conta da necessidade, né? E também nós estávamos também estudando juntos a história da escola.”</p>	<p>informações foram passadas para a gente justamente na nessa aula de português que eu comentei com você e por isso existiu esse debate, não é? É o debate foi justamente as as junções de opiniões para a gente ver se realmente batia as informações e se os porquês da desativação do aeroporto. Eram realmente válidos a ponto de desativar algo que é eu considero hoje como um patrimônio histórico."</p>
--------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		educação, de aprender a matéria e sair dali com o estudo concluído."		
<b>Aluna Luana</b> <b>Cursou 3 anos na escola</b>	"Mudou, mudou bastante, não só para mim, mas eu senti que, enfim, algumas pessoas que participaram desse projeto viram que elas também, sabe, podem participar, questionar não só esses espaços mas também a coordenação, sabe, a escola de, olha, isso aqui não está legal."	"Então não adianta muito a gente se envolver nesses projetos, se envolver é nessas situações e aí, se envolvendo nesses projetos, me deu um ponto de vista diferente, de que a gente tem se resolver e a gente precisa."	"Então, como eu comentei anteriormente, um dos projetos que a professora Renata fez com a gente foi dividir as turmas em grupos, grupos, dentro das próprias turmas, e colocar a gente para redesenhar aquele espaço, então a gente colocou em um papel todo aquele espaço e ali dentro a gente desenhou áreas que a gente acreditava que aquilo ali poderia ser reutilizado,	"A conscientização... É porque esse projeto ele trouxe pra gente, eh eu não sei se posso falar um coletivo, né, porque tem pessoas no meu redor, mas enfim, é, pelo menos pra mim, uma conscientização de não só é de compreender que esses espaços eles precisam ser enfim, questionados de que esses direitos que a gente tem, de que essa voz que a gente tem, ela precisa ser utilizada. Mas

			então, por exemplo, alguns grupos é disseram que talvez seria interessante utilizar aquele espaço para fazer uma biblioteca pública, uma lanchonete, um espaço para os alunos e foi basicamente isso."	também o que a gente precisa cuidar desses espaços, que a gente precisa ter o cuidado não só com esses espaços, mas com os espaços que estão lá ao redor."
<b>Aluna Marisa</b> <b>Cursou 3 anos na escola</b>	"Eu acho que a escola abre muito para participação dos alunos, agora realmente das pessoas de fora de paz. Assim, eu acho que não tanto tinham as reuniões de pais e tudo, mas eu acho que a escola ainda não coloca mesmo os pais e as pessoas que moram ali. É na	"Acredito eu que sim, porque querendo ou não, a gente teve que pensar no que seria melhor para a população local ali, né? Algo que realmente faria diferença na vida das pessoas, acho que isso é vital para a cidadania, né?"	"Isso. Isso é, a professora Renata apresentou pra gente de várias formas, né, esse projeto. E aí acabou que me interessei bastante, achei que seria algum. Que vale a pena tentar, que vale a pena entender, aprender. Achei	"A partir do momento que eu soube, eu entendi que eu tenho que procurar mais das notícias, entender o que acontece perto de mim, porque longe da gente a gente até consegue identificar mais as notícias, mais perto da gente, não sei porque tenho mais dificuldade. E

	<p>região, mas dentro desses."</p>	<p>"Eu acho que assim, né, é? A gente se unir para pensar em uma solução para a população faz parte da cidadania e eu acredito que né, o aeroporto não estava fazendo tanta diferença assim na vida das pessoas. E a gente estava ali tentando procurar uma solução para algo que realmente fosse ajudar quem mora ali perto fosse fazer, foi o que eu falei, fazer a diferença. Então eu acho que isso de tentar se colocar no lugar da pessoa, de tentar pensar em algo que vai</p>	<p>que seria uma experiência legal para mim."          "Eu lembro que a gente olhou os antigos arquivos, né? Da escola, daqueles livros? Ah, esqueci o nome dos livros. Mas é nesses livros, continham as informações dos alunos, dos professores. E a í tinham de vários anos. Aí a gente também fazia preenchimento de planilhas com essas informações para a gente, né?          Fazer tipo uma era uma pesquisa na verdade, né, que a gente estava fazendo e</p>	<p>aí eu entendi o quanto que isso é importante e o quanto é unir mesmo as pessoas que moram ali na região e no bairro é importante para tentar fazer diferença para a população."</p>
--	------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>ajudar todo mundo.</p> <p>Desperta esse pensamento crítico, né? A famosa empatia. E aí a gente foi desenvolvendo mesmo esses pensamentos mais críticos e foi isso."</p>	<p>lembro também que tinha fotos."</p>	
<p><b>Aluno Lúcio</b> <b>Cursou 3 anos na escola</b></p>	<p>"Olha, a questão é que teve uma oportunidade, como eu falei, essa atividade extracurricular com a Renata. Todas as quartas, reunia um grupo de alunos que queriam é trazer a história do bairro. Conhecer mais do bairro E aí eu tive a oportunidade de levar convidados. Meu avô, por exemplo, meu avô, ele nasceu, cresceu e tem 88 anos até hoje ele lembra de v</p>	<p>"Olha, em relação a questão do aeroporto, sim, porque eu fui influenciado, não, fui criado com um senhor, é o meu avô, ele desde pequeno frequentava muito o aeroporto, né? Tem um parquezinho ali, tinha uma pracinha lá e aí ele frequentava muito o aeroporto. E eu</p>	<p>"Tinha na época, a iniciativa dos professores convocarem os alunos para fazerem é um projeto para nós, os alunos, fazermos um projeto referente ao terreno. O que poderia ser feito é o que poderia ser criado, inovado dentro do terreno, do aeroporto Carlos Prates, aí eles instruíram a</p>	<p>"Sim porque cada um merece, né, uma moradia adequada, uma moradia mais independente e com essa questão do aeroporto, proporcionando é dando oportunidade a essas pessoas que precisam. Eu acredito que seria bom sim para as pessoas."</p>

	<p>árias coisas que aconteceu durante os períodos períodos da guerra, sim, não lembra perfeitamente da época que o aeroporto funcionava a todo vapor. Ele pode contar isso, levar para as pessoas a questão que ele tinha na época da liberdade que ele tinha a gente eu tive pouca liberdade."</p>	<p>fui influenciado a acreditar que o aeroporto foi era um era, um marco histórico para o bairro e para a cidade, então, a minha perspectiva para a cidadania era manter o aeroporto, mas depois que veio essas situações assim do fechamento, de ir de tudo, e a gente decidiu criar dentro da planta que a gente, formou também agora que eu estou recordando também a questão de um museu, o museu referente ao aeroporto."</p>	<p>gente lá falando que o aeroporto lá tinha o tamanho de referência a 3 até 3 Campos de futebol. E aí, a gente tinha criado um projeto referente ao tamanho, moradias junto com parque, junto com patrulha é de polícia, juntamente com biblioteca pública e moradias populares também."</p>	
<p><b>Simone mãe de aluna</b></p>	<p>"Sim, eu acho sim. Assim é como eu te falei, no setor, na é</p>	<p>"Acho, achei muito interessante</p>	<p>"Foi a Larissa que me informou sobre</p>	<p>"Maior a maior Conquista em si foi a desativação</p>

	<p>poca da Larissa em si, é. Eu não tive muita essa oportunidade de de envolver assim, né? Com os projetos da escola, os projetos que era chamado, mas as poucas coisas que eu... É, nossa, não estou lembrando agora, no momento que teve que é uniu os professores, pais. É como a feira de ciências, por exemplo, vamos colocar assim. Então eu achei muito interessante. Eu gostei disso, sim.", "Não e assim como são coisas que é que para a participação com os pais também, eu acho interessante e eu acharia legal também ter é reuniões a parte, entendeu? Para que é os pais</p>	<p>porque, colocou na mente deles, eu falo pela minha Larissa, né? É assim, um ato de preocupação com o próximo, o agir do próximo que ele pode ser feito para ajudar o próximo assim, não tinha antes, ela não tinha antes e tão mais abrangente de poxa, eu posso fazer algo para poder ajudar alguém dessa maneira aqui eu posso exercer o meu direito de não querer aceitar algo prejudicando outras pessoas. Então eu achei muito interessante e inteligente da parte da escola</p>	<p>esse projeto.", "...no momento que teve que é uniu os professores, pais. É como a feira de ciências, por exemplo, vamos colocar assim. Então eu achei muito interessante. Eu gostei disso, sim."</p>	<p>do aeroporto, com certeza ali havia muito risco. É, e não só danos físicos, né? E sonoros. Mas assim, as crianças eu conheci, você está num ambiente, num local que você está com medo e correndo o risco o tempo todo, isso atrapalha muito o psicológico. Então assim, a desativação, o projeto têm entrado e ajudado nessa desativação do aeroporto. Foi tudo.", "Olha, eu para mim seria melhor é, um posto de saúde ou escola, é porque parque, acaba que fica com as pracinhas, são usadas para outros meios que a gente j</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	participar, tipo, fazer votação, entendeu?"	por ver os alunos nessa questão de algo por fora, não só por dentro da escola, sabe?", "...ela ver que a ação deles obteve resultado, que ela pode sim levantar a cabeça, levantar uma bandeira que ela vai ser ouvida. Então, isso para mim, na minha concepção de ver isso para ela foi muito bom, foi nessa questão aí."		á sabe e que não vem ao caso citar aqui, né, mas é escolta e posto de saúde, seria realmente excelente para a comunidade em si."
<b>Isabel mãe da aluna</b>	"Eu acho que tem que essa relação, a verdade, ela tem que ser no meu ponto de vista, né? Precisa de existir essa participação nessa presença mesmo dos pais, né? Porque a comunidade ela tem	"Sim, sim, a percepção dela em questão de sociedade, né? De convívio social. Deu para ver uma diferença bem grande assim.", "Então é, eu	"Sim, sim, ela Foi bem participativa e ela gostou bastante.", "Tenho participado."	Sem citação

	<p>que que estar presente na escola, não é? Então assim, a escola, na verdade, ela é uma extensão da casa da gente. Quando o filho não está na casa, em casa, o filho está na escola, não é? Então é essa comunicação entre escola e família, né? É muito, eu vejo assim, que é uma questão de suma importância."</p>	<p>acho que é um projeto de suma importância. Assim que vai, bem, é como que eu considero de suma importância mesmo é para o aluno, porque é até porque, né, esse momento que eles vivem essa fase da adolescência, esse momento, é um momento assim, né, de descobrimento de muita coisa, né? Que desperta é muitos sentimentos, muitas, muitas coisas aflorando então assim. Você levar um aluno, né? Nessa faixa etária e para uma</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		realidade de uma comunidade, n é?		
--	--	--------------------------------------------	--	--